

escrito nas
entrelinhas



ket strapazzon



Escrito nas entrelinhas

KET STRAPAZZON

Copyright © Ket Strapazzon, 2018.

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução, no todo ou em parte, em quaisquer meios.

EDITORAÇÃO E REVISÃO

Gabriella Araújo Silva

CONTATO

ketrinls@yahoo.com.br

[skoob.com.br/usuario/41515](https://www.skoob.com.br/usuario/41515)

[instagram.com/ketstrapazzon](https://www.instagram.com/ketstrapazzon)

I'm a shoreline
Like the seasons, you know I'll change
In time.

(Andrew James, *Shoreline*)

Para Gabriella, que sempre me avisou que eu escreveria este tipo de história.
Você estava certa.

Annabeth Sullivan odiava clichês.

Ela também odiava engarrafamentos no final da tarde, dias de verão sem ar condicionado, nozes carameladas e propagandas sobre panelas. Mas, quando fazia um *ranking* de coisas odiosas, existia um item que sempre ocupava o primeiro lugar: clichês da vida comum.

Gordos, suculentos e piegas.

No fundo, ela sabia que não havia nada de errado com os clichês; o mundo era recheado deles. Comédias românticas que começavam e terminavam da mesma forma, dia dos namorados com jantar à luz de velas, pedidos de casamento em frente à Torre Eiffel e cachorros chamados Spike ou Bob. O planeta Terra era uma grande bola em que as pessoas viviam clichês todos os dias e eram felizes assim. Clichês eram até *saudáveis*, Andrea, sua terapeuta, dissera, porque eles permitiam que as pessoas moldassem uma rotina. Rotina era bom.

Bem, em algum momento, Andrea virara um clichê da vida e Annabeth parara de ir às sessões. Ela não conseguia evitar.

Fugir dos clichês inclusive lhe dera uma carreira, pois, em vez de seguir uma profissão que era tradição na sua família – cinco gerações de advogados muito responsáveis –, Annabeth pulara fora do barco e se tornara escritora de romances policiais, fazendo seu pai desmaiar e sua mãe cortar relações com ela por três anos. E Annabeth era uma escritora muito boa por sinal. Ela amava seus livros e seus leitores que corriam para as livrarias assim que um novo romance da detetive Emma Grant era publicado.

Ou pelo menos costumavam correr para as livrarias quando um novo romance da detetive Emma Grant era publicado. Se ainda corressem, talvez ela não estivesse ali, sozinha e no meio do nada, vivendo um grande clichê na vida de qualquer escritor: o retiro sabático em uma cabana nas montanhas em busca de inspiração.

Annabeth odiava clichês.

Ela bateu a porta do carro e olhou para a sólida cabana que se erguia à sua frente no meio de árvores frondosas e salpicadas de neve. Aquela seria sua morada pelo próximo mês, prazo que recebera de seu agente para começar um romance tão incrível que a faria galgar novamente os degraus dos mais lidos do *The New York Times* e permanecer lá até a velhice. Ou pelo menos até ser desbancada por alguma novela *Young Adult* sobre adolescentes que se

transformavam em lobos ou garotas com superpoderes.

Claro, ela dissera, colocando seu sorriso mais convincente no rosto. Maravilhoso. Só começar? Eu poderia terminar um romance em mês num lugar tão adorável, riu para a cabeça oval de Rich Temble enquanto ele se espreguiçava em sua cadeira de oitocentos dólares e colocava a vida dela em um calendário. Férias nas montanhas? Isolada? Claro que eu amo neve, Rich. Um mês no meio do nada? Que ideia maravilhosa, Rich. Ah, foda-se, Rich, espero que você caia dessa cadeira e quebre seu pescoço.

Claro que ela não dissera essa última frase – em algum recanto do seu ser, ela considerava Rich um bom, apesar de muito exigente, amigo –, mas sua língua queimara na boca, pronta para soltá-la.

Annabeth respirou fundo e subiu os degraus de madeira que levavam até a porta da frente, as botas escorregando no chão úmido. O que faltava agora na fábrica de clichês em que sua vida se transformara? Um grande urso das montanhas aparecer para atacá-la e um caçador rude, porém sedutor, aparecer para salvá-la do destino cruel? Eles se apaixonariam. E viveriam um tórrido romance regado a muito sexo em frente à lareira, deitados sobre um tapete de peles – feito com os restos do urso que o caçador matara ao tentar salvá-la.

Annabeth nunca pensou que, um dia, seria um desses escritores que precisariam se isolar no meio da neve, longe de toda a civilização, para conceber um romance. Ela sempre se virara muito bem no meio da selva de pedra, e suas histórias, que se passavam entre prédios e ruas engarrafadas, eram sempre um sucesso de público e de crítica. Até que... Bem, as coisas simplesmente não saíram mais como o planejado e Rich, agente de outros escritores que sempre precisavam de retiros sabáticos, achou que era chegada a hora de Annabeth passar por aquela experiência. *Você vai voltar renovada, querida.*

Sei.

Ela destrancou a porta e foi atingida pelo cheiro de lugar fechado, misturado com madeira e limão. Seus olhos cansados percorreram a área social que era composta por um sofá e uma poltrona que estavam virados para uma lareira na parede, e à esquerda de quem entrava havia uma pequena mesa redonda circundada por quatro cadeiras e um balcão com uma pia, uma geladeira e armários embutidos em cima. Nos fundos do aposento, uma escada rústica levava a um tablado onde, ela imaginou, provavelmente ficava uma cama. Embaixo da escada, uma miniadega abastecida estava lhe dando as boas-vindas. O lugar era realmente pequeno e *rústico* como Rich prometera. Até demais, se ela levasse em consideração que não havia sinal algum de televisão no único aposento.

Annabeth arrastou sua mala para dentro e deixou-se cair no sofá, exausta.

Naquele momento, sentiu uma vontade enorme de chorar, mas se conteve e respirou fundo. Se era necessário um clichê para reerguê-la, que assim fosse. Ela não voltaria de mãos vazias.



Sua vida começara a desmoronar depois que ela levou um fora em formato de clichê de relacionamento. Annabeth recebeu o famoso “*Não é você, sou eu*”. Com essas palavras, seu ex-marido terminara um casamento de três anos que, para ela, ia *muito bem, obrigada*. O engraçado é que, agora, passados mais de doze meses, Annabeth não conseguia se lembrar muito bem de como a situação toda havia se desenrolado. As fatídicas palavras, dignas de uma novela mexicana, as malas de Mark em cima da cama, as conversas sussurradas dele ao celular com alguém misterioso, a aliança que ele deixou em cima do criado-mudo. O advogado de gravata laranja que lhe explicou a separação de bens, os papéis – um punhado deles – que terminavam de vez com um relacionamento que lhe parecia ótimo antes de Mark dizer que não, não era. Os dois mal se viam, dissera ele. Anna estava o tempo todo enfurnada no escritório escrevendo seus livros. Ele passava o dia, e às vezes as noites, correndo atrás de matérias e furos para o jornal. Depois de um tempo, eles eram apenas conhecidos dividindo o aluguel e não mais marido e mulher. E ele repetiu sobre a mesa do café da manhã – enquanto ela permanecia catatônica tentando entender aquelas palavras – *Não é você, sou eu, Anna, eu nunca vou conseguir ser um marido presente e estar aqui quando você precisar, porque você sabe que eu desejo muito mais do jornal e quanto mais eu subir, mais difíceis as coisas serão. Nós já vivemos como amigos agora. Imagino como as coisas serão no futuro*. Mas ele não lhe dera tempo de explicar que ela não estava infeliz e que não estava se sentindo incomodada com o trabalho dele. Na verdade, ela o entendia e o admirava. O tapete fora tirado debaixo dos seus pés sem que ela tivesse tempo de se preparar para o chão duro.

E podem falar o que quiserem, mas quando você recebe a notícia de que a pessoa que você ama do fundo do seu coração não ama mais você, as coisas podem ficar um pouco complicadas. Annabeth evitara de todas as formas possíveis se afogar nos outros clichês de final de relacionamento – potes de sorvete, choros de madrugada, lançar uma maldição sobre Mark –, mas aquela frustração e a mágoa, aparentemente inevitáveis, acabaram se manifestando de forma muito mais afiada: através de sua escrita.

A pobre heroína de seus romances policiais, Emma Grant, sofreu nas páginas tudo o que uma princesa traída sofreria: a humilhação de ser largada no altar, a morte da mãe, a morte da irmã, a morte do seu cachorro, uma explosão no seu apartamento e, por fim, um tiro na cabeça que a deixou em coma por dois

meses. Tudo isso no mesmo livro. Todas as dores de Annabeth se tornaram as dores de Emma Grant. Ela se sentira expurgada, aliviada e livre. Sentira-se a rainha do drama e a próxima Danielle Steel da ficção policial.

Mas a onda de entusiasmo durou até a primeira crítica ao lançamento do nono livro da série Emma Grant bater na sua cabeça como um porrete. Era terrível, eles disseram. Era uma descaracterização de um personagem complexo. Era o fundo do poço da escritora mais proeminente da última década. O fracasso nas vendas era uma ameaça muito forte à manutenção do seu contrato junto à editora. Ela teria que dar a volta por cima, nem que para isso precisasse se isolar da sua cidade e da sua vida. Ou encontrar outro amor arrebatador.

Obviamente esse último estava fora de cogitação. Para sempre. Então, Rich planejara para que a primeira opção fosse possível.

E ali estava ela agora, exausta, sozinha, com um livro para começar a escrever e pensando seriamente em esvaziar algumas daquelas garrafas tentadoras.

Annabeth acordou sentindo gosto de pó na boca e com a sensação de ter sido atropelada por um caminhão na beira da estrada. Tudo estava girando e uma dor de cabeça absurda pulsava nas têmporas. Atordoada, ficou alguns minutos encarando o teto, tentando se localizar no espaço e na vida. Aquele não era seu quarto com teto de gesso. Aquela lâmpada não era a do lustre que estava acostumada a encarar todas as manhãs. E aquilo embaixo dela definitivamente não era o colchão adaptado que Mark insistira em comprar um ano após o casamento. Depois de cinco minutos atordoada, a realidade lhe veio em ondas bruscas e Annabeth suspirou de desespero. Ela estava na maldita cabana alugada por Rich, deitada no sofá duro da sala, e com uma ressaca de arrasar. Ela havia bebido o tal vinho, afinal.

Levantou-se trôpega, com a cabeça latejando e o estômago embrulhado. Uma garrafa vazia e um cálice pela metade estavam no tapete aos seus pés. Reparou que vestia as mesmas roupas do dia anterior, sem as botas, e ao passar as mãos nos cabelos sentiu-os amassados como um ninho de passarinho.

– Bem-vinda à sua nova vida, Annabeth Sullivan. Isso tudo não é maravilhoso?

Ainda tonta, cambaleou até os armários embutidos da cozinha e começou a abrir gavetas e portas atrás do café. Rich havia garantido que o locador deixaria a cabana pronta para sua estadia, providenciando tudo o que ela precisaria para os primeiros dias. Ela esperava do fundo do seu coração que café fosse uma das prioridades porque, se ela não tomasse café dentro de dez minutos, provavelmente desfaleceria e Rich encontraria seu corpo dali a um mês. E, pior ainda, nenhum romance novo para publicar. Ele nunca a perdoaria.

Ela quase chorou de emoção quando encontrou o café e uma velha cafeteira no armário embaixo da pia. Enquanto o líquido passava pela transformação de água para poção da vida, Annabeth arrancou o colete grosso que lhe apertava o peito e prendeu a bagunça que era seu cabelo num nó no alto da cabeça. Estava frio como a morte ali dentro e ela precisaria aprender a acender a lareira antes que virasse picolé de escritora e morresse como um daqueles pobres coitados que se perdiam no Tibete. Havia muitas formas de morrer ali, ela pensou. Ursos, frio, inanição, provavelmente uma avalanche, como nos filmes. Aquele mês seria uma corrida de obstáculos com Annabeth tentando, todos os dias, sobreviver à vida adversa no meio do nada.

Fechando os olhos, ela se recostou no balcão e cruzou os braços, tentando acalmar a dor de cabeça incessante que martelava seu cérebro. E martelava e martelava. Literalmente martelava. Ela podia até escutar o barulho do martelo contra suas têmporas. Tac. Tac. Tac.

Abriu os olhos.

Franziu o cenho.

Ela estava escutando a porcaria do martelo literalmente bater em algum lugar.

Virou-se confusa para a janela sobre a pia, afastou a cortina e olhou para fora, estreitando os olhos para o meio das árvores.

O martelo não estava só na sua cabeça. Havia alguém batendo aquilo contra alguma coisa do lado de fora de sua cabana.

Esquecendo completamente o café, ela calçou as botas aos tropeços e abriu a porta da frente, mas não havia ninguém ali, o barulho vinha do outro lado. Ainda tonta por causa da ressaca, deu a volta na cabana, quase escorregando nas folhas úmidas do chão.

Ali, deparou-se com uma figura encasacada que pregava uma tábua contra um galpão que ficava nos fundos da cabana. O homem – ela imaginava que fosse, pelo tamanho e largura – continuou o trabalho sem tomar conhecimento da presença dela.

– Ei! – ela gritou para ser ouvida sobre o barulho do martelo.

A figura continuou, alheia a ela.

– Ei! Homem do casaco!

Dessa vez ele parou o que estava fazendo e olhou por sobre o ombro encarando-a, confuso.

Definitivamente um homem, ela concluiu ao encarar dois olhos escuros encimados por sobrancelhas grossas. Ele usava um cachecol que lhe cobria metade do rosto e um gorro que escondia quase toda a outra metade, mas as feições eram definitivamente masculinas.

Ele puxou o cachecol para baixo e sorriu para ela, adiantando-se com a mão enluvada levantada em um cumprimento. Era um sorriso largo e brincalhão que não combinava com o porte do homem.

– Ei, você deve ser a escritora.

Annabeth descruzou os braços e estendeu a mão gelada para ele, que pareceu perceber no último segundo a luva grossa e recolheu a mão para tirá-la.

– Desculpe. – Ele voltou a estender a mão para ela, que sentiu os dedos sumirem dentro da mão grande e nodosa dele. – Sou Zachary Robins. O responsável pela cabana. Prazer em conhecê-la.

– Annabeth Sullivan.

– A escritora?

Ela assentiu, a cabeça ainda enevoada.

– O que você está fazendo?

– Ah, me desculpe, acordei você? Eu imaginei que a essa hora... – Ele pareceu reavaliar as palavras e sorriu. – Desculpe, não tive a intenção de incomodá-la. Eu estava substituindo uma das tábuas velhas. Aqui dentro está o seu estoque de lenha para a lareira, a quantidade deve abastecê-la pelo mês inteiro. Quando estiver acabando, me avise que eu providenciarei mais. O número do meu telefone está na porta da sua geladeira e eu já ativei a linha.

Annabeth assentiu novamente, tentando encontrar sentido no que ele estava falando. Apesar de ter, aparentemente, dormido doze horas, ela ainda tinha sono. O gosto metálico do vinho dentro da sua boca estava começando a lhe dar ânsia.

– Certo. Obrigada. Você poderia parar? Com o martelo, digo. – Ela fez um gesto imitando o movimento que ele estivera fazendo minutos antes contra o galpão. – Parar de colocar tábuas. Nesse lugar.

– Sem problema. Você está bem? – Os olhos dele estreitaram-se, claramente percebendo que ela havia enchido a cara. – Precisa de alguma coisa? Uma aspirina, talvez?

Annabeth franziu o cenho, constrangida.

– Eu não estou bêbada.

– Eu não disse que estava.

– Eu não estou.

– Tudo bem. – Ele abriu o sorriso de criança de novo para ela.

Annabeth trocou o peso de um pé para o outro sem saber exatamente se aquela cena absurda estava realmente acontecendo. Ele largou o martelo no chão e deu alguns passos em direção a ela.

– Você não acendeu a lareira. Vamos, vou ajudá-la.

– Como sabe que eu não acendi a lareira?

Ele apontou para um ponto atrás dos ombros dela.

– Não há fumaça saindo da sua chaminé.

– Ah.

Annabeth coçou a cabeça e resolveu que era hora de tomar as rédeas da situação de volta.

– Não precisa. Eu consigo. Obrigada pela ajuda com a tábua. Se deixar o martelo aí talvez eu mesma termine. Adeus, hã...

– Zach.

– Zach. Prazer em conhecê-lo. Muito legal mesmo. A gente se vê por aí.

Ela acenou para ele, andando de costas, e se virou para voltar para a

cabana.

Se existia uma coisa que Annabeth devia ter aprendido em anos de escrita era que encontros constrangedores sempre evoluíam para mais constrangimento, então não foi nenhuma surpresa quando, ao se virar, o pé dela se prendeu em um galho seco e ela deu de cara no chão, enchendo a boca de folhas molhadas e mortas.

No intervalo de milésimos de segundos em que sua cara ficou lá contra o chão, ela amaldiçoou o vinho, as videiras e todas as pessoas envolvidas no processo de levar aquela garrafa até ela.

– Jesus Cristo! – Zach foi ao encontro dela e a pegou pelo braço, ajudando Annabeth a se levantar. – Você está bem?

Ela se desvencilhou dele bruscamente, a humilhação tingindo seu rosto de rosa.

– Estou ótima. Obrigada. Desculpe.

– Você se machucou?

– Além do meu orgulho, que acabou de levar uma surra, acho que o resto está intacto.

– Seu rosto. – Ele fez sinal para a bochecha dela. – Tem uma folha pendurada.

Ela passou a mão nas faces e uma folhinha amarela voou para longe.

– Maravilhoso – murmurou enquanto dava as costas para o homem do casaco e voltava para dentro. – Férias nas montanhas era tudo o que eu precisava para aumentar a humilhação que é a minha vida. – Ela foi direto até a cafeteira e encheu uma xícara, que levou até o sofá. Sem se importar com a roupa que agora estava suja, se deixou cair lá e saboreou o café de olhos fechados. Se ela se concentrasse bastante, talvez poderes de gênio se manifestassem e ela pudesse apagar aqueles quinze minutos vexatórios da sua lista já gigantesca de vexames.

Talvez toda aquela cena tivesse sido um sonho esquisito causado pelo vinho e, quando abrisse os olhos, estaria ainda deitada no sofá, tentando entender que lugar era aquele. Mas ela não era Emma Grant e aquela cena infelizmente não poderia ser reescrita.

– Jesus.

Ela deixou escapar um suspiro e, depois de terminar de tomar o café, subiu as escadas que levavam à plataforma, onde uma cama larga estava disposta com criados-mudos que combinavam, um de cada lado. Ela precisava de um banho quente, roupas limpas e uma pancada na cabeça para esquecer de tudo.

Annabeth se sentou em frente ao laptop e se perguntou o que Emma Grant faria a seguir para sair do buraco de fracasso em que estava enfiada. Com uma xícara de café fresco nas mãos, ela estudou a paisagem que aos poucos ia escurecendo do lado de fora da cabana e as árvores que ganhavam contornos assustadores enquanto o vento balançava seus galhos. Sua personagem precisava de um novo rumo. De uma nova aventura excitante e fabulosa que convencesse os expectadores de que ela estava de volta, firme e forte para caçar bandidos e levar tiros durante fugas mirabolantes.

Ela precisava gritar para o mundo que Annabeth estava de volta, de braços dados com Emma. E aquele livro era a sua chance.

Ela deu um gole no café e estremeceu de frio dentro do casaco. Olhou para trás e fez uma careta para a lareira apagada. Ela devia ter aceitado a oferta do Senhor Casaco. A cabana estava fria como a morte e as tentativas de acender o fogo haviam sido frustradas e irritantes. Annabeth terminara com as mãos arranhadas e uma pilha de folhas de papel amassadas que não tinham entrado em combustão mágica e instantânea. No terceiro livro da série, Emma tivera que fazer uma fogueira no meio do mato ao se perder durante uma perseguição e tudo dera certo, mas aquelas podiam ser consertadas de modos muito mais fáceis nos livros.

Batendo palmas para aquecer as mãos, Annabeth voltou sua atenção para a tela vazia e os dedos pairaram sobre as teclas, indecisos.

“Capítulo 1”

Ok. Um bom começo. Agora tudo fluiria. Annabeth mordeu o lábio, respirou fundo e esperou pelas próximas linhas. Seus dedos pairaram sobre o teclado na expectativa.

– Vamos lá, Annabeth.

Três batidas na porta a fizeram saltar na cadeira como um coelho e a praguejar como um minerador. Ela se levantou rapidamente, apertando o casaco ao redor de si e repassando na mente todos os roteiros que conhecia envolvendo cabanas nas montanhas, mulheres sozinhas e visitas inesperadas. Pelo que ela lembrava, a maioria terminava mal e envolvia algum tipo de assassino em série. Por precaução, ela pegou o atizador da lareira antes de se dirigir para a porta.

– Quem está aí?

– Gabriel. – A voz veio abafada através da porta.

Quem diabos era Gabriel? Annabeth apertou o atizador com força na

mão e o segurou atrás das costas.

– Me desculpe, não conheço nenhum Gabriel.

Outro som abafado atravessou a porta como se o interlocutor estivesse bufando.

– Gabriel White. Você falou com meu sócio hoje pela manhã, Zach. Zachary.

– Ele não me disse que tinha um sócio.

Outro som impaciente. O que ele esperava? Que ela, uma cidadã criada entre becos e ruas movimentadas com uma taxa de homicídio estratosférica e ainda dotada com uma imaginação fértil, abrisse a porta para um desconhecido qualquer?

– Olha, eu vim trazer para você a chave do barracão de lenha lá atrás e um kit de primeiros socorros que sempre disponibilizamos para os hóspedes. Zachary esqueceu de deixar com você mais cedo. Vou deixar aqui no chão. Passar bem.

Tudo bem, talvez ela estivesse reagindo de forma muito exagerada. Depressa, Annabeth abriu a porta a tempo de ver as costas do tal Gabriel prestes a descer a escada. Por via das dúvidas, manteve o atizador de lareira escondido atrás das costas.

– Ei!

Ele parou e se virou para ela.

O primeiro pensamento de Annabeth foi de que aquilo não era um ser humano. Não daquele tamanho. Ela tinha achado que o Sr. Casaco – Zach – era um homem grande, mas aquele ali com certeza estabelecia um novo parâmetro na escala de homens grandes da face da Terra. A cabeça de Gabriel – se esse fosse realmente seu nome e não uma alcunha de assassino em série – quase alcançava o teto da varanda e ele tinha pelo menos quatro vezes a largura dela. A cabeça de escritora de Annabeth rapidamente pensou em ursos, lutadores de MMA, capas eróticas de romances de banca e Superman dos desenhos animados. Ele tinha o tamanho de todas aquelas coisas. Juntas.

Ela sabia que sua boca estava aberta e que seu olhar provavelmente também estava escancarado. Ele voltou dois passos e Annabeth precisou erguer a cabeça para alcançar os olhos dele. O homem estava usando gorro e um casaco fechado até o queixo, o que escondia parcialmente suas feições. Tudo que ela podia ver com clareza eram os seus olhos.

– Annabeth, certo? – Ela assentiu. – Eu ou Zachary geralmente providenciamos todas essas coisas com antecedência para os hóspedes, mas esta cabana só foi desocupada há dois dias e isso acabou ficando para depois.

Ele estendeu uma caixinha branca com duas chaves pequenas em cima.

– Obrigada. – Annabeth abriu mais a porta e estendeu a mão livre para pegar a caixa. – Não precisava se incomodar – acrescentou ao perceber que, ao contrário do sócio, Gabriel não tinha cara de muitos amigos.

– Tudo certo com a cabana? Você testou o chuveiro? – Ele apontou com o queixo para o espaço atrás dela.

– Testei, funciona perfeitamente.

– Tudo bem, então. – Ele lhe deu as costas e se afastou.

– Sr. White?

Ele parou e se virou para ela, as sobrancelhas franzidas. Annabeth trocou o peso do corpo de um pé para o outro.

– Seria muito incômodo se você, hã, acendesse minha lareira?

– Você sabe que a cabana possui aquecimento interno, certo?

– Claro que eu sei que a cabana possui sistema de aquecimento interno. – Era mentira, mas ela não admitiria isso nem em um milhão de anos. Não para ele. – Mas eu acho a lareira... charmosa. Aconchegante. Quero dizer, eu... eu sou uma escritora. Essas coisas criam um clima. Você sabe.

Ele olhou para ela por alguns segundos, o cenho franzido como se avaliasse se ela era louca ou não. Então voltou sem dizer uma única palavra e Annabeth deu espaço para ele passar. Enquanto Gabriel se abaixava em frente à lareira, ela escondeu discretamente o atizador atrás da porta da frente.

Não que uma mulher não devesse se preocupar com a própria segurança, claro.

Ela o observou pegar a lenha seca e ajeitá-la de forma muito mais precisa do que ela havia feito durante a tarde. Ele fez sinal para que ela se aproximasse.

– Tente sempre dispor a madeira desse jeito. Esse vidro aqui ao lado – ele apontou para uma garrafa que Annabeth não tinha notado até então – é um fluido para facilitar o processo. Jogue um pouco sobre as toras e depois aproxime um fósforo aceso. Com cuidado. – Ele fez exatamente aquilo e uma chama preguiçosa se ergueu sobre a madeira. – Agora é só esperar, não deve demorar muito. Você tem bastante lenha aqui para a noite toda. Se acabar, ao lado da porta dos fundos há mais. Conseguiu compreender?

Annabeth estreitou os olhos, insultada.

– Obviamente eu consegui entender, Sr. White.

– Bom. Espero que sim. Nós teremos uma tempestade de neve nos próximos dias e dificilmente conseguiremos vir até aqui acender a sua lareira, Srta. Sullivan.

– Você não será necessário, não se preocupe, Sr. White. Eu posso muito bem dar conta de uma lareira pelas próximas noites. E, caso eu precise de alguma coisa, pode ter certeza de que contatarei o simpático Sr. Robins – ela

disse, fazendo questão de colocar ênfase em *simpático*.

Annabeth esperava que a empresa responsável pelas cabanas tivesse uma seção de reclamação, porque ela adoraria expressar sua opinião sobre o nada simpático Gabriel White. Ele se levantou e Annabeth deu um passo perceptível para trás, saindo do caminho daquela coisa gigantesca.

– Não ligue para ele. Ligue para mim.

– E por que eu faria isso?

– Porque Zach e a esposa acabaram de ter um bebê e os serviços da noite estão por minha conta.

Obviamente que, caso Annabeth precisasse de algo, ela seria atendida pelo ogro de três metros e não pelo sócio simpático e sorridente. Ela estava começando a acreditar em marés de azar e em destinos amaldiçoados. Talvez ela devesse se tornar freira e se mudar para um mosteiro no alto de uma montanha. Nada poderia dar errado lá.

– Eu não tenho intenção alguma de incomodá-lo, Sr. White. Você pode dormir sossegado. – *Na sua caverna, como um urso*, ela quase completou.

– Bom – ele grunhiu.

Um monte de dentes brancos cintilou para ela quando o ogro deu um tipo de sorriso enviesado. Annabeth, no alto dos seus um metro e sessenta, sentiu uma vontade incontrolável de levar seu punho – fechado e com força – até a cara dele.

Mas Gabriel não lhe deu a chance de realizar esse desejo, pois rumou para fora com passos largos, deixando a porta aberta atrás de si. Annabeth soltou um suspiro de frustração. Era só o que faltava: seu período sabático e forçado de descanso ser arruinado por um homem que ela mal conhecia. Um homem grosseiro, mal-educado e gigantesco! Um verdadeiro brutamontes, um grande...

De repente, dentro do cérebro de Annabeth, alguns fios fizeram uma conexão certa e uma ideia germinou como uma sementinha saindo da terra pedregosa. A escritora correu para o laptop e se deixou cair na cadeira, exultante.

Ela sabia exatamente como começar o novo livro.

Ela escreveu direto por dois dias.

Annabeth entrou em um estado frenético de ideias, que precisavam ser colocadas no papel antes que o pico de inspiração quebrasse ou esfriasse. Ela sabia que isso aconteceria. Era assim que seus romances eram concebidos. Entre altos e baixos, entre momentos de criação alucinada e momentos de revisão e contemplação do que tinha colocado para fora. Mark costumava chamar aqueles momentos de *A caverna de Anna*, porque, quando Annabeth era atingida por aquele êxtase, nada nem ninguém conseguia dissuadi-la de sair da frente do computador. Ela precisava colocar tudo para fora. Ela precisava libertar aquelas ideias.

Durante aquele período, ela tinha uma vaga ideia do que fizera além de escrever. Annabeth tinha se levantado para ir ao banheiro – uma necessidade básica. Também tinha feito dezenas de xícaras de café forte para mantê-la acordada noite adentro. E, em algum momento, ela também havia consumido duas barras de chocolate e um pacote de biscoitos de amendoim, duas latas de atum e alguns tomates. Se Annabeth tinha feito algo além disso, ela provavelmente não se lembrava. Sua mente estava totalmente focada em Emma Grant e seu novo – e irritante e arrogante e gigantesco parceiro – Galiel Black.

Annabeth se espreguiçou na cadeira e encarou as árvores que balançavam lá fora. Aquela tinha sido uma ideia genial e que, ela sabia, renderia bons frutos. Como ela nunca tinha pensado nisso antes? Emma Grant sempre trabalhara sozinha. Mesmo quando tivera que encarar uma gangue de vinte homens armados em sua quarta aventura (*Meia-noite em Chamas*, que ficara dez semanas na lista de mais vendidos do *The New York Times*), ela fizera tudo sozinha. Mas talvez agora fosse hora de sua heroína dividir o palco com outro personagem. E não qualquer personagem. Mas sim um homem que a provocaria ao extremo e faria Emma ter que repensar sua própria carreira. Um parceiro tão insuportável que o público leria até a última página torcendo para que Emma o colocasse em seu devido lugar.

Galiel Black seria o novo parceiro e a nova nêmesis de Emma Grant.

Annabeth estava eufórica.

E com frio, ela se deu conta de repente. E com fome. E com sede. Não sabia que horas eram, mas naquele lugar ela nunca conseguia definir isso ao certo. Os dias pareciam sempre final de tarde, com um vento cortante e uma luz

difusa mal atravessando a copa das árvores.

Annabeth se levantou da cadeira e inspecionou os armários. Lá dentro ainda restavam os poucos mantimentos de uma batalha que durara vários dias: um pacote de café, uma caixa de leite, um pacotinho de castanhas e açúcar.

Bem, se ela quisesse sobreviver pelos próximos dias, precisaria colocar um casaco e descer até o centro da cidade aos pés da montanha para se abastecer. Annabeth relanceou os olhos para a paisagem lá fora e suspirou. Ela não tinha vontade alguma de pegar o carro e empregar uma descida de sete quilômetros até a loja de conveniências, mas, se não fizesse aquilo, em breve ela não teria mais café e sem café ela cairia de cara em cima do teclado e o trabalho ficaria incompleto. Aquela história era importante demais para ser adiada por causa da preguiça dela em dar uma voltinha de carro. Eram quatro horas da tarde – apesar de lá a noite parecer eminente –, se ela se apressasse, tinha certeza de que estaria de volta antes das seis e o trabalho poderia continuar por horas.

Sacudindo o cansaço acumulado de dois dias mal dormidos, ela se enfiou dentro do casaco, lembrou de enrolar um cachecol no pescoço e calçou luvas grossas. O carro pegou na primeira tentativa, apesar de parecer tão congelado quanto ela, e Annabeth fez o percurso montanha abaixo em menos tempo do que imaginava. As estradas estavam vazias e limpas, havia lindas e belas montanhas coroando sua passagem e, se não fosse o vento cortante como uma navalha, bem que ela gostaria de abrir a janela e sentir um pouco daquele ar puro. Ela estava feliz! Uma grande ideia, um romance sendo escrito, um canto de paz e sossego. Parecia que, finalmente, todas as provações dos últimos meses estavam sendo compensadas com um punhado de boa sorte e paz.

Quando voltasse, Annabeth decidiu que enviaria uma mensagem para Rich agradecendo a ideia maravilhosa de tê-la enfiado em uma cabana no meio do nada. Quem diria que aquela ideia – a princípio um clichê horroroso – daria tão certo!

Depois de muitas curvas acentuadas, montanha abaixo, ela finalmente chegou e estacionou o carro em frente à loja de conveniências. Quando entrou, deu de cara com os olhos arregalados de uma velha senhora que a observava por cima do balcão.

– Olá! Sou Annabeth Sullivan – ela se apresentou, possuída por aquele bom humor recente e inspirador. Ela amava o seu novo livro. Ela amava o mundo. Ela amava até aquela senhorinha com cabelos cor de lilás que parecia ter visto um fantasma.

– Minha pobre garota, o que está fazendo aqui?

Annabeth franziu o cenho. Qualquer que fosse a resposta que estava esperando, não era aquela.

– Vim fazer... compras. – Ela apontou para uma cesta próxima ao caixa.

– Ora, mas que insensatez! Você não é uma das hóspedes das cabanas? Pois eu vou torcer o pescoço daqueles dois quando eles passarem por aqui! Deixando uma hóspede vagar assim em um momento desses! Volte já para seu carro, mocinha, e vá para a sua cabana. Eu vou avisar Zachary para que fique de olho em você e verifique se chegou bem.

A senhorinha enfezada deu a volta no balcão e, antes que o cérebro de Annabeth começasse a processar o que estava acontecendo, a mulher começou a empurrá-la para a porta – com mais força do que Annabeth imaginou que ela pudesse possuir. Aquela era a tal recepção amistosa dos povos das montanhas? Annabeth estava começando a imaginar que todos ali eram um pouco malucos.

– Mas o que...

– Já para o seu carro. Vamos, vamos.

– Ok. Só um minuto, por favor. – Annabeth se desvencilhou do empurrão da velha senhora e se postou dois metros longe dela, de forma defensiva. – Eu realmente não estou entendendo o que está acontecendo aqui. Eu quero café e biscoitos e chocolates e eu juro que vou pagar. Em dinheiro. Eu não entendo por que a senhora está tentando me colocar para fora. Existe algum horário de recolher nas montanhas que eu não estou sabendo?

– Ah, coitadinha, você tem problemas de cabeça?

– O quê?!

– Zach e Gabe não me avisaram que estavam hospedando uma moça devagar.

– Eu não sou uma moça... devagar! – Annabeth disse, estupefata.

– Claro que não, coração. Eu vou ligar para Gabriel vir buscá-la.

O quê? O urso? Não!

Annabeth se postou na frente da mulher quando ela fez sinal de voltar para trás do balcão.

– Olhe. Tudo bem. Eu não preciso de carona, posso assegurar para a senhora que sei me virar muito bem sozinha. Minha cabeça está em ótimo estado, inclusive estou escrevendo o próximo *best-seller* do *The New York Times*, posso lhe assegurar. Quem sabe depois eu não possa enviar um exemplar autografado para a senhora? O que acha? Mas, no momento, eu realmente não estou entendendo por que estou sendo colocada para fora!

– A tempestade, minha querida! – disse como se Annabeth fosse realmente estranha da cabeça. – Beauty Lake será atingida por uma tempestade de neve esta noite e o alarme já foi dado. Todos devem permanecer em suas casas até ordem contrária. Você não deveria estar aqui! Eu mesma estava fechando a loja, pois a previsão é de pelo menos dois metros de neve.

Uma tempestade de neve? Em algum canto obscuro da mente de Annabeth, aquelas palavras estavam saltando como cabritos e chamando sua atenção. Ela já tinha escutado aquilo antes. De quem? Zachary?

Gabriel White.

Gabriel White lhe dissera que uma tempestade de neve estaria chegando nos próximos dias e que, se ela precisasse de algo, deveria ligar para ele. Obviamente ela arquivara aquela informação em um baú lacrado no sótão de sua mente como tudo mais que aquele ogro lhe dissera.

Mas, bem... Ao que parecia, aquela informação era realmente importante.

Então um tremor de pânico começou a formigar na base da sua espinha. Uma tempestade de neve! O que ela faria numa tempestade de neve? Ela morara na Califórnia sua vida inteira, pelo amor de Deus! O que Rich estava pensando quando a enviou para um lugar que era atingido por nevascas? Tudo o que Annabeth sabia sobre tempestades de neve é que elas eram cruéis e sitiavam pessoas e depois essas pessoas morriam de frio ou de fome ou perdiam o nariz ou... Se pelo menos ela tivesse escrito alguma aventura da Emma se passando no Alasca, agora ela teria alguma noção de como sobreviver em uma situação com aquela.

– Aqui, querida. – Seus pensamentos catastróficos foram interrompidos quando a velha senhora jogou um pacote pesado nos braços de Annabeth. – Esse é o nosso kit para tempestades de neves. Aqui. – A mulher jogou mais coisas dentro do saco. – Leve alguns chocolates também. Antes de sair pela porta, pegue um galão de água. Eu sei que os meninos costumam equipar as dispensas das cabanas com muita água para o caso de o encanamento congelar, mas é sempre bom se precaver, não é? Não se preocupe em pagar, eu cobro a conta depois de um deles. Vá, querida! Corra! Deixe que eu ligo para Zachary e aviso que você está subindo a montanha para que ele fique de olho.

Então uma Annabeth em pânico foi empurrada porta afora por uma velha com metade do seu tamanho. O que era curioso, visto que Annabeth já era pequena. Do lado de fora, para horror de Annabeth, uma fina camada de neve estava se acumulando sobre o carro. Ela agiu no automático. Jogou as compras no banco de trás, inclusive a água, e pisou no acelerador como se a sua vida dependesse disso. O que provavelmente era verdade.

Aquilo não podia estar acontecendo! Tudo estava indo tão bem e ela estava feliz e agora provavelmente morreria congelada numa nevasca ao subir a montanha e seu corpo seria encontrado dali a dois meses na época do degelo. Então seus dez capítulos seriam encontrados no computador e postados postumamente com uma introdução feita por Mark – Claro que seria por Mark! – e ela entraria para a estatística de escritores que haviam morrido de forma

trágica!

Não!

Ela não morreria em uma nevasca qualquer com um *best-seller* inacabado. Nem que ela tivesse que fazer o jipe voar estrada cima. E foi o que ela fez. Annabeth pisou fundo no acelerador e tentou não entrar em pânico quando a neve se intensificou. Ela tentou lembrar se aquele carro tinha algum tipo de tração especial, mas aquele era alugado e ela não se preocupara em pedir aquelas informações na concessionária. Afinal, como diabos ela ia saber que, no futuro, seria atacada por uma nevasca? Rich lhe dissera que a neve naquelas montanhas era para turistas, coisa pouca. Rich não sabia droga nenhuma sobre montanhas.

Quando os pneus escorregaram de forma perigosa para fora da estrada, Annabeth instintivamente puxou a direção, pisou no freio e praguejou quando as rodas começaram a deslizar. Tarde demais, ela se lembrou que tirar o pé do freio e deixar o carro parar por conta própria era o mais seguro a se fazer.

Ela segurou firme no volante e deixou o carro decidir o seu destino.

Gabriel White estava exausto.

Ele estava em pé desde as cinco da manhã consertando encanamentos, ajustando calefações e convencendo turistas insensatos que não, eles não deveriam ficar do lado de fora de suas cabanas quando a neve começasse a cair para construir bonecos. A neve no topo de Beauty Lake não era do tipo recreativa. Era pesada e furiosa e ficar à mercê dela era suicídio.

E havia as crianças. Uma dúzia delas que desobedeciam às ordens dos pais e corriam à beira do lago a um passo de caírem na água congelada e estragarem o feriado de todo mundo. Ou atravessavam a rua enquanto as mães tiravam selfies com a floresta de fundo. Ou gritavam por qualquer motivo que crianças gritassem. Gabriel tinha cruzado com crianças e seus pais o dia todo, tentando, a duras penas, enviar todo mundo de volta às cabanas antes que o tempo ficasse mortal.

Ele e Zachary estavam mais do que acostumados a lidar com aquela situação durante todos os anos – muitas cabanas, muitos visitantes, muita neve, muitos problemas para resolver – mas os dois também tinham um acordo: enquanto Gabriel era responsável pelas cabanas, pelas contas a pagar e por resolver todo assunto burocrático, Zachary era quem lidava com os hóspedes, seus filhos e seus animais de estimação – e os problemas que eles causavam. Ambos haviam chegado a um consenso no início do negócio de que Zach possuía muito mais tato para lidar com pessoas do que Gabe. Gabriel não era avesso à gente, mas sua personalidade simplesmente não era do tipo que se moldava ou abria às pessoas. Ele era quieto, sério e prestativo. O tipo de homem que lhe estenderia a mão para ajudar, mas não ficaria para dividir uma cerveja ao fim do dia.

Mas, com a chegada de um novo integrante na família Robins, Gabriel sabia que teria que segurar as pontas e ficar à frente do negócio enquanto Zachary dedicava seu tempo à família. Era justo. Mas também era assustador. Gabriel nunca se sentira tão acuado, irritado ou nervoso quanto naquele fim de tarde, às vésperas de uma tempestade de neve. Seu corpo doía e sua cabeça parecia que explodiria ao menor movimento.

Ele não sabia como Zachary fazia aquilo – lidar com toda aquelas crianças e pais e avós e namorados em lua de mel –, mas ele o admirava muito mais depois de ter passado por todo aquele purgatório e sobrevivido.

Naquele fim de tarde, ele tirou o casaco, se largou em uma cadeira e

abriu uma cerveja, murmurando uma prece de agradecimento para qualquer que fosse a entidade que o havia protegido naquele dia. No fim das contas, ele estava com tudo sob controle. Os dois carros com pneus preparados para a neve estavam estacionados em plataformas do lado de fora da sua casa – e escritório do Cabanas Beauty Lake –, os três celulares de emergência e o telefone fixo estavam funcionando, todas as cabanas haviam sido inspecionadas antes de serem alugadas e os hóspedes, apesar da prisão forçada por dois ou três dias, tinham todos os confortos e comodidades. Caso acontecesse alguma emergência, ele estava preparado para atendê-la e, caso algo de mais grave viesse a acontecer, Zachary também estaria a postos. Os dois tinham nascido em Beauty Lake e lidar com o tempo caprichoso do lugar era algo que ambos tiravam de letra.

Tudo estava sob controle.

Ele até estava pesando em tirar um cochilo ali mesmo na cadeira quando um dos telefones de emergência tocou.

Gabriel atendeu a ligação já se dirigindo para a porta, pronto para se deslocar caso fosse necessário. Do outro lado da linha, a velha Tracy da loja de conveniências estava soltando uma série de impropérios que envolviam arrancar a cabeça dele e de Zachary do pescoço, depois jogar seus corpos no lago por serem descuidados com uma hóspede. Quando Gabriel conseguiu tirar um sentido de tudo que ela estava dizendo, ele rangeu os dentes.

Ela estava falando de Annabeth Sullivan. A escritora da cabana cinco.

– Tracy, acalme-se. Explique de novo. Você está me dizendo que ela está na estrada? Agora?

– Ela acabou de sair daqui! Uma mocinha da cidade grande que, tenho certeza, não sabe nada sobre tempestades das montanhas. Você precisava ver. A coitadinha estava alheia, alheia! Não sabia nada sobre a tempestade. Duvido até que soubesse onde estava! Eu estou muito admirada, Gabriel White, que você e Zachary não tenham dito a ela que...

– Tracy. Tracy. Me escute. Se ela acabou de sair da loja, ainda posso alcançá-la e seguir o carro dela até a cabana. Não se preocupe.

– É bom mesmo que faça isso! Garanta que aquela pobre menina chegue à cabana em segurança. Ela nem estava usando um casaco adequado, Gabriel!

Ele apostava que ela não estava mesmo. A primeira impressão que ele tivera dela durante o encontro deles na cabana fora de uma mulher pequena, desconfiada e totalmente alheia ao ambiente em que estava. A Srta. Sullivan parecia ser o tipo de hóspede que alugava a cabana apenas para tirar fotos para postar nas redes sociais em um momento de comunhão com a natureza. Tracy costumava chamar esses hóspedes de hippies chiques – uma expressão que ela vira em uma revista famosa sobre roteiros turísticos.

Gabriel tinha anos o suficiente no ofício para saber que esse tipo de hóspede geralmente se metia em confusão. E a Srta. Sullivan não seria uma exceção. O problema é que ela não estava sendo apenas incômoda, ela estava colocando a própria vida em risco! Ele não tinha avisado a ela que uma tempestade estava se aproximando?

Ele não perdeu mais tempo. Desligou o telefone e entrou no carro tracionado o mais rápido que pôde. Em segundos, havia feito a curva em frente à loja de conveniências e estava subindo a montanha, tentando detectar um sinal do jipe dela.

E não demorou muito para alcançá-la. Seu coração parou na garganta quando avistou o carro atravessado no meio das duas pistas, com neve cobrindo os vidros e impedindo que ele vislumbrasse sua ocupante.

– Diabos!

Ele parou o próprio carro atrás do jipe e desceu, as botas afundando na neve que já se acumulava. Quando alcançou a maçaneta do lado do motorista, para sua surpresa, a porta se abriu num safanão e ele quase foi jogado de costas no chão.

– Eu preciso de uma carona – ela disse enquanto descia do carro e parava ao lado dele. – Não acho que o meu carro vá sair desse lugar.

– Você acha? – Ela falava como se estivesse esperando um táxi e ele tivesse aparecido convenientemente para atender ao chamado dela. – O que diabos você está fazendo no meio da estrada durante uma tempestade de neve?

– Eu estava voltando da loja de conveniência.

– Por que você não aproveitou e deu uma passadinha no shopping? – ele resmungou enquanto fechava a porta dela com força.

– Porque não existe nenhum shopping em um raio de cinquenta quilômetros. E não há necessidade de usar esse tom comigo, Sr. White, nós não temos essa intimidade! – ela gritou enquanto seguia até o carro dele.

– Graças a Deus, não – ele sussurrou enquanto a seguia.

– Há compras no banco de trás, eu preciso delas!

– Claro, Vossa Majestade. – Ele trincou os dentes e voltou para pegar o que ela pedira.

Aquele era o final perfeito para seu dia no inferno, Gabriel pensou, enquanto afundava os pés na neve ao voltar para o carro, os braços carregados com as sacolas da *Tracy's*. Sua missão era resgatar a princesa da cidade grande que quase se matara numa tempestade porque não tinha consciência nenhuma de que a paisagem não servia apenas para aparecer em fotos do *Instagram*. Aquele lugar podia arrastar seu corpo para baixo e devolver só no degelo. Bem, ele lhe concederia algumas aulas bem ríspidas sobre sobrevivência nas montanhas!

Ele entrou no carro, já sem paciência, mas, antes que pudesse abrir a boca, notou que a mulher ao seu lado estava tremendo. E não era de frio. Ele sabia reconhecer tremores como aquele. A Srta. Sullivan estava entrando em estado de choque. E aquela era a última coisa que eles precisavam naquele momento.

– Srta. Sullivan. – Ele colocou a mão no rosto dela e ergueu o rosto estático para que os olhos de ambos ficassem no mesmo nível. – Srta. Sullivan? Annabeth? – Um pequeno sinal de reconhecimento perspassou a expressão dela. – Annabeth, eu quero que você coloque a cabeça entre os joelhos e respire fundo. Você me entendeu? – Ela fez um imperceptível gesto de afirmativa e fez o que ele pedira. – Respire fundo agora. Outra vez. Mais uma. Muito bem.

Quando a cor pareceu estar voltando para o rosto dela, Gabriel tirou a mão da nuca de Annabeth e deixou que ela se erguesse devagar.

– Coloque o cinto e continue respirando fundo. Estaremos na cabana em quinze minutos. Consegue aguentar até lá?

Ela apertou os lábios um contra o outro até ficarem brancos, mas assentiu.

– Ótimo.

Ele estava certo quanto ao tempo. Em quinze minutos, os pneus tracionados derraparam em frente à cabana número cinco e ele precisou dar a volta para ajudar Annabeth a cruzar o caminho até a porta da frente porque ela escorregou na neve e simplesmente cambaleou, caindo sobre as mãos, atordoada.

Zachary costumava dizer que Gabriel tinha o tato de uma porta de madeira para lidar com seres humanos, mas ele apostava que, se Zachary estivesse ali, ele lhe entregaria uma medalha. Ele apoiou Annabeth até chegarem ao sofá da área social e vasculhou as sacolas de Tracy à procura de um chocolate.

– Coma. – Ele lhe estendeu uma barrinha de chocolate. – Você se sentirá melhor depois que fizer isso. – Percebendo que ela ainda estava tremendo e seus olhos estavam vidrados e distantes, ele se agachou e tirou as botas molhadas e as meias de Annabeth. Quando ergueu o olhar e percebeu que ela encarava o chocolate sem saber o que fazer, Gabriel pegou a embalagem, abriu e colocou um pedaço na mão dela. Annabeth pareceu despertar aos poucos do transe e instintivamente levou o chocolate à boca. – Boa garota. Coma tudo.

Gabriel se ergueu e pegou a manta que estava sobre o sofá, jogando-a sobre os ombros de Annabeth. Ela precisava se aquecer. Ele deu uma rápida olhada na direção da lareira e percebeu que a madeira ali não seria suficiente para o período que ela teria pela frente.

– Fique sentada e, caso se sinta pior, coloque a cabeça entre os joelhos

novamente. Preciso buscar lenha enquanto ainda podemos caminhar lá fora. Não é seguro confiar apenas no aquecimento interno em situações como essa.

Nos dez minutos em que ele demorou para fazer isso, o volume de neve aumentou consideravelmente, atingiu a varanda e cobriu os pneus do carro. A escuridão já era total e não era mais possível distinguir com clareza as árvores do lado de fora. Gabriel fechou a porta dos fundos com um suspiro resignado e tirou o casaco e as botas que estavam úmidas. Com duas passadas, ele cruzou a sala e se sentou na poltrona em frente à Annabeth. A cor estava voltando aos poucos para as faces pálidas dela.

Annabeth trouxe a manta mais para perto do peito, aninhando-se dentro dela, e puxou os pés para cima do sofá. Gabriel passou uma mão no cabelo e massageou um ponto entre os olhos, sem acreditar no que acabara de acontecer.

– Srta. Sullivan, tenho uma notícia boa e uma ruim. Qual das duas quer escutar antes?

Annabeth, que ainda mastigava o chocolate em silêncio, levantou os olhos devagar para ele.

– Eu não acredito que você tenha qualquer notícia boa neste momento, Sr. White.

– Talvez você esteja certa, mas vou contá-las do mesmo jeito. A boa notícia é que você está a salvo de uma tempestade de neve.

Ela piscou aqueles olhos ridiculamente grandes para ele.

– E a má?

– A má notícia é que você também ficará pelo menos três dias presa aqui dentro sem poder sair.

– Isso não me parece tão ruim – ela sussurrou e se deixou cair contra o encosto do sofá, com os olhos fechados. – O tempo lá fora não parece convidativo para um passeio pelo lago.

– Não parece ruim porque você não me deixou terminar. Você está presa na cabana pelos próximos dias. – Ele se recostou contra a poltrona e encarou a forma do corpo dela do outro lado. – E eu também.

~*~

Annabeth não conseguiu reprimir a gargalhada que tomou conta dela no instante em que aquelas últimas palavras saíram da boca de Gabriel.

Era impossível não rir.

E ela riu muito. Annabeth sabia que provavelmente parecia uma louca, mas não se importava. Aquilo era engraçado demais. Ela sentiu lágrimas de riso cruzarem seu rosto e acabou segurando a própria barriga enquanto respirava fundo, tentando se acalmar. Quando conseguiu finalmente se recompor, Gabriel a encarava com todo aquele seu tamanho do outro lado, os olhos cerrados, as

sobrancelhas franzidas como se avaliasse um animal em uma caixa de vidro.

Ela não ligava por parecer louca. Porque aquilo era demais.

– Eu estou vivendo o clichê dos clichês – ela sussurrou para si mesma enquanto secava as lágrimas com a palma das mãos.

– O quê?

– Você sabe. Duas pessoas muito diferentes. Um acidente da natureza. Uma cabana. Uma história de amor.

– Você bateu a cabeça quando o carro derrapou?

– Ah, não, eu estou bem.

– Se você bateu a cabeça, é melhor eu saber. Se você morrer por causa de uma concussão nos próximos três dias, eu terei que me explicar depois.

– Eu não vou morrer. O roteiro desse clichê dita não só que eu viva, como ao final desses três dias nós dois estejamos totalmente apaixonados.

Gabriel cogitou por um segundo abrir a porta e cruzar a neve a pé até a cidade. Ou descer até a cabana quatro e passar aqueles dias com o casal que tinha quatro filhos entre oito e treze anos e mais dois cachorros chihuahuas. Qualquer alternativa parecia melhor do que passar três dias e noites preso naquela cabana minúscula – Por que diabos ela tivera que escolher a menor de todas? – com uma mulher que poderia esfaqueá-lo durante o sono. Ela era pequena e em uma luta não teria chances contra ele, mas durante o sono? Ela parecia perigosa.

O negócio seria dormir o mínimo possível.

– Srta. Sullivan, não faço ideia do que esteja falando, mas nós teremos que viver de forma pacífica pelo menos pelas próximas setenta e duas horas, então acho que devemos chegar a um acordo. Você é a hóspede, você terá prioridade, claro.

– Claro. – Ela se empertigou-se no sofá e respirou fundo, um riso frouxo ainda pairando nos lábios. – Você tem realmente certeza de que não poderemos sair?

Ele suspirou, parecendo ofendido.

– Você é livre para abrir a porta e tentar passear pela floresta, Srta. Sullivan. Provavelmente encontraremos seu corpo sem vida no final de semana.

– Não há necessidade de ser tão rude, Sr. White.

– E você pode aceitar que, neste caso, eu sei do que estou falando. – Ele apoiou os cotovelos sobre os joelhos.

– Isso vai ser um inferno – ela sussurrou.

– Para nós dois, acredite.

– Tudo bem. – Ela colocou os pés no chão e sentou-se ereta no sofá. – Vamos estabelecer algumas regras de boa convivência. Eu durmo na cama e

você no sofá.

– Correto.

– Eu estou escrevendo um livro, então espero não ser atrapalhada quanto a isso.

– Não é um problema para mim.

– Isso quer dizer também que escreverei madrugada adentro e você terá que dormir com o barulho do teclado.

– Você é a hóspede. É justo.

Ela o analisou por alguns segundos e resolveu tentar tirar alguma vantagem daquela situação absurda.

– Eu não sei lidar muito bem com a lareira. Talvez você possa ser útil com isso?

A sombra de um sorriso pareceu atravessar o olhar dele e Annabeth sabia que ele estava lembrando do primeiro encontro dos dois e do que ela havia dito.

– Posso dar conta disso, sim.

– Se fizermos sexo, você não se apaixonará por mim.

Gabriel não era do tipo que era pego de surpresa com frequência. Mas, naquele momento, ele foi. A boca dele abriu e fechou e ele franziu o cenho para ela, confuso. E, para Annabeth, foi uma coisa muito interessante observar aquele homenzarrão do tamanho de um urso perdendo sua pose segura e ficando sem jeito por alguns segundos. Ainda mais depois de ter sido tão grosseiro com ela naquele primeiro encontro.

– Eu estou brincando, Sr. White.

– Eu não achei que estivesse falando sério.

– Ah, você achou. – Ela se levantou, largando a manta sobre o sofá. – Não se preocupe. Eu odeio clichês de romances, vou tentar não cair em um deles. Fique à vontade. A casa, pelo que sei, também é sua.

– Tome um banho.

– Desculpe? – Ela se voltou para ele, um olhar confuso no rosto.

– Você estava congelada. Precisa tomar um banho quente e trocar de roupas antes que adoeça. Confie em mim quanto a isso. Novamente.

Annabeth apertou os lábios um contra o outro, engolindo a resposta ácida que tinha na língua. Por mais frustrada que estivesse com a situação, aquele homem salvara a sua vida. Para bem ou para mal, os dois teriam que aprender a lidar um com o outro nos próximos dias.

Annabeth observou Gabriel se levantar pela décima primeira vez da poltrona e ir até a janela. Àquela altura ela já havia decorado o ritual de homem enjaulado que ele estava protagonizando. Levantar, dar um passo até a janela, afastar a cortina. Observar a escuridão lá fora, suspirar. Passar as mãos nos cabelos – um pouco longos e escuros – cruzar os braços. Voltar para a poltrona e sentar. Usar o telefone da parede para informar que ele e Annabeth estavam bem e saber como estavam as coisas na cidade. Passar a mão novamente pelos cabelos. Praguejar porque havia esquecido o celular via satélite dentro do carro e ele seria de muita utilidade caso as linhas fixas caíssem. Levantar. Tirar o telefone do gancho...

Ela já estava começando a ficar irritada.

Não que ela achasse que ficar presa com o Sr. White em uma cabana por três dias seria fácil. Ela tinha rido, era verdade, mas não fora de humor. Fora de desespero. O terror de ver a tempestade se aproximando, o carro que derrapara, a neve que caía cada vez mais espessa. O medo de ficar sozinha ali naquela estrada longe de tudo e de todos. Então Gabriel aparecera e ela não conseguia se lembrar muito bem de como as coisas tinham acontecido. Se não fosse por ele, quem sabe o que poderia ter ocorrido.

Então, quando ela pensara que tudo terminaria com um “Obrigada pela ajuda, estou bem agora. Tchau”, ele lhe dissera que ambos estavam sitiados pela tempestade de neve. Dentro da cabana minúscula. Dois desconhecidos. E Annabeth sentira uma vontade incontrolável de rir. Porque a situação era ridícula demais para não gerar um riso nervoso. E ela estivera falando sério sobre o grande clichê. Annabeth já lera romances o suficiente com aquele roteiro para ter motivos para soltar aquela piada naquele momento em particular.

Agora ela ficava feliz que ele não tivesse entendido.

Seria constrangedor.

Ela levantou o olhar do laptop para ele quando Gabriel foi até a janela.

– Sr. White, eu não vou pagar pelos furos no tapete quando fizer o *checkout* da cabana.

Ele lhe lançou um olhar por sobre o ombro e voltou sua atenção para a paisagem branca lá fora. Gabriel havia tirado o casaco e Annabeth se pegou encarando as costas largas dele, delineadas por um suéter azul.

– Não se preocupe. O tapete não entrará na conta.

– Acho bom mesmo. O que você tanto encara ali fora? Está escuro como

breu.

– A neve.

– Por quê?

– Achei que você estivesse muito ocupada escrevendo um livro.

Annabeth revirou os olhos para as costas dele.

– Eu estou fazendo uma pausa. E, além do mais, depois de observar você ir até a janela mil vezes, é natural que eu fique curiosa. Eu sou uma escritora. Sou curiosa sobre tudo.

Aquilo pareceu atrair a atenção de Gabriel, que se virou e cruzou os braços, apoiando-se na parede. Annabeth sabia que não deveria permitir, mas sua mente curiosa e muito analítica notou alguns detalhes interessantes da figura parada à sua frente. Ombros largos, braços grossos como troncos, pernas longas. O típico homem gigante das montanhas que ela imaginara encontrar por ali. Eles existiam mesmo. Rústicos, enormes e grosseiros. E não apenas existiam como um deles estava preso com ela pelas próximas muitas horas intermináveis.

Ele era do tipo *sexy* também, ela precisava admitir. Todo aquele tamanho e força e.... Uma gigantesca placa de “*clichê à frente*” piscou na mente de Annabeth e ela controlou a imaginação. Se ela não tivesse certeza de que aquela situação havia acontecido por acaso – sua ida à cidade, o quase acidente, a neve –, Annabeth desconfiaria que Rich havia montado todo aquele cenário de propósito para inspirá-la a mudar de gênero literário e transformá-la em uma escritora de romances açucarados e apimentados. Deus sabia que ele vivia cobiçando galgar, através de seus autores, todos os degraus para o primeiro lugar no *The New York Times*. E o romance, de acordo com ele, era a forma mais rápida de chegar lá (depois dos livros de adolescentes com poderes).

– Eu estou monitorando a altura da neve – ele respondeu. – Na última tempestade, ela chegou a três metros em uma noite. Isso significa problemas para mim e para Zachary, pois quando as pessoas percebem que estão presas e sem acesso às saídas, costumam entrar em pânico.

– Mas você não pode fazer nada para evitar a neve ou o pânico das pessoas.

– Não, mas estou em contato com a nossa patrulha e com o grupo de voluntários para emergências. Se o nível de neve ultrapassar um metro e meio, todos entrarão em alerta. Os hóspedes ligarão para mim ou para Zachary e nós avisaremos esses grupos. Normalmente eu estaria com eles, mas...

– Mas você está aqui preso comigo a quilômetros de distância. – Annabeth sentiu o estômago afundar de constrangimento ao lembrar de como fora até a cidade, ignorando totalmente que uma situação de perigo fosse eminente. – Sinto muito por ter me colocado entre você e o seu dever. – E ela

realmente sentia.

Ele deu de ombros e voltou a olhar para fora.

– Você é uma hóspede e estava em uma situação de perigo. Eu estava cumprindo meu dever – ele admitiu, agora mais calmo e resignado.

– Bem – ela disse um pouco sem jeito. – Obrigada por ter me ajudado.

Ele emitiu um ruído que podia ser um “ok” ou um “de nada”, mas Annabeth não podia afirmar com certeza. Ela respirou fundo e fechou o laptop, tentando dissipar aquele momento estranho que se instalara entre eles.

– Eu vou fazer um café. – Ponderou por um momento se devia oferecer a ele e, lembrando-se que Gabriel salvara sua vida, pareceu egoísta não demonstrar um gesto de agradecimento. Pigarreou. – Você quer?

Ele demorou alguns segundos para responder, parecendo também testar os limites de gentileza que poderiam ter um com o outro.

– Aceito. Obrigado.

– Você pode acender a lareira, então – ela disse para as costas dele e se voltou para a pia e o balcão, ocupando as mãos com a água e o pó.

Eles trabalharam em silêncio e em lados contrários da pequena cabana. Quando terminou de fazer o café, Annabeth serviu duas xícaras e colocou a dele no centro da mesa. Gabriel, que mexia na lenha dentro da lareira, fez um gesto de agradecimento e só se moveu para pegar a xícara depois que ela havia cruzado o espaço e ido até a janela onde ele estivera observando a noite até poucos minutos atrás.

Annabeth o observou puxar uma cadeira e se sentar à mesa, com o braço apoiado ao lado do laptop dela. Depois de um tempo, ambos se moveram novamente naquela dança estranha em busca de um espaço físico em que um não esbarrasse no outro ou não ficasse em vias de se ver obrigado a falar. Ela sentou na poltrona com um livro no colo e, quando Annabeth olhou para o relógio de pulso, para sua infelicidade, eram apenas nove horas da noite. Ela não dormia antes das duas da manhã, talvez quatro, se estivesse escrevendo.

Ela suspirou. Ele cutucou a mesa com uma colher. Ela encolheu as pernas sob o corpo e tentou prestar atenção à história. Ele se mexeu na cadeira e seu peso fez a madeira ranger. Ela pigarreou.

– Isso não vai funcionar. – Ela se levantou de repente e o livro caiu sobre o tapete. Gabriel levantou o olhar para ela, parecendo confuso. – Eu não posso ficar aqui dentro com você por sei lá quanto tempo sem que nos conheçamos. Eu preciso saber quem você é e você precisa saber quem eu sou.

– Eu posso ficar aqui sem saber quem você é.

– Eu não acredito em você. Somos civilizados, podemos conversar. Como você espera ficar três dias preso com alguém em uma cabana minúscula e

não conhecer essa pessoa? Quanto mais soubermos um do outro, menos desconfortável será.

– Eu não estou desconfortável.

Ela alteou uma sobrancelha que indicava o tamanho da sua incredulidade.

– Certo. Então nós vamos passar os próximos três dias andando como se pisássemos em ovos, fingindo que o outro não existe?

– Não vejo porque isso seria um problema. – Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços defensivamente.

Ela suspirou, exasperada.

– Tudo bem. – Ela foi até a mesa e se sentou na frente dele, as mãos cruzadas apoiadas na mesa. – Eu gosto de falar. Eu gosto de ouvir. Faz parte de quem eu sou e da minha profissão.

– Mas eu não.

– Então você vai ouvir.

– Eu não concordei com isso.

– Vamos fazer uma tentativa. – Ela se empertigou, decidida. – Então, Gabriel. Desde quando você vive em Beauty Lake?

– Repito: você não tem um livro para escrever ou algo parecido? – Ele se levantou e caminhou em direção ao sofá.

Annabeth se virou na cadeira, enrolou na língua todos os desaforos que gostaria de descarregar na cara dele naquele momento e respirou fundo.

– O senhor é sempre a simpatia em forma de pessoa, não é mesmo?

– Todos dizem que sim.

– Ah, eu aposto nisso. Pois bem. – Ela puxou o laptop para perto. – Eu realmente tenho um livro para escrever e sabe o que mais? Eu acabei de receber o espírito santo da inspiração.

Ela alongou os braços, moveu os ombros como uma pugilista e se pôs a trabalhar. Emma Grant estava prestes a vencer seu colega Galiel Black em uma luta. De boxe. Em um ringue da academia de polícia. Cheio de pessoas para testemunhar o quão furiosa e maravilhosa ela era e o quão cheio de si e arrogante seu parceiro era.

Aquele livro estava se tornando, de longe, o seu favorito.

Gabriel pouco dormiu aquela noite.

E não foi culpa apenas do sofá que não era grande o suficiente para que ele se acomodasse de maneira confortável. Ele não havia conseguido pregar o olho durante a noite por causa de Annabeth e seu maldito teclado que ficara pipocando na sua cabeça madrugada adentro.

Ela não tinha parado nem para ir ao banheiro, ele percebeu. Durante horas e mais horas, Gabriel escutara o som ritmado e ininterrupto de Annabeth digitando no computador, muitas vezes até com ferocidade. Passava um pouco das onze da noite quando ele resolveu se acomodar e tentar dormir um pouco para passar o tempo. Gabriel havia tirado os sapatos, afofado duas almofadas pequenas para lhe servirem de travesseiros e tentado se esticar o máximo possível no sofá pequenino. Com os joelhos encolhidos, a cama improvisada até que não parecia de todo mal.

Mas, no fim das contas, o sofá pouco importara. O que impedira que descansasse foram os dedos ágeis da mulher a alguns metros dele. De tanto em tanto tempo, ele espiava por cima do sofá e ela não mudara um centímetro de lugar. O corpo curvado sobre o teclado, o cabelo loiro preso um coque na nuca, uma perna dobrada sobre a cadeira e uma ruga de concentração entre os olhos. Em algum momento daquela longa noite, ela havia feito apenas uma pausa e, quando ele olhou por cima do sofá novamente, Annabeth estava esticando o braço para chafurdar com uma mão em uma bolsa grande que estava sobre a cadeira do seu lado. De dentro, ela puxou um óculos de aros finos e redondos que posicionou sobre o nariz e que pareceu lhe dar ânimo extra. Depois disso, ele simplesmente jogou um braço sobre os olhos e desistiu de tentar dormir.

Durante a madrugada, ele escutou Annabeth empurrar a cadeira para trás, fechar o laptop e se dirigir para o banheiro. Quando ela finalmente se deitou na cama da plataforma, ele deu um suspiro aliviado e conseguiu tirar duas horas de sono.

Às sete em ponto, o corpo dele despertou por conta própria. Os ossos estavam moídos, o pescoço rígido e os olhos pareciam ter areia dentro. Massageando a nuca, ele se levantou e espiou do lado de fora para o mar branco que havia tomado conta da paisagem. A neve havia chegado a pelo menos dois metros, analisou. E pelos flocos que ainda pairavam no ar, mais estava por vir.

Ele lançou um olhar de relance para a plataforma, de onde uma mão pequena e pálida despontava por baixo de todos os cobertores. Levando-se em

conta a hora em que ela fora dormir, Annabeth não levantaria tão cedo. Então ele aproveitaria para tomar um banho.

No banheiro, Gabriel se viu perante um dilema. Ele não tinha uma muda de roupas para trocar. Mesmo se tomasse banho, o fato de talvez ficar três dias ali com a mesma roupa não daria muito certo. Mesmo que o corpo estivesse limpo, a roupa seria incômoda. Além das roupas de baixo, a calça jeans estava bastante suja até o joelho por causa da neve no dia anterior. Então, contando com o sono pesado da sua anfitriã, ele jogou suas roupas de baixo, a calça e a camiseta dentro da máquina de lavar que havia no banheiro e rezou para que ela não fizesse muito barulho. Ele não conseguiria dar um jeito na barba, mas os dentes eram algo que ele poderia resolver. No armário da pia, achou uma escova de dentes extra, que ele e Zachary sempre deixavam à disposição dos hóspedes, e usou enquanto se dava conta de que Annabeth era provavelmente a primeira mulher que ele conhecia na vida que não tinha vinte e cinco potes de cremes e xampus diferentes sobre a bancada. Pelo que vira do resto da cabana e agora confirmara no banheiro, ela era do tipo prática e econômica. Além da escova de dentes e de um creme perdido dentro do armário, ela só colocara um xampu e um condicionador dentro do box.

Quando terminou o banho, Gabriel se viu perante um novo dilema. Ele coçou a cabeça enquanto olhava para a máquina que ainda levaria trinta minutos para terminar de secar suas roupas. Então enrolou a toalha na cintura e abriu devagar a porta do banheiro. Nem sinal de Annabeth na pequena sala-cozinha e nem barulho dela na cama. Muito devagar, ele cruzou o espaço até a mesa da cozinha e se sentou. O jeito era esperar.



Annabeth franziu o cenho e piscou os olhos com força.

Ou ela ainda estava sonhando ou havia mesmo um homem seminu sentado à mesa da cozinha.

Se era um sonho, que os anjos lhe beliscassem porque era um sonho extremamente realista. As costas eram largas e musculosas e terminavam em ombros igualmente largos e definidos. Cabelos negros e molhados cobriam o pescoço do homem e gotas de água escorriam dos fios, descendo e descendo e descendo até sumirem na toalha presa ao quadril. Todos os músculos se moveram como uma máquina quando o homem se virou de lado e apoiou os braços sobre os joelhos ficando totalmente de perfil para ela.

E naquele momento Annabeth percebeu que aquilo não era um sonho mesmo. O rosto era definitivamente de Gabriel White.

Um Gabriel White muito definido.

E grande.

E musculoso.

E molhado.

E...

Ela se virou para a parede, os olhos arregalados com a intensidade dos pensamentos nada corretos que a acometeram. Aquilo era ruim, muito ruim. Porque um homem seminu na cozinha era parte daquele enorme clichê do romance da cabana que não poderia acontecer. Obviamente.

Ela puxou os cobertores sobre a cabeça e respirou fundo. Aquela era com certeza uma reação exagerada da sua mente, causada por estresse pós-traumático depois de tudo que passara no dia anterior. Ela era uma adulta, cheia de contas para pagar e com um trabalho a fazer, e ficar impressionada por um agrupamento de músculos molhados não estava em seus planos.

Um minuto depois ela escutou Gabriel levantar e voltar para o banheiro, o que deu tempo a ela de entrar em uma calça jeans, uma blusa e amarrar o cabelo na nuca, colocando-se mais confiante. Quando ele voltou para a área social – totalmente vestido e cheirando muito bem, diga-se de passagem –, ela estava no último degrau da escada, pronta para lhe dar um bom dia educado e civilizado, mas Gabriel lhe concedeu apenas um leve aceno de cabeça, reconhecendo que ela estava ali e rumou para seu posto de guarita na janela.

– Bom dia para você também.

Ele grunhiu uma resposta e continuou olhando para fora.

– Como está o tempo? – Ela rumou para a pia para fazer o café.

– Fechado.

– Eu sou da Califórnia. Não conheço esse conceito. – Annabeth podia sentir mais do escutar o suspiro dele.

– Vamos ter neve o dia todo, provavelmente.

– Que agradável – disse e, enquanto passava o café, vasculhou a sacola da loja de conveniências em busca de comida. Ela não comera nada na noite anterior e agora estava faminta. Ele provavelmente também estava. – Ok, nós temos biscoitos de gengibre, bolinhos de chocolate e algum tipo de waffle que eu não saberia preparar. O que você quer?

Ele grunhiu novamente e os olhos dela caíram sobre ele, intensos a ponto de abrir um buraco na nuca de Gabriel.

– Sr. White, eu entendo que não queira partilhar conversas comigo, mas, como eu disse, nós passaremos muitas horas juntos, então seria no mínimo educado se vez ou outra você usasse palavras em vez de grunhidos. E menos suspiros seriam decentes também – acrescentou quando viu os ombros dele subirem em uma inspiração. – Você não precisa falar comigo, como deixou claro de forma muito charmosa ontem, mas um pouco de civilidade não lhe fará mal.

Ele se voltou para ela, os olhos escuros contrastando com a barba por fazer. Não era uma cara de muitos amigos, mas ela é que não se deixaria intimidar por um homem que passava as vinte e quatro horas do dia mal-humorado!

Devagar, Gabriel cruzou o espaço até a mesa, as mãos nos bolsos, e se postou ao lado dela. Annabeth precisou erguer o rosto para continuar olhando-nos olhos, mas não se intimidou.

– Peço desculpas por ontem. Com tantos problemas, eu acabei descontando em você.

Ela apertou os lábios para evitar uma resposta sarcástica e assentiu.

– Desculpas aceitas. Eu também não estava em um dos meus melhores dias. Não é sempre que eu fico cara a cara com a morte iminente. Tome. – Ela lhe estendeu o pacote de biscoitos. – Acredito que em pouco tempo você possa viver em sociedade, Sr. White. Se Tarzan conseguiu, você também pode chegar lá.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela, que respondeu com um sorriso firme. Ainda olhando para ela, Gabriel sentou em uma das cadeiras e abriu o pacote. Ela sustentou o olhar por mais alguns segundos, antes de desistir e se virar para a pia, onde o café acabara de ficar pronto.

– Com açúcar ou sem? – perguntou enquanto servia duas xícaras.

– Sem.

Ela colocou a xícara na frente dele e sentou-se do outro lado da mesa. Eram nove horas da manhã, mas bem podia ser ainda madrugada porque do lado de fora o mundo ainda era uma mistura de matizes brancas e cinzas. Eles comeram em silêncio, apenas o cheiro do café pairando entre os dois.

Annabeth sabia quealaria. A mente dela era irrequieta e cheia de ação e em uma situação como aquela, de total isolamento, ela precisava exercitar seus neurônios. Nem que fosse para ter uma boa discussão que a encheria de inspiração para escrever mais alguns capítulos de seu romance. A cada pouco ela lançava olhares fugazes sobre a borda da sua xícara para Gabriel, mas ele parecia muito concentrado na mesa e nos biscoitos.

Então algo lhe veio à mente e ela quebrou o silêncio.

– Não foi perigoso deixar meu carro no meio da estrada ontem? Outras pessoas não podem se machucar?

Ele ergueu a própria xícara enquanto avaliava a pergunta dela.

– Eu avisei o grupo de emergências que seu carro estava atravessado no quilômetro doze. E, de qualquer forma, a estrada está intransitável a essa hora e eles só poderão chegar ao seu veículo quando a neve der uma trégua. Não há razão para se preocupar. A não ser com a revisão, quando ele voltar.

– Menos mal, então – disse e o silêncio voltou a preencher o ambiente.

Quando o café acabou, Annabeth levantou-se e largou a xícara na pia. Depois, voltou para a mesa e abriu o laptop. Com Gabriel ou sem Gabriel, ela não mudaria sua rotina de escrita. Pela manhã, ela tinha o costume de revisar de forma mais calma e mais centrada o que havia colocado para fora em um momento louco de inspiração. De dia, suas ideias costumavam ser mais claras e focadas, mas era à noite que os melhores momentos acabavam nascendo.

Ela abriu o arquivo e sentiu o olhar de urso de Gabriel sobre ela.

– O que você escreve?

Ela mordeu a bochecha por dentro para não sorrir ou dizer algo que o fizesse se calar novamente. Ele estava tentando ser civilizado. Muito bem.

– Romances policiais.

– Eu nunca imaginaria isso – ele disse.

– Por que não?

Ele deu de ombros e se recostou na cadeira, a xícara perdida dentro de suas mãozonas.

– Não sei, você parece do tipo que escreve romances ou novelas engraçadas.

– Por que eu escreveria romances ou novelas engraçadas?

– Não sei. Talvez porque você se pareça um pouco com toda imagem de escritoras de romance que aparecem nas orelhas de livros. Pequena e loura.

– Gabriel White, você está me estereotipando. – Ela sorriu como uma gata que encontra uma presa e cruzou os braços.

– Não, não estou – grunhiu.

– Sim, você está... Logo você que tem o tamanho de um urso e vive em meio às montanhas. O perfeito homem das neves, prestes a rachar uma árvore com seu machado.

– Agora você está me estereotipando. – Ele arqueou a sobrancelha de forma irônica.

– De propósito. Você é esse tipo de homem que sua aparência denuncia?

– Talvez.

– Bom, eu não sou. Não tenho um pinga de romance no meu corpo. Meu cérebro é cheio de cenas policiais e matanças sangrentas – disse e abriu o documento enquanto Gabriel a analisava sobre a tela.

– Qual o nome do seu livro?

– É uma série, na verdade. *Noites de crime*. Cada livro conta uma aventura da minha policial chamada Emma Grant. Ela é durona, irascível e imortal. – Ela não conseguiu esconder uma nota de orgulho na voz ao falar do trabalho.

– Parece bom.

– É bom.

– Quantos volumes?

– Nove até o momento. E estou produzindo o décimo. Esse é o motivo pelo qual estou aqui. – Ela fez um gesto abrangendo a cabana. – Presa em uma nevasca a muitos quilômetros de casa – terminou de forma irônica.

– Não quero ser rude...

– Ora.

– Mas... – ele continuou. – Por que precisou vir até aqui para escrever um novo livro?

Mark. Eu estou aqui por causa de Mark. E toda a confusão que aconteceu depois que ele me deu um grande pé na bunda, ela pensou, mas não disse. Não era porque os dois estavam tendo uma conversa minimamente civilizada que ela contaria a Gabriel todos os seus segredos e dores de seu coração.

Ela umedeceu os lábios e voltou a atenção para ele.

– Bem, depois de nove livros, senti que precisava mudar de ares. Estou dando novos rumos à minha personagem e achei interessante buscar outro espaço. – Era uma meia verdade. – Um retiro na montanha pareceu uma boa ideia para começar isso.

De forma curiosa, Gabriel notou um tremor de leve na voz dela e percebeu que havia mais naquela questão do que Annabeth estava revelando. Então a *Srta. Jogar Conversa Fora* não gostava de falar sobre tudo. O motivo de ela estar ali parecia incomodá-la. Mas ele não queria aprofundar a conversa e saber mais sobre a vida dela. Queria? Claro que não.

Então ele apenas assentiu e bebeu a última gota do café, levantando-se logo depois para colocar a xícara na pia. Em um gesto de boa convivência – ah, Zachary ficaria encantado –, lavou todas as louças e as deixou secando no escorredor. Depois, seguiu até o telefone da parede e teclou o número do grupo de resgate.

A linha estava muda.

Frustrado, apertou o alto do nariz com os dedos, pensativo. O dia seria muito, muito longo.

Como no dia anterior, Annabeth e Gabriel orbitaram pelo pequeno espaço como dois corpos celestes evitando uma colisão. Quando um estava em pé, o outro estava sentado. Quando um estava de um lado, o outro estava do outro. Só no final da manhã é que ambos pareceram encontrar uma maneira satisfatória de conviver. Ela debruçada sobre o laptop digitando, e ele sentado no sofá e levantando-se de vez em quando para remexer impaciente as brasas da lareira.

Perto do meio-dia, Annabeth bateu a tela do laptop e deu a revisão da manhã por encerrada. O estômago estava reclamando e os músculos das costas pareciam enrijecidos em virtude da posição nada confortável e contínua das últimas horas. Ela lançou um olhar por sobre o ombro para Gabriel, sentado no sofá, e notou que ele olhava apreensivo para fora a cada dois minutos.

Tudo bem que eles não eram amigos nem nada do tipo, mas ambos tinham começado de uma forma mais simpática naquela manhã, então Annabeth estava embebida de uma alegria quentinha. Ela finalizara cinco capítulos maravilhosos, a cabana estava aconchegante e, se ela bem se lembrava, havia uma torta de carne congelada dentro daquele pacote que viera da loja de conveniências. As coisas poderiam dar certo e os próximos dias poderiam transcorrer de forma tranquila se os dois agissem de forma educada.

Com um sorriso decidido no canto dos lábios, Annabeth se levantou e foi na direção dele.

– Você espera mudar o tempo com o poder de sua mente? – perguntou enquanto se deixava cair no espaço mínimo ao lado dele no sofá. O problema é que Gabriel era tão grande que havia criado uma depressão nas almofadas e Annabeth não previu que seu corpo, obedecendo à gravidade, cairia de encontro ao dele.

Ela arregalou os olhos enquanto lutava para impulsionar o corpo de volta à uma posição que se afastasse o máximo possível dele. Gabriel, por sua vez, permaneceu imóvel, o cenho franzido, enquanto ela se contorcia ao seu lado, sem jeito.

– Me desculpe. – Ela se ajeitou para longe. – Calculei mal. – Ela pigarreou e toda aquela euforia anterior pareceu se desvanecer ante o constrangimento do momento atual. Com cuidado, ela passou o braço direito pelo braço do sofá como que esse fosse uma tábua que a mantinha à deriva.

– Não, eu não posso – ele respondeu à pergunta dela e voltou a olhar para

fora.

Difícil. Um homem muito, muito difícil.

– Há quanto tempo está nesse negócio das cabanas?

– Há muito tempo.

– Dez anos? Vinte?

Ele deu um suspiro alto e a encarou.

– Um pouco mais de dez anos.

– E sempre foram você e Zach?

– Zachary se graduou em administração e me propôs o negócio.

– E você entrou com o quê?

– Eu era dono de uma porção de terras herdadas do meu avô. Juntamos uma coisa com a outra e abrimos o negócio.

– E você gosta do que faz?

– Não estaria ainda no negócio se não gostasse, Srta. Sullivan.

O humor dele tinha voltado para o estágio robótico, ela percebeu. Deu de ombros.

– Eu conheço pessoas que continuam em seus empregos mesmo odiando.

– Não sou uma dessas pessoas. Eu gosto das cabanas, gosto das montanhas.

– Gosta dos hóspedes?

Ele franziu o cenho para ela e um sorriso estranho e enviesado partiu os lábios dele.

– Quando não falam.

– Que charmoso, Sr. White.

Annabeth cruzou as pernas sob o corpo, tomando o cuidado de não deslizar e encostar em Gabriel.

– O telefone continua mudo?

Ele assentiu.

– Vamos ficar sem energia também?

Ele percebeu um leve tremor na voz dela e deu-se conta do quanto deveria ser aterrorizante para alguém que não estava acostumado com aquela região e clima se ver em uma situação como essa. Gabriel tinha sido ríspido com ela, na primeira vez que a encontrara e no dia anterior também. Ele ainda não sentia uma grande simpatia por Annabeth – e ele sabia que ela retribuía –, mas ela estava certa sobre os dois terem que chegar a um ponto de equilíbrio. Às vezes ele se amaldiçoava por ter aquela personalidade tão rabugenta e isolada. Zachary estava certo em compará-lo a uma porta. Ele realmente estava parecendo uma nos últimos dias.

Ele precisava se esforçar e controlar o temperamento. E, como ela

dissera, ser um pouco civilizado. Ele não era um maldito homem das neves.

– Mesmo se ficarmos, a cabana tem gerador. Temos um bom estoque de lenha aqui dentro e comida suficiente para três ou quatro dias. O grupo de resgate sabe que estamos aqui e estará de olho caso as coisas fiquem muito ruins. Não se preocupe.

Ele percebeu que a postura dela relaxou um pouco e Annabeth se acomodou melhor no sofá. Gabriel se deu conta de como parecia volumoso ali, com os braços quase encostados nela, invadindo um espaço que não deveria ser invadido. Ele se encolheu um pouco e girou os ombros para dissipar a tensão que se instalara. Pensou em levantar, mas desistiu e se deixou largar contra o encosto também. Toda a situação ainda era estranha e incômoda para ele, como se estivesse dentro de um sonho cheio de imagens desconexas. Gabriel tinha a sensação de que a qualquer momento acordaria com o som do telefone e do outro lado da linha a velha Tracy estaria gritando com ele sobre sua irresponsabilidade com os hóspedes.

Mas a cabana não era um sonho. Nem a neve lá fora ou a mulher estranha ao seu lado. Era tudo real, palpável e audível. Por mais que desejasse manter-se o mais distante possível, percebeu que uma centelha de curiosidade sobre Annabeth havia geminado naquele curto espaço de tempo. E, antes que ele pudesse morder a língua, fez mais uma pergunta para ela, a exemplo daquela manhã.

– E você? Gosta do que faz?

O olhar de Annabeth, que estava perdido em um ponto além da janela, voltou-se para ele, levando alguns segundos para se situar em relação ao assunto. Por fim, ela sorriu e respondeu.

– Eu amo escrever. Amo tirar as coisas da cabeça e colocá-las no papel, Sr. White. Como você, não estaria fazendo isso se não amasse muito.

Ele ergueu o corpo e apoiou os cotovelos sobre os joelhos, olhando para ela a seguir. Algo no tom dela, parecido com o tom meio incerto que ela usara mais cedo, chamou a atenção de Gabriel. Havia mais do que orgulho ali, Gabriel percebera. Também havia um propósito e uma autoafirmação. Ela precisava falar aquilo em voz alta. Por algum motivo, Annabeth estava insegura sobre o que sabia fazer. A contragosto, ele se perguntou o que teria acontecido para deixá-la daquele jeito.

Zachary ficaria orgulhoso dele naquele momento. Ele resolveu saber mais.

– Há quanto tempo está escrevendo a série de livros?

Os olhos dela se iluminaram e as feições ganharam uma nova cor. Ela notou como ele parecia meio desconfortável, como se testasse um terreno

desconhecido, à beira de um abismo. Era um homem curioso esse Sr. White. Vociferando com um homem das neves em um momento, lutando para tabular uma conversa com uma mulher em outro.

– Há doze anos. Na verdade, estou escrevendo a vida de Emma há treze, mas foi somente depois de algum tempo que consegui uma chance de publicação. Eu enviei cópias da história para dezesseis editoras. – Ela abriu um sorriso orgulhoso e confiante e ele notou que combinava com ela. – E duas me responderam. Uma delas acabou sendo a chance que eu precisava.

– Meus parabéns. – E ele se surpreendeu porque realmente queria dizer aquilo. – Eu não sou um grande leitor, mas imagino que para manter uma série tão longa é necessário muita dedicação e talento.

– Obrigada. – Ela mordeu a bochecha por dentro para não mostrar todos os dentes para Gabriel em um sorriso e assustá-lo. Ele não teria para onde fugir.

Ele se levantou e remexeu a lenha na lareira, levantando fagulhas e espalhando mais calor pelo ambiente. Quando voltou, os dois permaneceram em silêncio por mais um tempo. E, para surpresa de Annabeth, ele tomou a dianteira novamente e perguntou:

– Está dando certo?

– O que está dando certo?

– Você me disse que precisava mudar de ares para escrever seu novo livro. Está dando certo? A cabana e as montanhas a inspiraram?

Ela se lembrou do primeiro encontro deles e em como a figura gigantesca e pouco simpática de Gabriel vinha servindo de inspiração para ela e Emma. Claro que ela não lhe diria aquilo, mas precisava admitir que sim, as montanhas estavam lhe dando inspiração.

– Posso dizer que sim – ela assentiu. – Ficar presa dentro de uma cabana com um completo desconhecido dono de humor instável pode ser inspirador.

E, para a completa surpresa de Annabeth, ele achou graça e sorriu. Mas não o sorriso entediado que ela já vira nele. Era outro, largo e bonito. A expressão sempre carrancuda e fechada dele se iluminou e revelou um rosto diferente. As linhas que o sorriso proporcionou o deixaram acessível, e ela precisava admitir, muito atraente. Um sorriso que combinava com o corpo que ela vira naquela manhã.

Annabeth desviou o olhar do rosto dele, sentindo que traía a si mesma naquele momento.

Não era certo achá-lo acessível e... atraente.

Ela olhou para fora e observou a neve que continuava a cair.



Annabeth estava concentrada escrevendo uma cena memorável entre

Emma e Galiel quando uma sombra caiu sobre ela e a assustou a ponto de fazê-la praguejar.

– Jesus Cristo, Gabriel! O que você está fazendo espiando sobre os meus ombros?

– Diabos, não estou espiando. – Ele deu um passo para trás. – Queria saber se você está com fome.

Ela desviou os olhos da tela do laptop e encarou Gabriel, parecendo confusa.

– O que você disse?

Ele observou os óculos dela deslizarem pelo nariz e ficarem lá, pendendo. Fazia horas que ela estava sentada naquela mesma cadeira, perdida entre o teclado e a tela, não levantando nem para ir ao banheiro. O cabelo dela estava preso em forma de ninho no alto da cabeça, fios saltando para todos os lados.

– Eu gostaria de saber se você está com fome. – Ele foi até os armários e os abriu. – Eu estou. Se você não se importar, vou cozinhar algo.

Ela continuou olhando para ele, sem entender.

– Comida? Você vai cozinhar comida?

– Da última vez que estudei a humanidade, nós fazíamos isso. Cozinhá-vamos comida.

Ora, Annabeth pensou, voltando a se focar no mundo real e saindo da vida de Emma, no computador. Então ele podia ser sarcástico, além de ranzinza e mal-humorado.

– Eu sei o que isso significa, Sr. White. Só fiquei surpresa de você estar se oferecendo. Não conheço muitos homens que cozinham, meu ex-marido, por exemplo era... – ela se calou, as palavras presas na garganta.

Gabriel parou com a mão na porta da geladeira e virou o rosto para encarar Annabeth. Ela estava vermelha, a boca apertada em uma linha fina, notadamente constrangida pelo que estivera prestes a falar. Sobre o ex-marido. Então ela era ex de alguém. E, pela reação, não fora uma separação amigável.

– Eu cozinho. – Ele se apressou em dizer para tirá-la daquela situação. – É muito difícil viver por aqui e não saber desde pequeno. Quando você vive com a possibilidade de ficar isolado por causa de nevascas, precisa saber se virar. Não vai ser nenhuma refeição chique de cidade, mas vai alimentá-la mais do que o café que você toma o tempo todo.

Ela o fuzilou com o olhar e ele ficou satisfeito de ver aquele ar constrangido sumir do rosto dela.

Não que ele se importasse, claro.

– Eu tenho me alimentado.

– De biscoitos.
– Biscoitos são comida.
– Biscoitos são lanches. Não refeições. – Ele se abaixou e puxou uma panela debaixo da pia.
– Falou o homem que tem comido sanduíches desde ontem.
– Pelo menos não são biscoitos.
– Você esteve me observando. – Ela franziu o cenho para ele.
– Nós estamos há quase dois dias presos em um espaço de vinte e cinco metros quadrados, não foi difícil notar, Srta. Sullivan.
– Eu não notei o que você vem fazendo. – Era mentira. Se existia algo que ela fazia, e pagava as suas contas, era observar o mundo ao seu redor.
– Porque esteve com o nariz perdido no laptop. Nós temos alguns bifes e legumes. Tudo bem para você?

Ela ajeitou os óculos sobre o nariz não sabendo se ficava mais espantada por ele estar falando ou se oferecendo para cozinhar. Ele estava, para a sua surpresa, *tentando*. Annabeth o observou se abaixar e esticar, se espremer e tentar fazer todo aquele tamanho trabalhar na pia baixa com os armários que batiam na testa dele. Era como observar um gato grande tentar caber em uma caixinha de fósforo.

Tinha sua graça, ela precisava admitir. Um homenzarrão daqueles descascando batatas e cenouras. Por um momento, a cabeça fervilhante e traidora dela imaginou como seria ter aquela cena acontecendo sempre. Ela sentada à mesa, escrevendo, o fogo na lareira deixando o ambiente aconchegante, a neve lá fora, e um homem atraente cozinhando para ela.

Não. Não. Não. Annabeth Sullivan, a sua imaginação está indo além dos limites aceitáveis! Recolha esses pensamentos já!

Ela piscou para afastar aquelas ideias nefastas da mente e focalizou as palavras escritas a sua frente. Era naquilo que ela precisava se concentrar, e não na imagem doméstica de felicidade que sua imaginação de romance estava tentando lhe vender. Aquela imaginação traidora, atrevida e sentimental.

– Por mim, está ótimo – respondeu e voltou a se concentrar no livro, corrigindo palavras e ajeitando parágrafos. Estava feliz com o resultado obtido até ali. Com o prazo de um mês, com certeza ela sairia da cabana com o rascunho do seu próximo *best-seller*.

Aos poucos, o cheiro apetitoso de comida realmente feita embotou os seus sentidos e sua boca salivou de verdade. Gabriel havia puxado as mangas da camisa para cima e usava uma toalha jogada displicentemente sobre um ombro. Ele parecia relaxado e, apesar da falta de espaço, provava que sim, ele estava acostumado a fazer aquilo.

Ele serviu a refeição em dois pratos e levou um até ela.

– Espero que o sal esteja a seu gosto. Não tenho o costume de cozinhar para outro paladar – falou como se se desculpasse. Gabriel se sentou na frente dela, ocupando-se do próprio prato. Annabeth empurrou suas coisas para o lado e puxou o prato para si.

– Bem, eu não como uma refeição feita desse jeito há alguns meses, então acho que vou gostar. – Ela levou uma garfada à boca e fez um som de surpresa. – Ok. Isso é mais do que bom. É delicioso. – O sorriso dele foi rápido e logo sumiu embaixo da barba espessa, mas ele parecia contente de tê-la agradado.

– Por quê? – ele perguntou sem olhar para ela.

– Por que o quê?

– Por que você não tem uma refeição decente há meses? Isso não me parece muito difícil de conseguir na cidade grande.

Primeiro o elogio ao seu talento, depois o sorriso. Agora a comida e as perguntas. Annabeth estava surpresa com a maneira como o Sr. White podia se despir de camadas e camadas revelando outra pessoa, ainda rude, mas nova, por baixo daquilo tudo. Ela não baixaria a guarda para que aquele romance tórrido e clichê acontecesse, claro, mas era interessante ver essa nova faceta do homem à sua frente. Ela empurrou a comida de um lado para o outro pensando no quanto poderia revelar.

– Não tenho o costume de comer fora e também não cozinho. E não vivo com ninguém que possa fazer isso para mim. – Pelo menos não no último ano, completou em pensamento.

– Você poderia aprender. – O tom dele foi simples e sincero. – É útil.

Ela assentiu.

– Suponho que você esteja certo. Nós não temos vinho? – Ela se levantou de repente e foi até a miniadega sob a escada. Escolheu um tinto encorpado e o serviu em dois copos, depois de um aceno afirmativo de Gabriel.

Se a comida e o vinho juntavam inimigos até no Império Romano, por que não poderia funcionar com eles? Geralmente uma das taças estaria envenenada naquele tempo, mas o paralelo tinha seu valor.

Ela voltou a sentar e bebeu um gole longo, sentindo-se relaxar um pouco.

– Eu sempre poderia aprender. Eu preciso de novos projetos para quando terminar o livro. Quem sabe cozinhar não seja um deles. Talvez plantar flores. Apesar de que tive um lindo gerânio há alguns anos e ele durou três dias. Pennywise comeu as folhas e depois derrubou o vaso da janela do meu apartamento. Oitavo andar.

– Pennywise?

– Meu gato. Ele morreu. Foi atropelado por uma Ferrari maluca na beira da praia um mês depois de comer o meu gerânio. Suponho que o destino seja cruel. Uma vida por outra vida.

Annabeth sentiu a mesa sacudir debaixo dos cotovelos. Por um instante, pensou que uma avalanche estivesse prestes a cobrir a cabana e enterrar ela e Gabriel vivos ali por meses, até que os corpos de ambos fossem encontrados. Rich ficaria furioso se ela morresse com um livro inacabado a caminho.

Mas então ela olhou para cima e o que viu a deixou chocada.

Gabriel estava rindo. E estava rindo tanto que as mãos dele, apoiadas na borda da mesa, estavam tremendo e causando toda aquela comoção. O riso dele começou silencioso e explodiu em uma gralhada que fez com que ela mordesse a bochecha por dentro para se impedir de rir com ele. Gabriel se curvou para frente ainda rindo, lágrimas de riso se formando nos cantos dos olhos, os punhos cerrados batendo sobre a mesa.

Era um espetáculo e tanto, ela precisava admitir.

– Eu fico feliz de ter lhe proporcionado um pouco de alegria, Sr. White – disse tentando parecer insultada, mas fez um péssimo trabalho quando um pouco daquele riso que ela estava segurando escapuliu. Ela mordeu a língua e bebeu outro gole do vinho.

Ele arfou e deixou a cabeça pender para trás em busca de ar.

– Me desculpe. Me desculpe – ele disse de forma entrecortada, ainda rindo. – Mas você precisa admitir que essa foi uma história trágica e cômica ao mesmo tempo. – Ele respirou fundo e voltou a encará-la. As feições rudes haviam se suavizado, os olhos negros estavam brilhantes e o sorriso pendia num canto da boca de forma zombeteira.

– E você acha que eu não sei? Eu amava aquele maldito gato. E a planta. – Sorriu de volta.

– Sinto muito pelo seu gato. E pela sua planta, Srta. Sullivan. Diabos. Isso foi trágico. Eu não deveria ter rido. – Mas ele estava fazendo um péssimo trabalho, pois o riso ainda borbulhava no meio das suas palavras.

– Obrigada. É muito gentil da sua parte.

– Essa história poderia dar um livro, Srta. Sullivan.

– Eu tenho um rascunho salvo em algum lugar. – Ela deu de ombros, divertida, e continuou a comer.

Ambos terminaram a refeição em silêncio, mas um resquício de riso ainda pairava no ar, preso no sorriso torto estampado no rosto de Gabriel. Ela sentiu que ambos haviam atingido o segundo nível naquela situação e agora não pulariam mais um na garganta do outro na menor oportunidade. Quando terminou, ela se levantou e recolheu ambos os pratos. Quando estava de costas

para Gabriel, ocupada com a pia, Annabeth resolveu tentar dar mais um passo.

– Me chame de Annabeth, por favor – disse, sem olhar diretamente para ele.

Ela empilhou os pratos e aprontou a louça para ser lavada. Ela escutou a cadeira dele ranger e ser afastada e sabia que, se se virasse, veria-o parado atrás dela, a poucos centímetros, olhando-a de cima, com o cenho franzido, como se ela estivesse lhe oferecendo um enigma. Não era incrível o quanto se aprendia sobre uma pessoa em tão pouco tempo?

– Annabeth – ele sussurrou.

– Sim. Annabeth. – Ela permaneceu estática, olhando para a pia, tentando manter as mãos ocupadas. O nome dela na boca dele parecia pesado. Feito de areia. – De acordo com o Manual das Pessoas Presas em Cabanas, é indicado que os prisioneiros se comuniquem pelo primeiro nome – brincou.

– É mesmo?

– É sim. Torna o ambiente menos suscetível a assassinatos. – Ela abriu a torneira e esperou a água aquecer.

Ela o escutou se afastar e seu peso afundar o sofá.

– Me chame de Gabriel.

Annabeth sorriu para as próprias mãos e pegou a esponja.

– Gabriel – sussurrou.

O nome dele na boca dela era macio e espesso. Como uma promessa.

~

Nenhum dos dois falou muito durante as horas seguintes, talvez por estarem com os estômagos cheios e a cabeça ainda leve de vinho. A aparente tranquilidade, se fosse vista de fora, poderia passar a ideia de uma cena caseira, dois adultos atraentes, aconchegados dentro de uma cabana com um fogo brando na lareira e a neve do lado de fora. De perto, porém, um observador cuidadoso notaria de imediato as mãos impacientes de Gabriel, que se abriam e fechavam em punho, sempre tão acostumadas a estarem em ação e agora inertes ali dentro ou ainda a linha que atravessava a testa de Annabeth, onde uma dor de cabeça teimava em latejar. Aos poucos o confinamento cobrava seu preço, avolumando-se sobre eles em silêncio e mexendo com os nervos suscetíveis.

Depois de uma hora tentando, em vão, desenvolver uma ideia, Annabeth se deu por vencida e se levantou para esticar as pernas e espantar um pouco a frustração. Depois de dar duas voltas ao redor do sofá – que se provaram inúteis para espantar o tédio –, ela pegou a manta que estava sobre o sofá e a jogou nos ombros. Lá fora, o vento assobiava cortante e um arrepio indesejado subiu e desceu pela espinha de Annabeth. Às vezes, ela pensou, era como se as pessoas estivessem gritando lá fora no escuro, presas entre as árvores e qualquer que

fosse o horror que uma montanha pudesse oferecer à noite. Apesar de não ser o tipo de pessoa suscetível a ter medo de assombrações – ela tinha muito mais receio da realidade –, Annabeth não podia evitar imaginar espíritos agourentos das montanhas pairando sobre a neve lá fora e espreitando-a pelos vidros da janela. Mesmo xingando-se por estar sendo boba, ela fechou as cortinas das janelas e aconchegou-se no chão em frente à lareira.

Gabriel saiu do banheiro e a encontrou ali, sentada no chão, com o olhar perdido encarando as labaredas. As chamas criavam reflexos que dançavam nos cabelos claros dela, tornando-os quase brancos. Ela toda parecia mais pálida do que ele tinha a impressão de se lembrar.

– Você está bem? – perguntou.

Ela piscou, aturdida, e os olhos voltaram a entrar em foco ao encará-lo.

– O quê? Se estou bem? Sim, claro. Eu só estava pensando... – ela suspirou, dando-se conta do quanto o que iria dizer parecia bobo. – Em nada. Esqueça.

– Vá em frente.

Ela se voltou para ele e observou que ele também parecia cansado. Sombras escuras manchavam a pele sob os olhos, deixando-o com uma aparência mais selvagem, assim como a barba não aparada.

– Eu estava pensando em como o barulho do vento se parece com o grito de agonia de um ser humano aqui em cima. É assustador. É como se alguém estivesse sendo partido ao meio, do lado de fora da janela.

– Você realmente tem uma imaginação criativa.

Ela deu de ombros.

– Não posso evitar.

– Mas você está certa. – Ele cruzou as mãos sobre as coxas, olhando para ela, encolhida em frente ao fogo. – Para quem não está acostumado, parece sim assustador. Eu não presto mais atenção.

– Você vive aqui desde pequeno? – Arriscou-se em perguntar ao notar que ele parecia receptivo.

– Eu nasci aqui. Conheço as montanhas como se fossem a palma da minha mão.

– Isso é bom. Ter um laço íntimo com um lugar, criar raízes e crescer com elas. – Ela se aconchegou mais na manta. – Você deve ser feliz aqui – acrescentou.

– Eu sou. – Ele sorriu aquele sorriso que suavizava a expressão carrancuda. – Não me imaginaria vivendo em outro lugar, longe da natureza, das árvores, dos lagos e da neve. É tudo o que tenho.

– Ora, que sensível. Quem diria que você seria tão sentimental com as

montanhas, Sr. White?

– “Um homem aprende a amar o que recebe” é um ditado por aqui.

Ela analisou as palavras dele por um tempo e sua mente a transportou direto para a casa asséptica dos pais e para o apartamento branco que dividira com Mark. Ela havia chamado os dois locais de lar, mas nenhum deles tinha lhe passado a sensação que Gabriel parecia experimentar ali, de estar completo, mesmo em meio a uma dificuldade. Ele poderia estar tenso pelo perigo que a montanha e a neve representavam, mas nunca deixaria de amar aquela paisagem.

– É um pensamento muito bonito, Gabriel. Quando, é claro, o homem tem a sorte de receber um local que o agrada. Mas, às vezes, recebemos lares secos ou em que não nos encaixamos, não?

Gabriel se questionou se ela estava falando por experiência pessoal, mas manteve o pensamento para si.

– Suponho que você esteja certa. Eu falo baseado apenas na minha experiência. Eu nasci nas montanhas e nunca busquei outra realidade. Talvez, se eu saísse pelo mundo, descobriria que o que tenho aqui não é suficiente. Mas vou me arriscar a não descobrir, por enquanto. E você? É feliz sob o sol escaldante da Califórnia?

Não mais, ela quis dizer, mas as palavras morreram na garganta antes que ela pudesse dizê-las. Annabeth tinha uma facilidade gigantesca de se expressar e extravasar o que guardava no peito enquanto escrevia. Mas, na vida real, as palavras morriam na garganta antes de serem gritadas.

Às vezes, ela sentia que se afogaria nelas.

Ela colocou um sorriso no rosto e piscou para afastar aquela expressão abatida que sabia estar carregando até segundos atrás.

– Claro que sou. Mas eu não tenho essas raízes que você tem. Eu cresci em vários lugares, em muitas cidades, com muitas pessoas diferentes. Eu amo toda essa jornada, mas não posso evitar de me perguntar como teria sido nascer e crescer em apenas um lugar como você. Parece ser interessante também.

– Bem, tem as suas desvantagens. – Ele se inclinou para frente. – Todo mundo sabe o que você faz, todo mundo sabe onde encontrar você nos bons e maus momentos e se você fizer algo errado, Tracy, aquela simpática senhora que você conheceu na loja de conveniência, tem todo o direito de bater em você com uma toalha. Ela é monstruosa.

– Você a ama. – Annabeth sorriu ao ver a expressão amorosa que cruzou a face dele.

– Sim, eu amo aquela velha megera.

– Ela pensou que eu fosse lenta. Quando ela começou a falar comigo sobre a tempestade e eu não consegui acompanhar o que ela estava tentando

dizer.

– Ela pensa que todos são lentos. É por isso que ela nos criou levando toalhas nas orelhas.

Annabeth riu e, quando se voltou novamente para o fogo, a manta escorregou de seus ombros. Antes que o cérebro de Gabriel registrasse o que ele estava fazendo, seu corpo se inclinou para frente e ele pegou a manta, acomodando-a novamente sobre o ombro dela.

Ele soube que fora a coisa errada a fazer assim que seus olhos encontraram os dela. A luz da lareira brincava sobre a pele de Annabeth e deixava os olhos brilhantes e suaves. Seus dedos tremeram com a vontade de afastar os cabelos dela do rosto e colocá-los atrás das orelhas para que ele pudesse contemplar o rosto todo dela sob a luz das chamas. Ele foi atingido naquele momento pela simples constatação de que ela era uma mulher muito bonita e que, se eles tivessem se conhecido em outro lugar e em outra situação, haveria uma grande possibilidade de ele se interessar por ela de outro jeito que não fosse o de serem meramente conhecidos.

Aquele lugar era perigoso.

Os dois juntos ali dentro eram perigosos.

Gabriel percebeu que Annabeth chegara a alguma conclusão semelhante porque ela se empertigou e se levantou abruptamente, como se tivesse sido atingida por uma descarga elétrica, deixando a manta escorregar para o chão.

– Eu preciso escrever. Acho que tive uma ideia.

Ela deu a volta no sofá e se acomodou na mesa, onde o laptop voltou a zumbir.

Gabriel recolheu a mão devagar, como se não soubesse muito bem o que fazer com os dedos e respirou fundo tentando trazer um pouco de ordem à mente. Sem entender bem o que estava acontecendo consigo mesmo, passou a mão pelo rosto e se obrigou a afastar da mente as imagens perigosas que seu cérebro havia despertado.

Gabriel sabia que passaria mais uma noite insone. Sua cabeça estava cheia de preocupações com a cidade lá embaixo, com o seu negócio e com o que poderia estar acontecendo enquanto ele estava sem acesso ao mundo. Toda vez que lembrava do celular que esquecera no carro, praguejava consigo mesmo. Um erro de principiante. Aquela situação serviria de lição para o protocolo a ser seguido nas próximas tempestades. Dentre as novas regras que ele rabiscaria assim que voltasse para a cidade, estariam manter um celular junto ao corpo o tempo todo, levar uma segunda muda de roupa para cada canto que tivesse que ir, não permitir que mulheres impulsivas saíssem durante tempestades de neve, não ficar trancado em uma cabana com mulheres impulsivas, criativas e insones durante uma tempestade, não tocar em mulheres impulsivas, criativas e atraentes durante uma tempestade. Quem sabe, se Gabriel seguisse essas novas resoluções, ele pudesse ter uma noite de sono tranquila caso o destino brincasse com ele daquele jeito novamente.

Mas não eram só os arrependimentos e apreensões que estavam tirando o sono de Gabriel. Era Annabeth de novo. A exemplo da noite anterior, Annabeth atravessava a madrugada escrevendo de forma alucinada e sem pausas. Como ela conseguia fazer aquilo, ele não sabia. Era o grande mistério que formava a vida de um escritor de verdade, ele supunha. Às oito horas da noite, ele havia deitado naquele sofá minúsculo e pensado em pegar no sono. Mas, do outro lado, a pequena tirânica do laptop não pareceu cansada de escrever. Ela continuou e continuou e repetiu o mesmo ritual da noite anterior.

Só que dessa vez ela acrescentou algo. Ela passou a murmurar enquanto escrevia.

De início, Gabriel pensara que ela estivera rezando. Mas, quando apurou os ouvidos, percebeu que ela estava falando consigo mesmo enquanto escrevia. Ela perguntava e então respondia, para logo depois assumir uma voz diferente como se estivesse encarnando outro personagem. Annabeth estava tão compenetrada no livro que estava escrevendo que estava imersa nele. Quando a noite avançou e ela continuou naquele estranho ritual, Gabriel colocou uma almofada sobre o rosto e amaldiçoou o deus das montanhas de neve. Perto das quatro da manhã, ela desligou o laptop e subiu para a cama elevada, ainda falando consigo mesma. Quando a luz apagou, Gabriel pediu perdão para o deus das montanhas e se permitiu imaginar que teria pelo menos duas horas de sono antes que o corpo o despertasse de forma automática.

Ele estava sonhando com neve e um urso chamado Pennywise quando um grito o acordou de supetão.

– Meu Deus – ele grunhiu e olhou ao redor, assustado. O grito começou de novo e dessa vez ele identificou a origem. Vinha da plataforma onde Annabeth estava deitada.

Sem pensar duas vezes, ele subiu a escada e se debruçou sobre ela para acender o abajur que ficava do outro lado. Ela gritou novamente e Gabriel sentiu os tímpanos vibrarem de forma dolorosa. Ela estava de olhos fechados, mas lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto enquanto a boca se contorcia pronta para gritar de novo.

Gabriel pousou as mãos gentilmente nos ombros dela e falou:

– Annabeth. Annabeth. Acorde. Me escute. – Ele pressionou os polegares na pele da base do pescoço dela aplicando uma leve pressão, subindo e descendo como sua mãe costumava fazer quando ele tinha um pesadelo quando criança. Aquilo deu resultado porque o grito morreu na garganta de Annabeth e ela soluçou, com os olhos ainda fechados, e deixou a cabeça pender para a mão aberta dele. – Annabeth?

Os cílios dela pestanejaram uma, duas vezes antes de seus olhos focarem completamente nele. No segundo em que ela o reconheceu, o pânico tomou suas feições e ela se ergueu e se afastou do toque dele.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, rouca.

– Você estava tendo um pesadelo. Estava gritando.

– O que eu disse? – Ela limpou as lágrimas com as costas das mãos.

– Nada. Você não disse nada. Apenas gritou.

Ela respirou fundo e desviou o olhar, parecendo constrangida.

– Vou buscar água para você – disse e se levantou antes que ela pudesse protestar. Quando voltou, Annabeth parecia recomposta. Ela havia prendido os cabelos em um nó e puxado os lençóis até o peito. Ela bebeu a água em um único gole e devolveu o copo para Gabriel.

– Situação clichê de romance. A mocinha tem um pesadelo e o mocinho a consola.

Gabriel franziu o cenho e coçou a cabeça, confuso.

– Me disseram que escritores têm fama de ser excêntricos e eu estou começando a acreditar nisso. Algumas coisas que você fala não fazem sentido nenhum, Annabeth.

Ela fungou e sorriu para ele.

– Não tente entender. É tudo parte de como meu cérebro funciona. Eu vivo a realidade do lado de fora e uma realidade paralela que acontece dentro da minha mente. Às vezes, as duas se confundem. Obrigada pela água. Você pode

voltar para baixo.

Ele fez menção de se levantar, mas mudou de ideia. Gabriel quase podia escutar Zachary dentro da sua cabeça o instigando: “Pergunte a ela se quer conversar. Ofereça ajuda”. Ela tinha tido um sonho ruim, havia lágrimas secas nas bochechas dela e olheiras sob seus olhos. Mesmo se fosse insensível – coisa que ele não era –, seria impossível não se compadecer e se importar com o que ela estava sentindo naquele momento.

– Você quer conversar?

– Não.

– Sério? – Ele fez uma careta zombeteira. – Logo você não quer começar uma conversa.

Annabeth revirou os olhos para ele. Na única vez que ela realmente não queria conversa, ele resolvera ser simpático.

– Foi apenas um pesadelo. Já estou melhor.

– Você sonhou com Pennywise sendo atropelado?

– Não. – Sem querer, o riso escapou da boca dela. – Não sonhei com meu falecido gato. Mas esqueça, estou bem. Você deveria voltar a dormir. Acho que meus hábitos noturnos de escrita têm atrapalhado o seu sono.

– Eu posso me virar.

– É muito gentil da sua parte, mas sei que não ofereci muita paz nas últimas noites. Vá dormir, Gabriel. Eu vou tentar também.

Ele pareceu considerar as palavras dela e, depois, decidindo que era melhor deixá-la em paz com seus pensamentos, se levantou, levando o copo consigo. Gabriel se deitou novamente no sofá, mas o sono não veio. Os pensamentos – e o olhar – ficavam voltando o tempo todo para a mulher deitada lá em cima.



Um animal enjaulado em um espaço pequeno tem grandes possibilidades de ficar estressado. Dois animais enjaulados em um espaço pequeno ficam estressados com certeza absoluta.

Annabeth estava com o humor de um cão raivoso em dia de chuva e Gabriel, por sua vez, parecia bem o urso que seu tamanho aparentava. Os dois tinham dormido pouco durante a noite e acordado para a neve que continuava a cair lá fora, sem expectativa de deixá-los sair daquele lugar por mais algum tempo. Ele estava novamente em seu ponto habitual em frente à janela; as mãos enfiadas nos bolsos, o maxilar travado; avaliando a altura da neve e quanto tempo e esforço precisaria fazer para voltar para a cidade. Gabriel estava cada vez mais preocupado com sua casa, com os hóspedes e com Zachary e todo o trabalho que deveria estar tendo sozinho lá fora. Por enquanto, ele estava seguro

e bem. Mas, e os outros? Ele fizera um esforço para relaxar e deixar as coisas acontecerem nos dias anteriores, para se adequar ao imprevisto e lavar as mãos em relação ao acaso, mas, naquela manhã, quando acordara e olhara para o mundo lá fora, Gabriel ficara irritado com a impotência de sua posição ali.

Já Annabeth ainda sentia os resquícios do pesadelo daquela noite puxando-a para baixo. Fazia tempo que ela não sonhava, ou tinha pesadelos, mas parecia que tudo que tivesse que dar errado daria durante aqueles dias estressantes. Ela não pregara o olho depois de ser acordada por Gabriel – pelas mãos dele – e as imagens do sonho ainda vívidas, acusadoras e vergonhosas teimavam em obscurecer sua visão naquela manhã. Ela tinha sonhado com Mark e fora tão terrível...

Será que algum dia ela se livraria daquele peso? Daquela separação? Ela estava frustrada e com sono; sua cara, marcada por vincos de travesseiro, ainda fechada, espelhando a expressão que ela via no rosto Gabriel ao topar com ele a cada centímetro daquela cabana.

De repente, ao olhar para fora e ver aquela imensidão enorme e incansável de neve, Annabeth sentiu uma saudade enorme do sol, das praias, da brisa que soprava na sacada do seu apartamento pela manhã enquanto escrevia e bebia seu café olhando para o céu. Naquele momento ela concluiu que odiava neve. Odiava o frio lá fora. Odiava aquelas paredes que pareciam se tornar menores a cada manhã e aquele cheiro perene de madeira queimada que fazia suas narinas arderem. Ela também odiava Mark e Rich. E toda aquela situação.

Ela havia jurado, no primeiro dia, que não choraria. Que não se desesperaria com a sua condição e com a maneira como a vida dela havia virado de cabeça para baixo. Ela prometera para si mesma, depois de acordar naquela primeira manhã na cabana com a cabeça latejando, que não se deixaria abater. Que ela engoliria a mágoa que ainda sentia por Mark, a raiva que sentia por Rich e a frustração com o resultado do seu último livro e que faria disso um combustível para voltar à tona. Ela não cairia outra vez.

Mas, agora, olhando ao redor para aquelas paredes, confinada naquela situação, Annabeth sentiu tudo aquilo borbulhar e ferver o sangue dela.

E, para completar a situação, ela estava há meia hora tentando iniciar um novo capítulo, sem sucesso. Nada do que ela escrevia parecia ter sentido.

E aquele café – que Gabriel fizera – estava fraco e doce.

Ela odiava café fraco e doce.

Ela odiava tudo.

– Isso é o que eu chamo de um café horroroso – disse e ficou secretamente feliz quando Gabriel desviou os olhos da janela e arqueou uma sobrancelha para ela.

– Sinto muito que o café não esteja à sua altura, Srta. Sullivan.

Srta. Sullivan. Alguém também estava com um humor de campeão naquela manhã.

– Me deixe fazer o café, Sr. White. Você pode continuar com a tarefa de acender a lareira.

– Ora, peço perdão por tentar ser útil – ele respondeu ainda olhando para fora.

– Nossa convivência nesse inferno gelado só vai funcionar se você fizer a sua parte. E eu a minha. – Ela bateu com força nas teclas, formando uma palavra sem sentido nenhum apenas para dar ênfase ao que dizia.

Ele virou o corpo lentamente para ela, uma expressão sombria cruzando seu rosto. Gabriel a estivera ignorando nos primeiros minutos da manhã, pois queria dar espaço para que ela se recuperasse da situação daquela noite, mas se Annabeth iria atacá-lo de forma gratuita daquele jeito, bem, ele não ficaria para trás. Ao diabo com ela!

Ele se aproximou dela com três passos largos e a olhou de cima a baixo.

Annabeth tinha muita experiência com expressão corporal para saber que ele estava se impondo ao olhá-la daquele ponto, portanto pousou a xícara com cuidado na mesa e se levantou para se postar como uma adversária à altura.

O efeito foi estragado pelo simples fato que, mesmo de pé, ela mal batia no peito dele. Mas a intenção era o que valia.

– Talvez você queira dividir outras tarefas de maneira igual? Afinal, nós ainda vamos ficar um tempo razoável aqui juntos e eu odiaria fazer algo que atrapalhasse o seu modo de viver.

Annabeth cruzou os braços também e o encarou.

– É uma ótima ideia. Só Deus sabe mais quanto tempo teremos que passar dentro desse inferno por culpa sua.

Os olhos dele faíscaram.

– Minha culpa? Você, por acaso, está sugerindo que eu conjurei uma nevasca? É muita imaginação, até mesmo para você.

– Claro que não, mas, se você tivesse voltado pela estrada em vez de subir em direção às cabanas, quem sabe isso não tivesse acontecido. – Golpe baixo, ela sabia. Mas, sinceramente, não estava se importando.

Gabriel cruzou os braços sobre o peito e se aproximou dela.

– Deixe-me refrescar a sua memória sobre o ocorrido, Srta. Sullivan. Você estava tendo um maldito colapso nervoso no meio de uma tempestade. Eu fiz a coisa mais sensata naquela situação, que era trazê-la para um lugar seguro onde você pudesse ter acesso a todas as suas coisas. E, se tentássemos voltar, como você sugere, ficaríamos presos naquela maldita estrada até morrermos

congelados. Eu já lhe disse antes, acredite em mim, eu sei como as coisas funcionam por aqui.

Era razoável, Annabeth precisava admitir. Ela também faria aquilo se estivesse no lugar dele. Mas, naquele momento, argumentos razoáveis não importavam. Ela estava fervendo por dentro, algo dentro dela se contorcia para ser libertado. Annabeth precisava colocar para fora aquele bolo de ansiedade e irritação que a estava corroendo. E Gabriel parecia um ótimo candidato para receber essa frustração. Ele estava ali, disponível e era um adversário à altura. Um pequeno alarme sobre aquela situação soou na cabeça dela, lembrando-a de que uma discussão com um cara bonito dentro de uma cabana sempre levava a um tórrido romance nos livros, mas Annabeth fez uma rápida avaliação de que ela jamais deixaria a situação chegar àquele... nível.

– Bem, nunca saberemos, não é? – Ela elevou a voz em resposta. – E agora estamos os dois aqui presos nessa cabana do tamanho de uma caixa de fósforos, coberta de neve. Eu estou desenvolvendo claustrofobia nesse lugar! – Ela espetou um dedo contra o peito dele.

Ele soltou um riso debochado.

– Ora, nós tínhamos opções muito maiores de cabanas, Srta. Sullivan. A escolha fica por conta do cliente. – Ele deu um passo à frente, empurrando o dedo dela.

– Não foi escolha minha, meu agente alugou – ela rebateu.

– Bem, então reclame com o seu agente e não comigo.

– Eu adoraria falar com o meu agente, porém o telefone não está funcionando. Uma cabana minúscula com um telefone que não funciona. Isso é o que você tem a oferecer aos seus hóspedes?

– Não sei se você percebeu, mas nós passamos por uma maldita tempestade de neve lá fora que derrubou as linhas! – Gabriel passou a mão pelo rosto, tentando se controlar. – E por que diabos você não tem um celular? Não vendem essas coisas na cidade de onde você veio?

– Eu não gosto de celulares – Annabeth respondeu, na defensiva. – E, mesmo se eu tivesse, aposto que não funcionaria nesse fim de mundo.

– Até ontem você parecia empolgada com o seu retiro para escrever!

– Eu mudei de ideia. Esse lugar é horrível, não sei como os seres humanos conseguem viver aqui, com todas essas árvores e lagos e montanhas e toda essa neve horrorosa!

– Quando a neve derreter, você pode ficar à vontade para dar no pé e voltar para onde quer que você tenha vindo.

– Califórnia! Eu vim da Califórnia.

– Eu não poderia me importar menos.

– Que novidade. Você não se importa com nada!

– Aparentemente, eu me importo, pois você está viva e bem!

– Só porque eu sou uma hóspede. Tenho certeza de que, se eu não fosse, você teria me deixado para morrer!

– Sabe de uma coisa? Talvez eu tivesse deixado mesmo. Diabo de mulher!

– E você é um diabo de homem!

– E o que você é? Hein? Chegando aqui sem nenhum conhecimento sobre as montanhas e achando que isso aqui é algum tipo de parque recreativo.

– E você é... Você é... – Ela fechou as mãos em punho e bateu contra o peito dele. – Você é um urso!

– O quê?!

– Você é grande e insuportável e eu estou furiosa com você e com essa maldita situação!

– E você acha que eu estou feliz com isso? Estar preso aqui com uma mulher irritante como você?

– Grosseirão. Bruto. Mal-educado! Você tem sido tudo isso desde o momento em que abri a porta para você no primeiro dia!

– E você tem sido teimosa e cabeça-dura!

– Você é mais teimoso ainda! Você é todas essas coisas horríveis e eu sei que agora nós vamos nos beijar e fazer sexo no chão porque é assim que essas cenas sempre terminam nos livros e eu vou odiar a mim mesma por cair nesse clichê ridículo! – ela gritou.

Annabeth poderia escutar se um alfinete caísse no chão naquele exato momento. Gabriel estacou, ainda segurando as mãos que ela erguera para bater no peito dele, a boca escancarada de espanto. Eles estavam encarando um ao outro, os corpos quase se tocando, cada qual pensando na loucura daquele momento.

– Srta. Sullivan. – Ele respirou fundo e a encarou desconcertado. – Eu não tenho certeza de que estou acompanhando a sua mente.

Annabeth sabia que havia ultrapassado um limite. Sabia que, num momento de estresse e insanidade, tinha deixado sua imaginação se sobrepor à razão e protagonizado uma cena que se arrependeria depois. De repente, ela se sentia toda quente. E sinceramente? Ela não conseguia definir pelo que estava queimando. Por causa da discussão? Por causa da tensão que havia sido criada entre os dois e era palpável no ar? Por causa do que acabara de dizer?

Gabriel parecia uma parede, ela se deu conta ao perceber que os dois haviam recuado até Gabriel praticamente prensá-la contra o sofá. Annabeth o empurrou – uma tarefa nada fácil – e se postou do outro lado, as mãos nos

quadris, ainda ofegante com a torrente de palavras desconexas que despejara nele.

– Você quer fazer sexo comigo?

– Não! Não! Ah, meu Deus. Não foi isso que eu quis dizer. Na verdade, foi. Mas não foi. Urgh! – Ela apertou as mãos contra os olhos para tentar clarear as ideias.

Aquela era uma reviravolta inesperada, Gabriel pensou. Toda a raiva se esvanecendo e sendo substituída por imagens... Diabos! Ele piscou forte uma vez para voltar a se focar na mulher à sua frente. Mas, quando olhou para o rosto vermelho dela, foi impossível não pensar em...

– Annabeth...

– Ok. Gabriel, sente-se. – Ela respirou fundo e apontou para o sofá.

– Claro.

Ele estava.... rindo? Aquilo no canto da boca dele era um maldito de um sorriso? Era tudo que faltava na vida de Annabeth. Um fracasso editorial, uma cabana no meio do nada, uma tempestade de neve mortal e um homem rindo da cara dela. Annabeth se perguntou naquele momento se no fundo do poço serviam champanhe.

Ela puxou uma das cadeiras da mesa e se sentou de frente para Gabriel. Pigarreou, tentando ordenar os pensamentos e trazer um pouco de lucidez para aquela bagunça.

– Eu vou tentar explicar o que acabou de acontecer para que você não pense que eu sou algum tipo de predadora sexual ou que eu esteja minimamente interessada em você, o que, devo dizer desde já, não é verdade.

– Certo.

– Gabriel White, eu não quero fazer sexo com você e não tenho nenhum interesse sexual no seu corpo. Isso precisa ficar bem claro. Você é um homem fisicamente muito interessante. – Ela ignorou a maneira sarcástica com que ele arqueou a sobrancelha para ela. – Mas eu não estou interessada.

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e deu de ombros.

– Entendido. Eu sou *sexy*, mas você não tem interesse.

– Eu não disse que você era *sexy*. Você está rindo de mim. Gabriel! Apenas ouça.

Gabriel levantou as mãos como quem diz que desiste e fez um sinal para que ela continuasse. O corpo dele estava quente. Nos lugares errados. Ele a imitou e respirou fundo, tentando se controlar.

– Isso tudo aconteceu porque eu estou tentando evitar clichês.

– Isso outra vez. O que diabos isso significa?

– Que eu não gosto de cenas clichês. Sejam na vida real ou na ficção. Eu

tenho alergia a situações clichês. Como jantar romântico no Dia dos Namorados, abraços no Natal, chocolates para TPM ou beijos embaixo de chuva. Eu sou... alérgica a clichês.

– Isso é uma doença real? Nunca ouvi falar disso.

– Me deixe terminar. Você está me acompanhando? – Ele assentiu em silêncio. – Quando meu agente disse que eu deveria fazer um retiro nas montanhas para escrever meu novo livro, eu quase o joguei pela janela. Porque fazer um retiro para escrever é um grande clichê da vida de um escritor. Eu não gosto de fazer o que todo mundo faz e certamente não tinha vontade alguma de entrar nessa onda de período sabático para escrever. Mas não havia negociação com Rich. Esse é o nome dele.

– Tudo bem. Rich é o cara que alugou a cabana.

– Isso mesmo. E, então, eu cheguei aqui para viver o grande momento clichê de escritores e, de repente, várias coisas muito clichês de romances açucarados começaram a acontecer. Você já leu um romance açucarado, Gabriel?

– Não posso dizer que eu tenha lido.

– Bem, existe um roteiro de romance compartilhado por quase todos os livros do gênero que é do casal que fica preso em uma cabana por causa de uma situação adversa. Então eles se apaixonam dentro dessa cabana. Eles fazem sexo na cabana e eles vivem felizes para sempre.

– Você está dizendo que...

– Não! Nós não vamos fazer sexo! Mesmo que nossa situação seja um grande e gigantesco e tenebroso clichê de romance meloso isso não vai acontecer.

– Então por que você...

– Porque nós somos dois adultos presos em uma cabana e toda vez que eu olho para você minha cabeça de escritora começa a funcionar, e eu começo a tramar esse romance que não deveria acontecer.

– Você fantasia comigo.

– Gabriel. – Ela apertou o alto do nariz com os dedos.

– Você acabou de dizer isso!

– Eu não disse que fantasio com você. Eu digo que minha mente de escritora alimenta o clichê da cabana e foi por isso que eu disse aquilo no momento acalorado que tivemos antes. Porque, dentro dos clichês de cabanas, todo casal tem uma discussão e diz coisas horríveis, mas, então, no meio da briga, eles se beijam e, de repente, se jogam no chão e arrancam a roupa um do outro e... Você sabe. Sexo. Eles fazem sexo. Explosivo e apaixonado e enfurecido...

– Annabeth. – Ele pigarreou e se remexeu de forma incomoda no sofá. –

Você está colocando imagens na minha cabeça que eu não sei se deveriam estar lá, então...

– Jesus Cristo, Gabriel!

– Eu não tenho culpa se você está praticamente descrevendo nós dois de forma fantasiosa fazendo sexo na frente da lareira e...

– Eu não estou! Esse era o roteiro do livro, não um retrato do que vai acontecer entre nós dois. Então, agora você sabe. Quando eu falo de clichês, é a isso que me refiro. É assim que eu vejo o mundo. Em cenas, em forma de livros. Eu costumo encaixotar tudo ao meu redor como se fosse uma possível história. Isso que está acontecendo agora. – Ela fez um gesto indicando a cabana e a neve lá fora. – Dentro de mim, é um possível roteiro.

Gabriel se recostou no sofá, analisando-a com atenção. Na noite anterior, ele havia chegado à conclusão de que aquela situação era perigosa. Agora, ao observar Annabeth do outro lado e pensar em tudo que ela dissera, ele tinha certeza de que as coisas poderiam tomar um rumo em que seria impossível de voltar atrás.

Ele sentiu um puxão no fundo do estômago que não tinha nada a ver com fome. Tinha a ver com o rosto de Annabeth e os cabelos dela que caíam em desalinho sobre o rosto. Tinha a ver com os olhos castanhos dela que ainda estavam brilhantes pela excitação de explicar aquilo tudo. Tinha a ver com a maneira como ela franzia o nariz quando estava contrariada e que lhe dava um ar pensativo e curioso.

Annabeth estivera imaginando uma história fictícia de romance na cabeça de escritora que existia sobre aqueles ombros magros. Mas Gabriel não precisava ser escritor para imaginar a mesma coisa agora.

O aperto no estômago se intensificou e ele resolveu se mover antes que a mente dele começasse a trabalhar em direções impossíveis.

– Aquele café estava mesmo tão ruim assim? – perguntou e sentiu um prazer estranho e novo correr por dentro dele quando ela sorriu. Sorriu de verdade, toda lábios e dentes e olhos. Ela escondeu o rosto atrás das mãos e riu.

– Eu não acredito em toda essa cena que acabamos de protagonizar.

– Bem, as coisas podem sair do controle dentro de um confinamento.

– Suponho que sim. E, sim, o café estava terrível. Acho seguro que a gente se atenha às nossas próprias tarefas, White. Eu faço o café. Você cuida do fogo. E dividimos o que quer que surja nesse meio tempo. Como brigas e conversas estranhas.

– E clichês de romances açucarados.

– E clichês de romances açucarados.

Eles se encararam por alguns segundos, cada qual imerso em

pensamentos particulares. Então Annabeth respirou fundo, juntou a dignidade que estivera estirada no chão e voltou para o seu computador. Gabriel removeu por mais um tempo tudo que fora dito entre os dois e, depois, não chegando a nenhuma conclusão certa, retornou para a sua janela, para a imensidão branca lá fora que brilhava sob os raios de sol das dez da manhã.

Na experiência de Annabeth, só havia duas formas de se superar um momento constrangedor. Uma seria recolher sua vergonha e sair de fininho, afastando-se o máximo possível do objeto da sua vergonha – ou da pessoa que a presenciara – para nunca mais voltar; e a segunda seria erguer a cabeça e fingir que você passava por aquilo todos os dias, que era a rainha do mico e que não era afetada de forma alguma por constrangimentos ocasionais. Como a primeira opção, fugir sem olhar para trás, estava fora de questão na situação em que Annabeth se encontrava, ficar e fingir que estava tudo bem era a única escolha possível.

– Então, qual o veredicto sobre o tempo? – perguntou ao se aproximar de Gabriel.

– Hmm.

– O que “hmm” significa?

– Eu estou pensando na sua resposta.

– Então diga “ainda não sei, querida Annabeth”.

– Hmm.

Annabeth revirou os olhos e se postou ao lado dele na janela, contemplando o tapete branco que era a paisagem. Ela mergulhou a colher no iogurte que trazia na mão e levou à boca, deixando a colher pender, presa entre os lábios. Gabriel lançou um olhar esquisito para ela e depois voltou a contemplar a paisagem.

– O quê? Ainda tem um na geladeira se você quiser. Aliás... – Ela ergueu a embalagem à procura de uma informação. – Há quanto tempo esse iogurte está lá?

– Desde a manhã em que você chegou. Faz parte do pacote de boas-vindas que oferecemos aos hóspedes. Não se preocupe, não está contaminado.

– Se estivesse, você seria um péssimo anfitrião me deixando comer algo podre.

– Você é a anfitriã aqui.

– *Touché*. Então, qual a resposta?

– Sobre o quê?

Annabeth revirou os olhos para ele, irritada quando percebeu um sorriso nos lábios de Gabriel.

– Minha primeira pergunta. Qual o veredicto sobre o tempo lá fora?

– A neve parou, provavelmente amanhã teremos tempo limpo e talvez

depois de amanhã possamos abrir a porta e tentar chegar até o barracão para pegar mais lenha ou tentar alcançar meu celular e o carregador no carro.

– Então a previsão é de pelo menos mais dois dias presos na cabana amaldiçoada.

Ele a olhou de cima e franziu o cenho.

Annabeth revirou os olhos.

– Essa linda cabana amaldiçoada. Pelo capeta da montanha das neves. Você está rindo, Gabriel White. Eu posso ver através dessa sua barba.

– Eu não estou rindo.

– Sim, você está.

Ambos ficaram observando a paisagem por mais um minuto antes de Annabeth falar novamente.

– Você sabia que eles são todos diferentes?

– Quem é diferente?

– Não quem. O quê. Os flocos de neve. Todos esses incontáveis flocos de neve acumulados ali fora são diferentes uns dos outros. Eles podem ter mais de oitenta formações diferentes porque sua forma depende da condição da temperatura e pressão exercida sobre os cristais de gelo.

Ele a encarou, curioso e espantado ao mesmo tempo.

– Ora, e eu pensei que você não soubesse nada sobre neve e montanhas.

– Li isso em uma revista na recepção de um consultório uma vez.

Ele colocou as mãos nos bolsos e olhou para a paisagem embranquecida.

– Sim, eu sabia. É incrível, não? Que eles pareçam todos iguais, mas ao mesmo tempo sejam únicos.

– Como as pessoas.

– Pessoas?

– Sim. Somos todos parecidos, dois braços, duas pernas, um nariz, uma boca, fazemos coisas semelhantes, mas ao olhar de perto...

– Ou ficar preso com a pessoa em uma nevasca...

– Ou ficar preso com a pessoa em uma nevasca... – Ela sorriu. – Percebemos que somos todos diferentes e particulares. Mas nos encaixamos e podemos viver todos juntos.

– É uma bela reflexão, Annabeth. – Ele encontrou os olhos dela através do reflexo da janela.

– É... Eu estava pensando sobre isso. Em como coisas diferentes podem funcionar juntas.

Ela deu as costas para ele e foi se sentar no sofá. Gabriel acompanhou seu reflexo, as mãos abrindo e fechando dentro dos bolsos, o coração dando um salto incômodo dentro do peito.

Ele a seguiu um minuto depois, sentou-se ao lado dela e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. Era perceptível que ambos estavam tentando manter um clima ameno e não constrangedor depois do que havia acontecido pela manhã.

Gabriel tentou não analisar aquela cena toda mais uma vez. Se o fizesse, outros pensamentos, sinuosos e intensos envolvendo Annabeth acabariam comprometendo a sua sanidade – que já estava por um fio. Ele resolveu levar suas reflexões para um terreno menos pedregoso.

– Você disse que seu agente alugou a cabana. Achei que a ideia de ter vindo para cá fosse sua. – Crie uma conversa e a leve para longe das imagens tentadoras. Para longe do que ela havia dito antes.

Annabeth lambeu a colher e o avaliou, decidindo se respondia ou não. Seu orgulho gostaria de continuar dizendo que sim, tudo aquilo fora ideia dela, a viagem, a cabana, o recesso. Mas, naquele momento, ali sentada ao lado dele dentro da cabana silenciosa, ela percebeu que não conseguiria manter aquela fantasia por muito tempo. A cena que eles tinham protagonizado horas antes fora um ritual de passagem para os dois, bizarro, mas fora. Ele não era mais o urso, nem o Sr. White. Ele era Gabriel. Para quem ela contara que sua cabeça era um livro sendo escrito e que sabia agora estar dentro das cenas que sua imaginação protagonizava.

Annabeth pensou nos flocos de neve. E, então, ela resolveu dizer a verdade.

– Você quer saber como as coisas aconteceram, desde o início?

– Depende de quantas horas isso vai demorar.

– Eu sou uma contadora de histórias, lembre-se disso. Vamos ver. – Ela apoiou o pote vazio de iogurte e a colher no braço da poltrona e imitou a posição dele, cruzando os próprios tornozelos. – Tudo bem, deixe-me tentar passar para você uma versão resumida de como acabei aqui.

– Eu tenho trinta minutos disponíveis para você.

– Engraçadinho. Acho que você deveria pensar em escrever seu próprio livro de piadas, Gabriel.

– Se eu sobreviver, quem sabe. Tudo bem, me conte a sua história.

– Vou começar pelos meus livros. Eu não estava mentindo quando disse que eles são um sucesso. Eu sou realmente boa no que faço e meus livros conquistaram uma pequena legião de fãs pelo mundo, e eu sou muito orgulhosa disso. Mas, apesar de oito dos meus livros terem sido um grande fenômeno de vendas, meu último livro não foi. Não estava bom. Não agradou ao público, então, as coisas ficaram realmente estranhas para mim.

Ele estava olhando para ela, atento e curioso. Annabeth respirou fundo, tirando aquelas palavras de dentro de si pela primeira vez em voz alta.

– E quando você é um fenômeno em um dia e um fracasso no outro, isso liga o radar dos agentes literários, e eu quero dizer, nesse caso, do meu agente literário.

– O que deu errado no seu último livro? – ele perguntou verdadeiramente interessado.

– Você quer uma lista? – Ela lançou um sorriso rápido e amargo para ele.
– Tudo deu errado. O ritmo não estava certo, a protagonista estava descaracterizada, a trama tinha mais furos que um queijo suíço e o final era lamentável. Tudo isso foi dito claramente em resenhas muito bem escritas por críticos ao longo de todo o país e sabe o que foi pior? Eu concordei com eles. Estava realmente um desastre. Eu fui um sucesso e então fui um fracasso. Você já fracassou fazendo algo que ama, Gabriel?

– Não posso dizer que sim.

– Bem, eu já. É a pior sensação do mundo. Escrever é a minha identidade. E eu criei e fiz crescer essa identidade nos últimos anos através dos meus romances. E, de repente, eu errei. Eu pisei em falso fazendo algo que amava e eu descobri que o mundo não é compressivo quando você tropeça. Eu fui massacrada pela crítica, as resenhas foram venenosas e o último livro foi um fiasco. E, quando as coisas dão errado, o dinheiro não chega. Então, meu agente decidiu que eu precisava de um momento tranquilo para descansar e voltar a me inspirar e escrever o próximo *best-seller* da minha vida. E aqui estou eu. – Ela fez um gesto largo, abrangendo a cabana. – Passando por um momento muito relaxante tentando produzir um livro que chegue ao topo da lista dos mais vendidos outra vez. Fim da história.

Gabriel não disse nada por um momento. Ele continuou de braços cruzados, os olhos escuros encarando Annabeth.

– Então, você está escrevendo um novo livro por causa do seu agente?

– Sim e não. – Ela puxou os joelhos em direção ao peito e os abraçou. – No início, quando ele comprou a passagem e alugou este lugar, eu estava. Mas, depois, quando eu voltei a escrever, percebi que também estou escrevendo por minha causa. Eu sei que preciso escrever algo que venda, mas também preciso construir um novo livro bom por mim, para provar que eu posso fazer isso outra vez. Eu sou boa no que faço. Ter errado no último livro me machucou muito.

– Eu sinto muito. Eu não sei nada sobre livros ou escritores, mas imagino que o trabalho por trás de uma história não seja simples. É muito difícil quando falhamos em algo que significa tanto para nós.

Annabeth sentiu um peso – bem pequenino – no estômago ao se lembrar de Galiel Black e do fato de ela ter inspirado o personagem intragável naquele homem ali na sua frente. Ela se sentiu um pouco culpada. Só um pouquinho.

– Obrigada. De verdade.

– Você pode me agradecer ao dedicar essa próxima história para mim. –
Ele deu de ombros como quem não quer nada.

Ela revirou os olhos, mas admitiu para si mesma que não seria uma loucura caso ela fizesse exatamente aquilo. *Este livro é dedicado a Gabriel, que me assustou, me salvou, me irritou, mas me inspirou.* Quem sabe.

Ela encostou o rosto sobre os joelhos e olhou para as chamas da lareira, sentindo-se de súbito um pouco mais relaxada, como se falar tivesse descarregado um pouco da tensão que ela trazia desde que deixara o escritório de Rich, dias antes. Ela sentiu um arrepio na base da espinha ao notar, pelo canto do olho, que Gabriel ainda estava olhando para ela.

Gabriel, por sua vez, estava tentando desvendar o enigma sentado ao lado dele no sofá. O confinamento realmente fazia coisas engraçadas com a mente das pessoas. Ele estivera irritado com ela e frustrado no início, depois se resignara; eles haviam virado quase amigos para logo depois perderem as estribeiras de novo. E agora? Bem, agora ele estava quase... tranquilo com aquele novo momento do estranho relacionamento entre os dois.

Ele olhou para Annabeth, o perfil delicado, os cabelos loiros em desalinho, os pés descalços cobertos por meias e sentiu um nó no coração. Um nó estranho. Gabriel definitivamente estava gostando de estar ali com Annabeth.

Perigoso.

Ele engoliu em seco e também olhou para o fogo.

Eles tinham acabado de jantar – torta de carne ao forno – e Annabeth já estava dedilhando no laptop, o barulho das teclas soando alto. A cabeça dela estava baixa, os óculos encarapitados no nariz, os pés cruzados embaixo do corpo, uma xícara de café soltando fumaça ao lado do cotovelo direito. As cenas estavam fluindo bem e as ideias se amontoavam dentro do seu cérebro e pediam para serem escritas. E ela estava fazendo o favor de colocá-las para fora.

Ou pelo menos estivera tentando antes de Gabriel levantar do sofá e começar com a sua dança do animal enjaulado. Para frente e para trás. Para frente e para trás. Remexe o fogo. Confere o termostato. Volta a andar, os pés se arrastando pelo chão.

Ela suspirou, tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz, irritada.

– Precisamos achar algo para você fazer.

– O quê?

– Precisamos achar algo para você fazer. Não posso escrever com você arranhando o chão e grunhindo como um urso preso em uma armadilha.

– Eu não estou grunhindo.

– Bem, eu é que estou escutando, então sim, você grunhe. Fala sozinho. Balbucia.

– Eu não...

Ela estalou a língua e arqueou uma sobrancelha, desafiando-o a continuar negando. Ele deu de ombros e desistiu.

– Arrume os armários da cozinha ou, sei lá, entalhe um esquilo em um pedaço de madeira. Faça qualquer coisa. Flexões. Homens não gostam de flexões?

– Por que diabos eu faria flexões para passar o tempo?

– Eu não sei. – Annabeth revirou os olhos. – Não faço ideia de como homens da montanha passam o tempo quando estão presos em uma cabana.

Foi a vez de ele estalar a língua e olhar para ela.

E continuar olhando.

E, de repente, ambos pareceram perceber que alguma coisa não estava correta e desviaram os olhos, ela olhando para o chão, ele para o sofá.

– Você tem algum dos seus livros aí?

– O quê? – Foi a vez de Annabeth ficar confusa.

– Os seus livros. Eu poderia ler para passar o tempo. – Ele colocou as mãos nos bolsos e passou o peso do corpo de trás para frente, parecendo constrangido como uma criança pedindo um doce de café da manhã.

Ela levou um segundo para assimilar o pedido.

– Ah. Claro. Tenho sim. Não todos. Trouxe os três primeiros, que são

cópias que sempre carrego comigo para conferir detalhes das primeiras edições. Tenho os últimos em *e-book* para conferir também.

– Eu poderia ler o primeiro, então.

Ela continuou sentada, olhando para ele e pensando em como seria estranho estar presente em uma sala onde alguém lia um dos seus livros.

– Claro. Tudo bem.

Ela se levantou e subiu até a plataforma, remexendo na mala. Tirou um volume surrado de exatas quatrocentas páginas – *Gritos na Escuridão* – a primeira aventura de Emma Grant e o livro que dera a ela uma nova vida.

– Muitas partes estão sublinhadas e as páginas estão cheias de anotações. Se você conseguir ignorar isso, pode até gostar. – Entregou o livro para ele, sentindo-se, de súbito, tímida e insegura quanto à sua obra.

Gabriel assentiu, analisou o volume e virou para ler a contracapa.

– Não se preocupe, vou considerar um bônus ler a versão anotada da autora.

Depois, sentou-se sob o olhar atento e ansioso de Annabeth, cruzou as pernas na altura dos tornozelos e abriu o livro.

Pode até gostar? O que é que ela estava dizendo? Ela sabia que *Gritos na Escuridão* era um ótimo livro. Milhares de pessoas tinham lido a história de Emma Grant e adorado. E por que diabos ela estava nervosa com o fato de Gabriel White, senhor das montanhas e das cabanas, estar lendo sua obra? Quantas vezes ela fizera leitura coletiva de capítulos inteiros para centenas de pessoas? Quantas vezes seu editor lera trechos de seus livros na sua frente? Muitas e muitas. Não havia motivo para ela estar tão nervosa. Annabeth se forçou a voltar para sua cadeira e se acalmar. Não era nada demais Gabriel estar lendo seu livro. Ele era só mais um entre milhares de leitores. Certo?

Certo.

Mas.

Mas, e talvez fosse por isso que a pele dela estava arrepiada, havia uma certa intimidade em ter Gabriel lendo aquelas palavras ali dentro, no silêncio da cabana, tendo apenas ela por companhia. Gabriel sabia pouco sobre ela e sabia menos ainda sobre Emma. E, como muitos críticos apontaram ao longo do tempo, havia sim traços de Annabeth em Emma. Assim que Gabriel conhecesse a sua protagonista, ele conheceria Annabeth. E essa era uma intimidade que seria aumentada ainda mais pelo confinamento.

Era bobo levando-se em conta a situação em que eles estavam? Era. Mas isso não impedia que Annabeth se sentisse nervosa e... Ansiosa? Sim. Ansiosa. Ela sabia que a opinião dele, ao final, seria interessante de se ouvir exatamente por ele ser um leitor que caíra de paraquedas na situação.

Afinal, os dois caíram em um silêncio confortável. Annabeth escrevia e levantava para preparar algo para comer. Gabriel lia do seu ponto no sofá, o corpo relaxado, a cabeça baixa, levantando-se apenas para acrescentar lenha na lareira a cada hora. Ele não disse nada e tudo que Annabeth escutou nas horas seguintes foi o farfalhar suave das páginas sendo viradas. Quando a noite cresceu do lado de fora, ele se deitou, colocou um braço atrás da cabeça e continuou a ler sem interrupção. Annabeth preparou um sanduíche para si e outro para ele, que pegou o prato sem desviar a atenção do livro.

Annabeth não sabia se se sentia lisonjeada ou apreensiva.

Ele estava lendo sem parar porque estava bom ou porque estava ruim e queria formar uma opinião só ao final?

Ela não ficou sabendo. Pelo menos não naquela noite.

Contrariando uma rotina de anos, Annabeth adormeceu com a cabeça apoiada nos braços, sobre a mesa. Simples assim. No meio da noite, enquanto digitava e revisava, em algum momento, seus olhos tinham começado a ceder e seu cotovelo a deslizar pela superfície lisa da mesa e, em poucos minutos, ela estava encolhida e cochilando sobre o laptop.

Gabriel levou um tempo para perceber que a sinfonia daquela noite era diferente das noites anteriores. Ele estava tão acostumado com o tec tec dos dedos de Annabeth no teclado que seu cérebro levou mais de uma hora para perceber que o ritmo havia mudado. Ele tirou os olhos da página que estava lendo e espiou sobre a borda do sofá. Annabeth estava deitada sobre os braços, os cabelos espalhados sobre a mesa. Devagar ele se levantou, apagou a luz e debateu consigo mesmo se deveria acordá-la ou... Ou o quê? Levá-la para cima? Aquilo só dava certo em filmes, ele supunha. Annabeth acordaria e bateria no meio da sua cara. Então Gabriel fez a coisa mais razoável. Pegou a manta que estava sobre o encosto do sofá e a cobriu gentilmente, tentando não acordá-la. Annabeth provavelmente levantaria de manhã com o corpo dolorido e os músculos duros, mas não poderia reclamar de ter passado frio.

Gabriel passou a mão nos cabelos e observou Annabeth. Ela parecia calma no sono. Os lábios entreabertos, as mãos largadas, sem a agitação que a corroía o dia todo. Os dedos dele se moveram sozinhos e, devagar, tiraram uma mecha que cobria o rosto dela, ajeitando-a atrás da orelha. Annabeth não se mexeu.

Ele estava começando a compreender aquela história toda de romance clichê dentro de uma cabana. Enquanto observava o rosto dela, relaxado no sono, Gabriel temeu estar se apossando do clichê e tornando-o realidade. Ela era uma criatura fácil de se encantar, com sua energia, sinceridade e teimosia. E Gabriel sabia que não poderia olhar para ela outra vez e invocar a primeira

impressão que tivera dela naquela noite quando Annabeth abrira a porta para ele. Ela era agora alguém diferente. Os dois eram pessoas diferentes. Gabriel gostava cada vez mais da Annabeth que passara a conhecer ali dentro daquelas quatro paredes.

Depois de ajeitar a manta sobre ela uma última vez, Gabriel voltou para o seu canto, atizou o fogo e abriu o livro onde havia parado.

~

Annabeth acordou comendo fios do próprio cabelo. Logo depois, sentiu como se todos os ossos do seu corpo tivessem ido parar no lugar errado. Quando levantou a cabeça dos braços e percebeu que ainda estava sentada no mesmo lugar da noite anterior, ela entendeu o porquê.

Tudo doía.

– Ai.

Ela se endireitou na cadeira e a manta escorregou para o chão. Annabeth piscou duas vezes até o mundo entrar em foco outra vez. Ela estivera babando. Passou a mão rapidamente pelo queixo e encarou Gabriel. Sim, lá estava ele, em pé na frente da pia com uma xícara em uma mão e um livro na outra.

Um livro na mão?

– Você ainda está lendo? – perguntou com a voz ainda pastosa.

Ele desviou os olhos das páginas e sorriu para ela.

Sorriu.

Um sorriso luminoso como o sol que ela não via do lado de fora. Annabeth pensou em colocar as mãos na frente do rosto para evitar ser queimada.

Aquilo era um milagre.

Ou ele havia sido abduzido durante a noite e trocado por outra criatura.

– Bom dia. Fiz o café. Forte dessa vez. E acendi o fogo, antes que você possa dizer algo sobre a divisão de tarefas. – Ele fez um brinde a ela com a própria xícara e se recostou na bancada. Ele estava relaxado, os cabelos úmidos do banho. – E sim, eu ainda estou lendo.

Era uma visão muito interessante, ela precisava admitir. Annabeth se levantou meio trôpega e foi em direção à xícara estendida.

– Eu não acredito que adormeci na mesa.

– Adormeceu.

– Por que você não me acordou?

– Eu não sou louco. Achei melhor manter minhas mãos seguras no corpo.

– Muito engraçado. – Ela imitou a posição dele e se recostou na bancada, a xícara na mão, o olhar ainda perdido de quem havia acordado e o corpo ainda resmungando. Ela bebeu um gole do café e olhou de soslaio para o livro aberto

na mão dele. Era o segundo. Sua boca se abriu com o choque. – Você está lendo o segundo livro da série?

Ele anuiu e continuou lendo.

– Você terminou o primeiro?

– Eu acredito que seja um consenso geral ler o segundo livro depois de ter lido o primeiro. – Um sorriso brincou na boca de Gabriel, mas ele não desviou os olhos da página.

– Não seja cretino logo pela manhã. Eu quis dizer que você leu muito rápido. Isso significa que... – Ela umedeceu os lábios. – Você gostou do meu trabalho?

Gabriel olhou para baixo e viu olhos de corça. Aquele foi o primeiro e mais louco pensamento do dia provavelmente. Olhos grandes e castanhos, brilhantes e cheios de... medo? Ansiedade? Sim. Ela estava ansiosa. Como uma mulher linda e talentosa como ela poderia estar ansiosa daquele jeito, ele não podia entender.

Durante a noite, enquanto devorara o livro dela e escutava a respiração baixinha de Annabeth do outro lado, ele fora tomado por uma admiração imensa por aquela mulher. E ele se sentiu envergonhado pelo início. Pela maneira brusca com que a tratara da primeira vez. Pelas palavras rudes no primeiro dia da nevasca. Pelo silêncio.

O que ele estava vendo ali era uma mulher talentosa e sincera no que sentia e no que falava. Impulsiva e apaixonada pelo que fazia.

E então havia aquele sonho que ele tivera durante a noite...

Ele desviou os olhos da boca para os olhos dela, respirou e voltou a se concentrar.

– Você tem um talento incrível, Annabeth. Eu não sou um leitor ávido, sinceramente, nem posso lembrar qual foi a última vez em que peguei um livro na mão, mas devorei a sua história. Tudo o que você escreveu aqui me envolveu até a última página. Eu li durante a noite toda, dormi talvez duas horas e, quando acordei, tudo o que eu pensava era que precisava ler o próximo. Então. – Ele fechou o livro e olhou para a capa. – Eu tomei a liberdade de pegá-lo em cima da sua cama.

Annabeth apertou os lábios um contra o outro e olhou para dentro da própria xícara para evitar o impulso louco que teve de abraçá-lo. Ele havia gostado. De forma sincera como só um leitor novo poderia gostar. Ela estava feliz e orgulhosa de si mesma.

Ela poderia fazer aquilo. Ela poderia voltar a escrever e criar histórias que deixassem as pessoas felizes com as páginas que tinham nas mãos.

– Eu fico feliz. Meus livros são muito importantes para mim e saber que

eles continuam a agradar me deixa muito certa de que eu sou boa nisso. Preciso continuar a fazer isso. Eu posso ter escorregado uma vez, mas posso me levantar. Obrigada, Gabriel. – Ela ergueu a própria xícara e bateu de leve na dele.

– Eu realmente gostei da Emma. Ela é fantástica.

– É linda a minha garota, não?

– Sim, ela é. Todos os personagens são muito bem construídos. Você me fisgou. Fale-me do livro.

– O que você quer saber?

– Eu sou um fã que teve a oportunidade única de ficar preso em uma cabana com a escritora que descobriu admirar. Fale-me do início. O que levou você a escrever Emma. Preencha as minhas lacunas.

A despeito do humor soturno do dia anterior e de tudo que vinha acontecendo, Annabeth se sentiu um pouco animada. Fazia meses que ela não falava de forma positiva sobre seus livros com alguém. Tudo o que ela vinha fazendo nos últimos meses era debater críticas amargas com Rich, responder a *e-mails* raivosos de fãs e tentar colocar as coisas nos trilhos.

Ele estava sendo gentil, ela percebeu. E estava realmente entusiasmado. Aqui estavam eles, presos há dias em uma cabana minúscula, tomando mais café do que deveriam, longe do mundo e de todas as pessoas. E Gabriel estava lendo seus romances e se interessando por eles e pelo que ela tinha a dizer.

Annabeth sabia que, depois do dia anterior, ela o veria de um novo jeito. E naquela manhã percebeu isso de forma mais consistente. Ele era uma boa pessoa. Era calado, fechado e distante. Mas também era gentil, atencioso e leal.

Ela estava se encantando por ele? Se interessando? Seria o poder do clichê agindo ali?

Annabeth teria que pensar naquilo com mais calma.

– Tudo bem. Meus fãs já escutaram essa história várias vezes e ela já saiu em muitas revistas, mas vou ficar feliz de repetir para você. Deus sabe que eu odeio falar.

– Realmente. – Ele sorriu.

– Eu tinha dezenove anos quando escrevi uma história da Emma pela primeira vez. Eu lembro de estar andando pela Quinta Avenida logo depois de ter abandonado a faculdade, feliz, com um café quente nas mãos, o sol brilhando e tudo parecia lindo e promissor. E, então, eu fui atropelada. Por um táxi em fuga. E eu não estou brincando, não faça essa cara de apavorado. Às vezes, as coisas podem ficar bem malucas em cidades como Nova York. E, em uma dessas manhãs em que as coisas ficam fora de controle, eu estava no caminho de um táxi que tinha sido roubado por um traficante e estava sendo perseguido pela polícia.

– Você não está brincando da mesma forma que você não estava brincando sobre o seu gato – ele constatou, chocado.

– Não, não estou. Mas, veja bem, eu só quebrei uma perna, nada de mais sério aconteceu. E, naquele mesmo dia, enquanto estava no hospital, eu recebi a visita dessa mulher realmente maravilhosa. Loira, alta, usando um casaco muito legal e um distintivo. Ela se apresentou como Rebecca Williams, era detetive do Departamento de Polícia de Nova York, Seção de Narcóticos; e estava verificando se eu estava bem, além de querer me fazer algumas perguntas. Ela me explicou o que acontecera e se colocou à disposição caso eu precisasse de algo. E, depois que ela saiu, eu só conseguia pensar em como essa mulher era enigmática e incrível e que seria realmente maravilhoso ler uma história com uma protagonista com aquele rosto e aquela atitude. Então, quando fui para casa uma semana depois, estava realmente entediada e com muito tempo livre, e comecei a rabiscar uma historinha sobre Rebecca combatendo o crime em Nova York. Um mês depois, eu tinha trezentas páginas rascunhadas e um enredo planejado para pelo menos mais quatro histórias.

– Você atrai situações muito bizarras, Srta. Sullivan, alguém já lhe disse isso?

– E eu não sei? Então, depois, munida do meu manuscrito, eu comecei a bater na porta de várias editoras para saber como a coisa toda poderia funcionar. E uma delas aceitou dar uma olhada no que eu tinha em mãos. E aqui estou.

– É uma história digna de um livro próprio, sabe disso, não? – Gabriel se virou e pegou a jarra da cafeteira, servindo ambas as xícaras. – Garota atraente e feliz sofre um acidente trágico, surge uma centelha inspiradora e nasce, assim, um grande sucesso.

– Exato. Como aconteceria em uma comédia romântica. A diferença é que na comédia romântica eu me apaixonaria pelo agente literário e, na vida real, Rich realmente não é meu tipo.

– Para alguém que foge dos clichês, você parece atrair muitos. A escritora de surpresa, o acidente trágico com o animal de estimação, o romance na cabana em meio à nevasca. Sua vida é um grande livro, Annabeth.

– Eu não quero que a minha vida seja um livro. Eu quero que meus livros sejam livros. Eu gosto das coisas normais. Certas, corretas. Mas o acaso vive me cercando e situações malucas caem do céu direto na minha cabeça o tempo todo.

– Talvez seja a vida lhe avisando que o acaso é seu destino e que, no final do acaso, há um arco-íris. Ou uma nova história. – Ele sorriu, formando uma série de rugas ao redor dos olhos escuros.

– Muito poético, Gabriel, mas o acaso pode ser apenas uma situação difícil e chata, como ficar presa por dias em uma cabana no meio do nada.

Ele fez cara de ofendido.

– Bem, o meu acaso resultou em uma ótima leitura. Se tivermos mais neve hoje, eu não vou reclamar porque tenho um passatempo.

– Não diga isso. – Ela revirou os olhos. – Eu preciso de sol. Sinto a minha pele quase translúcida. Há quanto tempo estamos aqui? Três anos?

– Relaxe. A neve está derretendo. Mais tarde vou tentar abrir a porta dos fundos. Se tivermos sorte, poderei caminhar até a lenha do barracão. Tente se conectar à internet depois. Talvez o sinal tenha voltado.

– Ok. E eu pedirei um resgate de helicóptero.

– Minha companhia é tão horrível assim?

– Não sei se poderei me recuperar do que passei aqui com você.

– Achei que estávamos vivendo um começo de romance clichê e sairíamos trocando juras de amor.

– Nos seus sonhos, Sr. White.

Ele pigarreou e abriu o livro, parecendo, de súbito, constrangido. Ela era rápida e, por estar energizada pelo café e pela conversa, pegou a centelha dos olhos de Gabriel em um segundo. Ela o analisou, curiosa.

– Gabriel White. Você não sonhou comigo, sonhou?

– O que faz você pensar isso?

– Você sonhou. O que nós estávamos fazendo? No seu sonho?

– Eu não disse que sonhei com você.

– Gabriel.

– Nós só estávamos aqui, sentados no sofá.

Annabeth mordeu a bochecha por dentro para evitar rir do ar perdido que tomou conta do rosto másculo de Gabriel. Ele parecia um lenhador grosseirão encabulado. Adorável.

Ela bebeu mais um gole do café e o encarou.

– O que estávamos fazendo nesse sonho, Gabriel?

– Nada, Annabeth.

Gabriel avistou problemas no horizonte quando Annabeth tirou o livro das mãos dele e se postou na sua frente. Por um momento, ele viu Emma, a protagonista policial durona e teimosa de Annabeth, mas logo depois viu apenas ela, pequena, curiosa e teimosa. Gabriel sabia que não se livraria a não ser que falasse. Annabeth sabia ser insistente.

Olhos, cabelos e boca. Era impossível não focar em como aqueles elementos se sobressaíam nela. Seus dedos formigavam para tocar nos fios e colocá-los atrás da orelha. Para tocar a boca. Ver os olhos dela se fecharem devagar...

– Infelizmente você não vai poder terminar a história até me contar...

– Você estava me beijando. No sonho.

– O quê?

Os olhos dela ficaram maiores, as bochechas mudaram do rosado para o vermelho vivo e os lábios se crisparam em incredulidade.

A vontade de beijá-la aumentou cem por cento.

– Você queria saber. Eu estou lhe contando. – Ele deu de ombros, evocando uma imagem relaxada que não condizia com o interior dele.

– Por que diabos você estava sonhando que eu estava beijando você? Por que eu? Eu comecei? O que estava acontecendo antes? Você me obrigou a beijá-lo?

Ele alteou uma sobrancelha, ofendido.

– Eu não forçaria uma mulher a me beijar nem em um sonho, Annabeth. Você estava lá e, de repente, estava em cima de mim e estávamos nos beijando. Eu realmente não lembro mais do que isso. Provavelmente meu sonho foi uma reação inconsciente àquela maldita história do clichê.

Ela continuou a encará-lo, a boca entreaberta, a incredulidade estampada no rosto.

– Eu comecei?

– Sim.

– E foi bom?

– Diabos, Annabeth...

– O quê? Eu tenho o direito de saber, não? Afinal, era eu nesse sonho.

Foi a vez de Gabriel parecer surpreso não só pelas perguntas diretas dela, mas também por perceber que Annabeth encarava a situação com curiosidade, como se estivesse recolhendo informações para uma nova história.

Talvez ela estivesse.

Gabriel sentiu um calor que não deveria estar ali descendo pelo seu estômago e indo para direções perigosas. O sangue pulsou nos seus ouvidos e ele engoliu em seco, tentando apaziguar o desejo que sentia.

– Foi bom – disse por fim.

Ela franziu o cenho, como se aquela informação estivesse sendo arquivada em algum compartimento específico do seu cérebro.

– Do tipo muito bom ou razoavelmente bom?

– Annabeth...

– Nós terminamos ou parou tudo em um beijo?

– Annabeth...

– Nós ainda estávamos confinados?

– Eu não acho que seja uma boa ideia reviver o que sonhei.

– Por que não? Você disse que foi apenas um beijo.

– Para uma escritora cheia de imaginação, você está deixando passar alguma coisa aqui.

– Do tipo?

– Quanto mais você pergunta, mais imagens vêm à minha mente e mais vontade eu tenho de que tivesse acontecido de verdade. – Ele deu um passo na direção dela, avolumando-se como uma montanha sobre Annabeth. E ficou secretamente satisfeito ao vê-la se dar conta do que estava acontecendo. E perder um pouco o equilíbrio.

Por ele.

– Você tem vontade?

– Sim.

– Desculpe, às vezes minha personalidade questionadora vem à tona e eu esqueço do senso comum – ela sussurrou encarando o peito dele, que estava a centímetros do seu rosto.

– Tenho percebido isso.

Ela o estava analisando como um ratinho curioso farejando algo diferente e decidindo se experimentaria ou não. Gabriel dividiu-se entre se sentir lisonjeado e ofendido.

– Você não me respondeu.

– Qual pergunta?

– A primeira.

O corpo de Gabriel se retesou e ele viu nos olhos dela o desafio. Deus lhe condenasse se ele já havia fugido de algum durante a vida. Annabeth cheirava a baunilha e sono e café. Gabriel pendeu na direção dela, sentindo aqueles cheiros e ansiando por eles.

– Foi bom. Você tinha gosto de café.

– Tinha?

– Sim.

– Talvez eu ainda tenha.

Ele sorriu e aproximou a boca da dela.

– Só há um jeito de descobrir.

Há beijos que acariciam.

Há beijos que selam acordos.

Há beijos que terminam uma história.

E existem beijos que prometem. Beijos que respiram e fazem nascer algo que não estava lá, mas passou a existir quando duas pessoas se encontraram. Beijos que abraçam por dentro, crescendo e crescendo e explodindo nos lábios.

Aquele era o tipo de beijo que estava acontecendo entre Annabeth e Gabriel.

Não havia nada. Então havia tudo. A respiração dele presa; a dela descontrolada. As mãos de Annabeth subindo para o pescoço de Gabriel até parar onde a pulsação dele estava explodindo. As mãos de Gabriel, hesitantes no início, para logo encontrarem sua casa na base das costas dela.

Era um beijo que prometia e prometia e prometia.

Quando ambos se separaram, sem fôlego e confusos, Gabriel a puxou para mais perto, encostou a testa dela, os olhos buscando algo, a boca descendo e brincando com os lábios de Annabeth, uma vez, duas, testando, puxando-a cada vez mais para perto dele, para dentro do abraço dele.

Para ele.

– Exatamente como no meu sonho. Melhor, na verdade.

– Gabriel...

– Eu sinto o cheiro dos seus livros em você.

– Isso é muito clichê. Eu gostei. – Ela sorriu entre os beijos dele. – O que está acontecendo aqui, Gabriel White?

– Eu não faço ideia. Mas não me parece ruim. – Ele depositou um beijo leve no queixo de Annabeth e depois na ponta do nariz.

– Eu acredito que isso faça parte daquele roteiro de livro romântico que eu comentei com você.

– Parece que sim. – Ele desceu a boca para o pescoço dela.

– Eu sou contra clichês.

– Tem certeza? – sussurrou de encontro à pele quente de Annabeth.

Annabeth fechou os olhos quando a boca dele depositou um beijo suave na base do seu pescoço.

– Não. Eu não tenho mais certeza.

– Bom.

– Gabriel... Não podemos fazer algo que vamos nos arrepender assim que

a neve derreter.

– Então eu mantereí a maldita neve congelada.

Ela riu de encontro aos cabelos dele, deliciada com a sensação quente que percorria o corpo dela, a mente enevoada pelos beijos de Gabriel. Quando a boca dele voltou a subir, quase como uma pluma da base do seu pescoço, passando pelo queixo dela e parando na boca, foi Annabeth que aprofundou o contato e afundou as mãos nos cabelos longos e abundantes dele.

Ele também tinha gosto de café e cheiro de xampu. Do xampu dela. Annabeth queria se afundar em Gabriel. Entrar nele e se moldar ao que ele era e ao gosto que ele tinha. Aquilo era desejo, puro e simples, ampliado pelo momento peculiar pelo qual os dois passavam. E aquele desejo não pararia em um beijo.

Então, Annabeth se deu conta de que os dois acabariam fazendo exatamente aquilo. Indo em frente até o ponto em que não restasse nada para eles além de se unirem de forma total para apaziguarem aquele turbilhão. E como se os céus concordassem com ela em hesitar, uma rajada de vento assobiou contra a cabana e soltou o seu lamento agourento contra as paredes.

Annabeth abriu os olhos e se forçou a voltar para a realidade.

– Gabriel, nós precisamos raciocinar. – Ela se afastou dele de forma abrupta, respirando com dificuldade. – Agora. Os dois.

Gabriel se apoiou de volta na pia, as mãos largadas ao lado do corpo. Ele estava em chamas. Corpo e mente pareciam dissociados e cada qual queria algo naquele momento. Seu corpo implorava para que eles continuassem, mas sua mente, a mente de um homem que estava há dias preso dentro de uma cabana no alto das montanhas, tendo que viver o estresse de uma situação extrema, sabia que, lá no fundo, os dois precisavam ponderar sobre o que tinha acabado de acontecer, sobre o que poderia continuar acontecendo.

Ele colocou o rosto entre as mãos e respirou fundo, engolindo o desejo que sentia por Annabeth. Ela estava certa.

– Tudo bem, vamos pensar. Você me dá as coordenadas.

– Eu? – Annabeth levou uma mão à garganta num gesto intuitivo de tentar acalmar a pulsação desenfreada. – Eu sou a pessoa fantasiosa da situação. Você deveria ser racional. Eu causo os problemas, você conserta.

– Isso é um clichê machista, não? Achei que você não gostasse deles.

– Você está certo. Vê? Você está pensando mais do que eu.

– E eu não acredito que isso que tenha acabado de acontecer seja um problema, Annabeth. – Os olhos dele faíscaram e ela sentiu o corpo amolecer.

– Claro que foi. Eu acho. Não sei dizer. Meu Deus, eu preciso pensar. – Ela girou sobre o próprio eixo, olhando desesperada ao redor. Nunca antes na

sua vida ela desejou tanto ter uma casa de quinze cômodos como a de seus pais para poder sumir dentro de uma sala e pensar. Ela precisava ficar sozinha. – Eu vou para o banheiro e vou ficar lá até chegar a uma conclusão sobre essa situação toda.

Gabriel soltou um som de incredulidade e zombaria ao mesmo tempo.

– Quanto tempo isso vai levar, caso eu precise usar o único cômodo fechado da cabana?

– Se eu não sair dentro de três horas, você me chama.

– Mulher, você é insana.

– E você acha que eu não sei? Ok. Banheiro. – Annabeth respirou fundo e rumou para lá, se apoiando nos móveis porque não podia confiar nas próprias pernas naquele momento. – Você fica aqui e... – Fez um gesto vago. – Apenas, fique aqui.

Gabriel ficou encarando a porta quando ela foi fechada, sem saber muito bem o que pensar ou como agir.

– Não se preocupe, eu não vou a lugar algum.

~

Ela não demorou três horas para chegar a uma conclusão sobre o que estava acontecendo. Annabeth analisou durante meia hora todos os eventos dos últimos dias: seu encontro com Gabriel, a maneira atravessada e difícil como eles haviam se conhecido, os atritos ocorridos ali dentro, a personalidade durona e fechada dele batendo de frente com a sua, expansiva e inconstante. Ela trouxe à tona tudo que havia de conflituoso entre eles... Mas ela também pensou em como Gabriel ria quando se sentia à vontade, lembrou de como os dois tinham conversas interessantes quando não estavam pulando um no pescoço do outro, e como ela se sentira segura e ao mesmo tempo a ponto de explodir quando eles se beijaram. Eles eram uma equação estranha e ainda sem resposta.

Annabeth chegou à conclusão de que não era imune a Gabriel White. Seria uma tremenda hipocrisia da parte dela sair por aquela porta e pedir a ele que esquecesse tudo o que tinha acabado de acontecer e que os dois voltassem a conviver como antes, um gato e um rato apenas esperando o momento de sair da cabana. Eles não eram mais desconhecidos presos a uma situação incomum. Eles eram um homem e uma mulher, adultos e cientes da atração que pairava entre ambos. Ou pelo menos ela estava ciente desde aquela noite em que ele começara a rir por causa da história trágica do seu gato e o rosto taciturno dele adquirira outra expressão. Era estranho admitir para si mesma que, naquele segundo, algo mais começara a chamuscar e crescer entre eles. Naquele momento, Annabeth havia sentido que as coisas não seriam simples. Existia uma faísca queimando entre os dois e ambos precisavam decidir juntos se a alimentariam ou se a

deixariam perecer com a neve lá fora.

Quando ela abriu a porta, não ficou surpresa de encontrar Gabriel no seu lugar favorito no sofá. A postura dele era relaxada, mas, quando ele virou o rosto para observá-la, Annabeth reconheceu nele a mesma expressão que vira no próprio rosto ao se olhar no espelho do banheiro. Ele estava confuso, mas não voltaria atrás.

Ótimo.

Ela ergueu a cabeça e andou até ele, totalmente decidida. Ambos eram adultos e poderiam lidar com aquilo de forma madura. Ela esperava.

– O que nós vamos fazer? – sussurrou assim que se deixou cair no sofá ao lado dele.

– Eu achei que você sairia do seu canto do pensamento com a solução na ponta da língua.

– Eu pensei em algumas coisas. Isso foi muito inusitado. Você pensava em me beijar antes de ter tido aquele sonho?

– Talvez.

– Talvez. Tudo bem. Então preciso admitir que talvez eu também tenha tido vontade de beijar você antes de hoje.

Ele estreitou os olhos para ela, curioso com a declaração.

– Desde quando você *talvez* tenha querido me beijar?

Vamos lá, Annabeth. Deixe as coisas claras. Se ficar provado que existia uma atração logo de início, isso seria um indício de que eles estavam fadados a terem alguma coisa, não? Então ela tomou fôlego, se empertigou no sofá e disse:

– Talvez desde quando você riu porque lhe contei que meu gato havia morrido atropelado por uma Ferrari.

Ele começou a rir de novo, o corpo chocalhando, rugas se formando nos cantos dos olhos.

– Ora, não sabia que eu parecia *sexy* ao rir – disse ao tomar fôlego.

– Você não parecia. Eu não quis beijá-lo porque você era ou não *sexy*. Eu tenho uma queda por homens que riem e...

– E que parecem *sexies* ao fazerem isso.

– Você está se colocando em alta conta demais, Gabriel White. – Os olhos dela faíscaram e Gabriel sentiu vontade de chegar mais perto deles.

– Tudo bem. – Ele se empertigou. – Então, o que isso prova? Sei que a sua cabeça está tentando construir um argumento. Me ajude a acompanhar.

– O que eu quero provar com essa minha pergunta é que o que aconteceu agora há pouco não foi acaso ou meramente o calor do momento. Nós dois já estávamos atraídos um pelo outro, mesmo estando há tão pouco tempo juntos. E, mesmo que isso tenha surgido pela situação extrema em que nos encontramos,

não podemos negar que a atração existe e não pode ser ignorada.

Ele assentiu.

– E isso me leva a segunda questão agora que já concordamos que há algo entre nós, por mais louco e improvável que isso seja, sendo você, você e eu, eu.

– Eu sei que há uma ofensa dentro dessa frase, mas não identifiquei onde.

– Me deixe terminar. A questão seguinte é: o que nós faremos de posse dessa conclusão? Fingimos que nada aconteceu, esperamos o degelo e depois voltamos à nossa vida? Eu termino meu livro e você volta para Beauty Lake? Ou nós aceitamos que estamos atraídos um pelo outro e tentamos chegar a um acordo sobre como proceder em relação a isso?

Gabriel pousou os cotovelos sobre os joelhos e analisou o rosto bonito de Annabeth. Ela estava lhe oferecendo algo. Por mais estranho que aquilo tudo fosse, ela estava certa. Havia algo ali, ele mesmo já pensara sobre aquilo na noite anterior quando a observava dormir sobre a mesa. E o beijo... Aquele beijo entre eles fora uma prova mais do que concreta de que algo estava acontecendo.

E, naquele momento, olhando para ela, tão pequena e séria, ele teve certeza de não aceitaria a primeira opção.

– Annabeth... Eu não sou um homem de afetos. Zachary costuma dizer que qualquer objeto inanimado possui mais traquejo social do que eu. Você percebeu isso, tenho certeza. Eu sou rude mesmo sem ter a intenção, sou calado quando não deveria, sou desajeitado com os sentimentos dos outros. Isso... – Ele fez um gesto abrangendo a cabana e ela. – As conversas que tivemos nos últimos dias, é muito mais do que eu costumo ter durante um ano todo com todas as pessoas que passam por mim. Eu estava furioso com você no primeiro dia. Eu estava curioso sobre você no segundo. Intrigado no terceiro. E atraído no quarto dia. Então saiba que eu não vou considerar a primeira opção. Porque Deus sabe que eu estou me segurando para não colocá-la no meu colo agora e beijá-la outra vez.

O coração de Annabeth tremeu sob o olhar intenso dele. Gabriel estava falando sério. Ele não voltaria atrás. E nem ela.

– Aonde isso vai nos levar agora, Gabriel?

– Eu acho que vamos descobrir juntos.

– Nós somos reais e não personagens do romance que acontece na minha cabeça. E pessoas reais se machucam. Elas se magoam, elas se excitam e se beijam. Mas, quando a vida real aparece, elas se magoam.

– Você acha que isso que acabou de acontecer entre nós não aconteceria se estivéssemos lá fora?

– Nós nunca saberemos porque o que está acontecendo agora está

acontecendo porque meu carro derrapou naquela estrada. Mas, em uma análise superficial, eu diria que provavelmente não. – Ela sorriu. – Você era um grosseirão. Eu não tenho histórico de me atrair pelo tipo taciturno.

– Em minha defesa, devo admitir que também não tenho o histórico de me sentir atraído por turistas atrapalhadas.

– Mas aconteceu.

– Mas aconteceu.

E isso levou Annabeth a pensar em outra coisa. Uma que ela não poderia, ainda, revelar para Gabriel. O quanto ela ainda estava ferida pelo desgaste do seu casamento e o quanto aquilo havia influenciado a sua decisão de vir à Beauty Lake. Ela se perguntou, ao olhar para Gabriel, o quanto daquela atração poderia ter nascido da sua solidão e carência. Será que seu corpo estava respondendo a Gabriel apenas porque ela se sentia sozinha? Ela ponderou se o mesmo não poderia estar acontecendo com ele. Era algo que ambos descobririam a partir de agora.

– Então, o que faremos? Nós nos conhecemos aqui e, quando a neve derreter, decidimos o que fazer?

– Eu não sei o que vai acontecer quando sairmos daqui. Mas eu gostaria de conhecê-la pelo tempo que tivermos.

– Parece ser um bom plano. – Ela assentiu para si mesma e então se levantou, decidida. – Eu vou preparar um café novo e depois nós vamos conversar, White. Acho que esse é um bom começo. Eu gosto do jeito como nós dois parecemos fluir na mesma direção aqui. Improvável, mas possível. Quem diria.

Ele sorriu, todo dentes e barba cerrada. Os olhos perigosos brilhando para ela.

– Sim. Nós temos alguma coisa em comum, no fim das contas.

Ela sorriu de volta, iniciando um jogo que nenhum deles sabia qual seria o final. Ainda.

– Nós temos. Temos sim.

Annabeth afastou as cortinas sobre a pia e olhou para fora enquanto a água chiava na cafeteira. Apoiou as mãos nas bordas do móvel e se inclinou para a janela, tentando ter uma visão mais ampla da paisagem. O tempo ainda parecia inclemente e feroz, não dando sinais de que regressaria tão cedo à calmaria que ela observara dias antes. Ela acreditava em Gabriel agora, quando ele falava sobre os perigos que a paisagem representava para leigos. Annabeth não queria imaginar o que poderia ter acontecido caso ela tivesse tido que lidar sozinha com o acidente. Ela nem sabia se estaria viva caso ele não tivesse aparecido naquele momento. Ela estava agradecida pelos dois estarem bem e seguros, à parte da imensidão que se estendia do outro lado do vidro.

Agora, ambos tinham outras coisas no que pensar e sua mente estava em polvorosa, porque, pela primeira vez em muito tempo, Annabeth não sabia o que esperar de uma situação.

A verdade era que ela se negava há muito tempo se deixar levar e o relacionamento – se é que ela poderia chamar assim – com Gabriel não parecia ter normas estabelecidas. Ambos estavam indo um de encontro ao outro de forma desgovernada, esperando que a colisão não os deixasse em pedaços. Gabriel estava certo em dizer que situações esquisitas a seguiam. O universo parecia conspirar para que loucuras se amontoassem na sua porta ao final de cada dia. Annabeth precisava fazer um esforço para relaxar e deixar as coisas acontecerem.

Talvez ela não pudesse estar no controle de todas as coisas que aconteciam na sua vida. Talvez ela pudesse se entregar ao comum. Ao clichê. Quem sabe.

A cafeteira soltou um resmungo engasgado anunciando que terminara de passar o café e Annabeth o serviu em duas xícaras. Enquanto cruzava o pequeno espaço até Gabriel, não pôde deixar de sorrir ao pensar em como todo o cenário se parecia cada vez mais com um romance clichê hipotético que Rich adoraria ver impresso e disposto em todas as livrarias do país.

Quando soubesse, ele riria da cara dela por meses.

– Qual é o último boletim meteorológico?

Gabriel levantou o rosto e olhou para o tempo lá fora.

– Amanhã é bem possível que possamos sair ou que alguém chegue até nós. Mas estou sendo esperançoso.

Ela aquiesceu e estendeu para ele uma xícara com café fumegando e se

jogou no sofá ao lado dele. Era pouco tempo, Annabeth concluiu. O que quer que estivesse nascendo entre eles não poderia crescer e se desenvolver em mais um dia. Ou poderia?

– Você acha que estamos nos apaixonando?

Ele se engasgou com o café e tossiu contra as costas da mão, pego totalmente de surpresa. Ela deu de ombros.

– Você disse que gostaria de me conhecer pelo tempo que tivéssemos. Pelo visto, esse tempo será curto. Então, gostaria de ir direto ao ponto.

– Por Deus que você gosta. – Ele tomou fôlego e franziu o cenho ao notar o sorriso zombeteiro que ela exibia. – Eu nunca me apaixonei antes – respondeu. – Então não saberia definir. *Você* acha que estamos nos apaixonando? – rebateu a pergunta.

Annabeth sabia que a réplica viria, por isso pensou um pouco antes de responder.

– Talvez. Nós estamos presos no mesmo ambiente há dias, conhecendo o melhor e o pior um do outro. Existe uma tensão crescendo cada vez mais entre nós. Somos adultos. Pode ser paixão. E a paixão não costuma ser lógica.

– Você *gostaria* de estar apaixonada por mim? – Foi a vez de ele ser direto e Gabriel ficou satisfeito ao ver o rubor subir rápido pelo pescoço de Annabeth.

– Como você pode perceber pela forma como nos beijamos, é um arranjo interessante. Você disse que nunca se apaixonou? Nenhuma garota das montanhas?

– Você fala como se mulheres das montanhas fossem algum espécime raro e exótico – ele riu. – Mas não. Nunca me apaixonei. Nunca amei alguém a ponto de desejar estar com essa pessoa pelo resto da vida. Eu tive algumas namoradas. Mas nada nunca foi adiante de forma séria. E você? Já amou alguém?

– Eu já fui casada. – Annabeth olhou para o dedo em que até pouco tempo antes uma aliança repousava. Ela pigarreou quando a garganta pareceu se fechar. – Estou separada há um ano.

Gabriel assentiu cauteloso.

– Você ainda o ama?

Annabeth respirou fundo e analisou uma verdade que estava há muito tempo adormecendo em seu peito. Algo que ela não queria confrontar por medo de perder algo que já não existia. Algo que estava diretamente ligado ao fato de ela estar ali, naquele momento.

– Não. Eu não amo. – Era a primeira vez que admitia aquilo em voz alta. – Eu o amei. Amei mais do que qualquer coisa na vida. Eu o adorei como se

nunca fôssemos nos separar. Mas, então... Acabou. Ele quis seguir para um caminho que não era o mesmo que o meu. Meu ex-marido é um bom homem e eu desejo a ele o melhor. Mas acabou.

– Sinto muito. – Gabriel queria apagar do rosto dela aquela sombra triste que cobriu seus olhos bonitos.

– Não sinta. Durou o tempo que tinha que durar. Não é isso que dizem?

Ele pensou um pouco antes de fazer a próxima pergunta, algumas peças se encaixando dentro da cabeça dele.

– Annabeth, a sua separação tem algo a ver com o fracasso do seu último romance?

Ela lançou um sorriso triste para Gabriel, desnudando mais uma camada de si mesma para ele.

– Eu estava emocionalmente desestabilizada, frágil e me sentindo horrível. Então coloquei no meu livro todos esses sentimentos pesados que me sufocavam e o resultado não foi bom. Eu paguei pelo fim do meu casamento com a quase ruína da minha carreira.

Ele soltou um assobio de leve.

– Você quer falar sobre isso? Sobre a sua separação.

Ela se inclinou para frente e depositou um beijo leve na boca dele. Gabriel prendeu a respiração e buscou um controle que nem sabia que tinha ao notar a expressão provocadora dela.

– Não agora. Beba o seu café, vai esfriar. Você tem família?

– Annabeth...

– Me fale sobre a sua família.

Ele estalou a língua contra os dentes, pensando em pressioná-la mais um pouco, mas desistiu porque sabia que não adiantaria. Nem tudo aconteceria depressa.

– Ninguém vivo. Minha mãe faleceu quando eu era apenas um garoto e meu pai se foi quando eu estava na faculdade. Não tenho irmãos.

– Sinto muito. Você deve sentir muita falta deles.

– Sinto. Minha mãe era uma mulher admirável. E a sua família?

Mais uma camada.

– Meus pais são advogados muito renomados e com carreiras de sucesso estabelecidas. Eles vivem na Califórnia, em uma casa de quinze cômodos, com três cachorros, Luna, Bethy e Golden.

– Você não está brincando.

– Não. E quer saber mais uma? Ambos odeiam minha carreira. Eles nunca me perdoaram por largar a tradição da família e virar uma escritora de livros policiais, não importa quão famosa eu seja. Mas nós trocamos cartões

muito educados no Natal todos os anos, como famílias de boa imagem devem fazer.

– Me desculpe, Annabeth, mas eles parecem uma droga de pais.

– Nem me fale. Andrea, minha ex-terapeuta, teve um trabalho gigantesco para tentar me livrar desse trauma. Provavelmente não deu certo, mas é a vida. Eu nunca abandonaria meu dom e meus livros para ser o que eles gostariam eu fosse. Eu já lamentei muito, já chorei e gritei, mas, depois de alguns anos, entendi que a escolha de me manter longe era deles. Não minha.

– Não é certo com você.

– Provavelmente não. Mas meus pais querem uma filha que eu não posso ser. – Ela deu de ombros. – E eu nunca trairia a mim mesma por causa de um sonho frustrado deles. As coisas ficaram um pouco pior depois que casei com Mark. Ele é jornalista, ou seja, uma adição ainda mais lamentável à minha carreira já vergonhosa. Eu não fui uma adolescente fácil e me tornei uma adulta menos maleável ainda. Sinto muito por eles.

– Eu acho que eles não sabem o que estão perdendo.

– E eu acho que você está certo. – Ela levantou a caneca em um brinde zombeteiro.

Gabriel acomodou as milhões de questões que surgiam na sua mente e esticou as pernas na frente do corpo.

– O que você gosta de fazer além de escrever?

– Olhar para pessoas aleatórias na rua e imaginar histórias para todas elas.

Ele pareceu intrigado com isso, então Annabeth explicou.

– O que eu faço, escrever, vem do que eu ouço, vejo e sinto. Tudo ao meu redor me oferece elementos que um dia podem estar dentro dos meus livros. Por isso eu gosto de admirar o mundo ao meu redor. Pessoas, coisas, carros, ruas cheias, florestas à beira da estrada.

– Tempestades de neve?

– Tempestades de neve e homens gigantes que gostam de ficar olhando pela janela concentrados, com o rosto fechado. O seu rosto, Gabriel, me conta uma história. E um dia talvez eu a use.

– Você vai me contar se um dia me usar?

Annabeth pensou na história que estava naquele momento dentro do seu computador e mordeu a bochecha por dentro para não sorrir.

– Vou sim. Você daria um personagem fascinante. O que você gosta de fazer quando não está salvando mulheres em acidentes meteorológicos?

– Eu não sou um homem muito misterioso de se ler. Eu faço coisas comuns ou, como você as chama, *coisas clichês*. Eu posso passar o dia pescando

ou sentado na beira do lago olhando para as montanhas. Ou escutando histórias no bar antigo de Beauty Lake. Sou um homem simples.

Annabeth estendeu a mão e acariciou a bochecha dele, logo acima da barba cerrada. Ela descobriu que gostava de tocá-lo. Porque, cada vez que fazia isso, os olhos escuros de Gabriel se acendiam como velas e faziam-na se sentir poderosa. E viva.

Era bom se sentir viva depois de um ano adormecida.

– Você se engana quando diz que é comum. Eu conheço pessoas comuns e você não se parece com elas. Você é todo mistério para mim, Gabriel. A primeira vez que eu vi você, eu o odiei. Achei você grosseiro. Um urso. A segunda vez também. A terceira também.

– Você está tentando me elogiar?

– E depois... Bem, como eu disse, eu observo. E, observando você, eu comecei a enxergá-lo com contornos mais definidos. Você é calado, mas gentil. Atencioso, curioso, inteligente. E você esconde histórias atrás dos seus olhos.

– E você disse que não estava me observando. – Ele se lembrou da conversa dos dois no dia que ele cozinhou.

– Era puramente empírico.

– Sei.

Gabriel levantou para remexer o fogo e conferir o termostato, voltando em seguida para o lado dela.

– E o que você esconde, Annabeth Sullivan?

Annabeth levou um dedo aos lábios e percebeu que fazia muito tempo que alguém não perguntava algo sobre ela, sobre o que sentia, sobre o que gostava. Ela era sempre a escritora, a personalidade, a criadora de Emma Grant. Nunca Annabeth Sullivan. Será que vinha sendo tão inacessível que a única maneira de alguém se interessar pelo que Annabeth era seria ficando preso com ela por causa de um acidente infeliz?

– Eu sou isso – respondeu, afinal. – Essa confusão de realidade e fantasia, de verdades e coisas que eu crio. Não sou uma pessoa fácil de se conviver, aliás, acho que nenhum escritor é. Nós podemos ser as pessoas mais atenciosas do mundo em um segundo, para, no momento seguinte, virarmos as costas à realidade, imergindo em um mundo sem volta. Sou impulsiva e nem sempre de forma positiva. Não costuma ser fácil para quem decide dividir a vida conosco.

– É uma bagunça muito interessante. – Ele puxou a mão dela e beijou o punho fechado. – Qual o seu livro favorito dentre os que escreveu?

– Olhe só para você, Gabriel White, mostrando-se muito falador e curioso. Eu nunca imaginaria que uma mudança desse tamanho pudesse

acontecer em tão pouco tempo.

– Ora, você mesma acabou de dizer que sou um mistério. Quem sabe quantas coisas mais eu posso estar escondendo de você.

– Quem sabe mesmo... – Annabeth sorriu lentamente enquanto observava de forma atenta o rosto interessante de Gabriel. – Sobre meu livro favorito, provavelmente é *Sentença de Morte*. O quinto livro. Eu realmente estava inspirada nesse. Emma explode um shopping.

– Não me conte coisas antes de eu chegar lá.

– Ok, nada de spoilers.

– Eu tenho uma pergunta de um milhão de dólares para fazer.

– Essa conversa está subindo de nível.

– Por que você odeia clichês?

Annabeth respirou fundo e se ajeitou no sofá.

– Tem algo a ver com o fato de eu ter sido criada dentro de uma família que fazia tudo o que era necessário fazer, nas datas certas e horários corretos. Pelo menos foi isso que eu captei nas sessões de terapia que fiz. – Annabeth franziu o cenho, lembrando-se das conversas acaloradas com Andrea. – Não importa o que digam, eu sei que não fui amada pelos meus pais. Eu era a coisa certa para acontecer no momento correto. Cresça, conheça uma pessoa aceitável, construa uma carreira, tenha um filho. Eu fui parte de um... Programa? Algo assim. Mas você tem que entender meus pais nesse caso. Eles simplesmente são assim, e os pais deles foram assim antes deles. Toda a vida é uma sucessão de acordos entre partes. – Ela se inclinou e largou a xícara vazia no chão. – Então, quando percebi isso; eu devia ter quatorze ou quinze anos; minha mente se rebelou. E não queria ter a vida padrão e robótica dos meus pais e dos amigos deles. Eu queria fazer tudo que fosse louco e diferente. Então eu cresci fugindo de tudo que era parecia fazer parte da vida comum. Eu convidava os garotos para sair, não o contrário. Primeiro encontro? Eu pagava. Chocolates no Dia dos Namorados? Não. Eu gostava de tacos. Levei muitas detenções, fui expulsa de três escolas, criei um clube de leitura para falar de livros ruins. Ser pedida em casamento de joelhos? Nem pensar. Eu pedi Mark em casamento com um cachorro quente. Ele quase disse não.

– Mas você percebe que o que chama de situações clichês são situações comuns para quase todas as pessoas? A vida normal delas? Minha vida comum.

– Claro que percebo. Eu sou uma adulta que já passou por sessões de terapia o suficiente para compreender isso. Mas minha cabeça simplesmente não aceita. Isso parece clichê? Vamos pelo caminho contrário, Annabeth.

– Você é feliz fazendo isso?

Ah, ali estava a pergunta de um milhão de dólares, na opinião de

Annabeth. Ela era? O que sobrara de suas tentativas de fugir do comum? Um casamento fracassado, um histórico escolar vermelho, o fim do seu relacionamento com a família. Ela sabia de todas essas coisas, claro. Mas, mesmo assim, sempre que tentava aproveitar as coisas comuns do jeito que deveriam ser, o peito dela se apertava e uma ânsia enorme de fugir ou fazer tudo ao contrário a engolfava.

– Às vezes. – Foi sua resposta sincera. – Não posso mentir que não imagino como algumas situações poderiam ter se desenrolado caso eu tivesse seguido o caminho mais óbvio. Mas não posso voltar atrás. Não mais.

– Você me disse que essa situação, tudo o que aconteceu aqui, você vir para Beauty Lake, a cabana, a neve, tudo isso é um grande clichê que enche as páginas de romances açucarados. Isso significa que você está infeliz vivendo isso?

– Eu não estou feliz. – Ela analisou uma costura do sofá e correu um dedo sobre ela. – Mas não estou infeliz também. Eu não fiquei satisfeita de ser enviada para cá como um caso que precisava ser resolvido por Rich. Como um fracasso eminente. Mas eu não posso mentir que algumas coisas interessantes tenham resultado disso.

– O romance na cabana.

– Na verdade, estou me referindo ao meu novo livro que está indo de vento em popa, se você quer bem saber. – Ela estalou a língua contra os dentes, imitando um trejeito que ela já tinha percebido que era de Gabriel.

– O livro. Claro. Como fui me esquecer.

– E, talvez, conhecê-lo também se prove uma surpresa positiva, mas ainda não estou cem por cento certa sobre isso. – Ela se colocou sobre os joelhos, aproximando-se lentamente dele.

– Você não está certa sobre isso?

– Não. Preciso de mais um tempo para decidir.

– Que tal um dia, talvez dois? – Os olhos dele faíscaram daquele jeito que ela adorava.

– Parece ser razoável. – Ela se aproximou dele até que as suas bocas estivessem a centímetros uma da outra. – Gabriel?

– Annabeth?

– Você sabe o que eu mais desejo agora?

– Não, mas gostaria de saber.

– Almoço. Eu estou morrendo de fome. – Ela se ergueu como um raio e sorriu de forma diabólica para ele. – Você se importaria de cozinhar? Acho que, dos dois, você é o melhor nesse quesito.

Ah, ela era terrível, ele precisava admitir.

– Eu deveria ter deixado você congelar no meio daquela neve.
A única resposta de Annabeth foi uma risada abafada.



Dois animais, quando enjaulados, eram muito mais perceptíveis à presença do outro por causa disso. Por mais que eles mantivessem a compostura e uma polidez educada, era impossível negar que a presença do outro os afetava. Durante todos aqueles dias de confinamento, Annabeth sentira por várias vezes a força da presença de Gabriel, física e emocional, empurrando-a e movendo-a pelos cantos. Era inegável que um homem do tamanho dele movesse o mundo ao se locomover. Mas, agora, depois de ter estado colada nele, absorvendo seu calor e sabendo que a atração que sentia corria em mão dupla, estar no mesmo ambiente que Gabriel era como se espremer por um vão de dez centímetros sem respirar. Ele se avolumava e se fazia sentir em cada poro dela.

E Annabeth sabia que o contrário também estava acontecendo, apesar de ela não ser uma pessoa grande. Gabriel estava ciente da presença dela, da maneira com que ela se movia, da maneira como ela o olhava. Aquela era uma dança de dois animais testando os limites um do outro, sabendo que, em algum momento, as barreiras seriam transpostas.

E elas seriam, não havia a menor dúvida disso.

Se, nos primeiros dias, eles executaram uma dança complicada para se manterem o mais afastado possível um do outro, agora, os dois dançavam uma música lenta em que o jogo consistia em esbarrar uma vez ou outra para confundir os pensamentos e fazê-los esquecer do mundo lá fora.

Para Annabeth, era como acordar de um longo e pesado sono que ela caíra logo depois da separação. De repente, estava consciente de que era uma mulher que tinha vontades e desejos e um beijo poderia incendiá-los e leva-los à superfície. Era bom se sentir assim novamente. Ansiosa, na expectativa de que algo viesse a acontecer, criando roteiros e mais roteiros na sua cabeça que poderiam vir à luz. Ela se perguntava se Gabriel se sentia daquele mesmo jeito. Enquanto se sentava ao lado dele para comer, enquanto encostava o lado do corpo de leve no dele ao olharem para fora, enquanto tocava o braço dele para chamar atenção para algo que estava dizendo.

Gabriel, por sua vez, também remoía em silêncio o que estava sentindo por Annabeth. A novidade daquilo tudo, sua reação inesperada àquela mulher que aparecera de repente em sua vida, seu desejo de tocá-la e abraçá-la. Ele sabia que existia uma vida acontecendo lá fora, que as pessoas estavam apreensivas e tentando se adequar ao clima, que haveria problemas para serem resolvidos, responsabilidades que eram dele e que, quando o sol derretesse o gelo lá fora, ele e Annabeth sairiam daquela bolha e teriam que encarar a realidade. Gabriel se

perguntava; enquanto encostava a mão de leve na base da coluna dela ao passar, enquanto se abaixava para beijar o topo da cabeça dela e o perfume dos cabelos de Annabeth lhe invadia; se perguntava se haveria uma chance de algo ser construído pelos dois. Ou se, ao saírem, aquela bolha estouraria e ambos acordariam confusos como bêbados ao recobrem a consciência depois de uma noite de excessos.

Ambos estavam imersos em suas próprias reflexões, e, ao mesmo tempo, extremamente cientes do que se avolumava entre eles, a vontade de estar mais perto, de tocar, de saber mais, de conhecer e absorver tudo que fosse possível pelo pouco tempo que lhes restava. Porque sim, a neve iria embora e a vida retornaria aos trilhos. E Annabeth e Gabriel precisariam olhar um para o outro do lado de fora e decidir se aquilo era verdadeiro ou apenas uma ilusão criada pelas circunstâncias.

Annabeth estava absorta escrevendo novamente e Gabriel lia no sofá quando o telefone da parede tocou, rouco e alto demais no silêncio que pairava no espaço pequeno. Ambos pularam em seus lugares e por alguns segundos apenas olharam um para o outro sem saber muito bem como lidar com aquela intrusão repentina. O telefone estava tocando. O mundo real estava voltando a entrar em foco. Então, como se um véu fosse tirado da frente do seu rosto, Gabriel se ergueu e correu para o aparelho, sem acreditar que ele estava mesmo tocando.

– Gabriel. – Pausa. – Zach, é bom ouvir você. – Ele soltou um suspiro de alívio que estivera guardando preso no peito nos últimos dias. – Sim, estamos bem. Annabeth está ótima, levou apenas um susto na estrada. Como estão as coisas? Paula? – Os olhos dele acompanharam Annabeth quando ela se ergueu da cadeira e se postou ao lado dele. – Que bom. Alguma cabana avariada? A dois? Eu imaginei que eles poderiam sobrecarregar o aquecimento. Sim, sim, não se preocupe, temos energia, comida e água. O carro dela está atravessado no quilômetro doze, logo depois da curva, peça para Dennys sinalizar todo o trecho assim que as máquinas voltarem a se movimentar. Por onde vocês virão? – Ele tocou de leve o braço de Annabeth, que trocava o peso do corpo de um pé para o outro, olhando intrigada e tentando captar o sentido da conversa. – Você acha seguro usar a estrada oeste? Não. Me escute. Zach. É mais seguro esperar pelo menos mais um dia antes de se embrenharem por aquele trecho. Não usamos aquela estrada há muito tempo. Tudo bem. – Ele escutou por mais um tempo e então sorriu para o bocal por algo que Zach dizia do outro lado. – Diga a Tracy que Annabeth está sã e salva. O quê? – Annabeth notou que Gabriel pareceu ficar encabulado. – Eu estou preso em uma cabana com ela há quase uma semana, é claro que eu a estou chamando pelo primeiro nome. Zach. Não. Diga a Paula que ela está assistindo muitos filmes sem pé nem cabeça.

Annabeth imaginou que Paula fosse a esposa de Zachary e que ela acabara de fazer uma suposição muito certa. Clichê ou não, as mulheres tinham sim um sexto sentido em relação a relacionamentos. Annabeth apostava que Paula poderia farejar um caso se desenrolando a quilômetros de distância. Literalmente, naquele caso.

Ela sorriu para si mesma e cruzou os braços, olhando para o chão, enquanto Gabriel terminava a ligação. Ele colocou o bocal de volta e ficou mais um tempo olhando para o aparelho antes de se apoiar na parede ao lado dela e

colocar as mãos nos bolsos.

– Boas notícias. De acordo com Zach, é possível que eles subam a montanha por outra estrada. Amanhã farão a primeira tentativa. Então talvez depois de amanhã possamos descer a montanha com eles.

Ela assentiu e estudou o rosto dele. Gabriel não parecia radiante, nem ansioso. E Annabeth precisou admitir que nem ela estava. De certa forma, eles haviam criado um mundo particular ali, uma rotina meio estranha, mas funcional, e pensar em quebrar aquele momento parecia errado. Como eles poderiam sair antes de saberem se...

– O que Paula disse sobre nós? – perguntou para não pensar naquela possibilidade e também para ver aquele ar de constrangimento voltar às faces de Gabriel. E deu certo.

– Besteiras.

– De que tipo? – insistiu. Gabriel suspirou e olhou para ela.

– Eu a escutei perguntar ao fundo quão íntimos nós estávamos para eu estar chamando você pelo nome.

– Garota esperta.

– Chamar alguém pelo primeiro nome não significa que há excesso de intimidade. – Ele deu de ombros.

– Não, não significa. Mas você sabe que, nesse caso, ela está certa. Paula é um cão farejador – ela riu e se afastou, mas não chegou a dar dois passos antes de ser puxada de volta e colidir contra o peito de Gabriel.

– Nosso tempo está acabando.

– Tempo é relativo. Eu acredito que ainda tenho quinze dias de aluguel, Sr. White, quem sabe o que pode acontecer nesse tempo.

– Bom, mas não sei se eles serão suficientes.

– Para quê? – ela perguntou, o coração batendo descompassado.

– Para eu descobrir exatamente o que estou sentindo por você.

– Você está sentindo algo por mim?

– É bem provável.

Annabeth se ergueu na ponta dos pés e beijou os lábios dele.

– Bem, veremos o que as montanhas nos reservam.

– E Paula está certa. Há algo entre nós.

– Paula ficará bem feliz. – Annabeth passou os braços ao redor do pescoço dele e o puxou para mais perto. – E já que você fez uma declaração, eu também farei uma. Eu gostaria de aproveitar o dia de hoje para beijá-lo, Sr. White.

– Sem objeções.

– Eu sabia que você não faria.

A noite caiu e com ela um silêncio quase ensaiado. Não tinha nevado pelo resto do dia e a noite clara prometia um dia limpo na manhã seguinte. As coisas voltariam a ser como eram.

Annabeth observou o homem que lia seu livro, extremamente concentrado. Os cabelos de Gabriel estavam em desalinho, a barba de quase uma semana lhe escondia quase todos os traços, e havia um vinco entre as sobrancelhas como se tudo que ele estivesse lendo fosse enigmático demais para assimilar de uma vez. Ele era bonito. Bonito e selvagem como tempo lá fora, cheio de camadas e mistérios, capaz de destruir e também de ser gentil. Annabeth não compreendia a montanha ou a neve ao seu redor. Mas ela admirava aquelas forças e queria aprender mais sobre seus humores e desejos. Havia o desconhecido lá fora. E havia o desconhecido ali dentro. Gabriel era o retrato humano da natureza que se avolumava e crescia sem se intimidar com os obstáculos.

Ele havia mencionado que queria mais. Que haveria mais. Annabeth também acreditava que os dois não parariam ali, cada um voltando para seu canto como se nada tivesse acontecido. Mesmo quando ela se fosse – porque ela sabia que voltaria para a própria vida, para seu apartamento de paredes brancas e seus compromissos em menos de um mês –, Annabeth sentia no fundo do seu coração que estaria ligada à Beauty Lake por uma corda invisível e que, na outra ponta dessa corda, ela veria o rosto sério e bonito de Gabriel.

Havia uma grande chance de ela estar apaixonada. Apaixonada pelo homem da montanha que a resgatara e ficara preso em uma cabana com ela. Pelo homem que a irritara e fizera seu sangue ferver de raiva. Pelo homem que a confortara depois de um pesadelo e lhe beijara de forma perdida e louca. Pelo homem que estava naquele momento dentro de uma de suas histórias com os cabelos em desalinho e os pés descalços sobre o tapete puído.

Havia uma grande chance de Annabeth ter sido vencida pelo clichê.

E, pela primeira vez na vida, ela não se importava. Se era para acontecer, ela viveria seu romance de cabana e sobreviveria quando Rich soubesse disso e insistisse para que ela escrevesse um livro picante sobre a sua experiência. Ela contaria a história de sua paixão repentina para a sua roda de amigas, às duas da manhã, no meio de um bar meio sujo e com música alta demais. Ela saborearia aquele momento como não fazia há muito tempo... E depois? Bem, ela apostava que dois adultos conseguiriam encontrar uma resposta para a equação. E se no fim das contas o mundo dos dois se partisse ao meio, ela teria aquele momento roubado, aquela história clichê e ao mesmo tempo improvável para guardar para sempre.

Ela decidiu que gostaria de ter o aqui e agora. Ela gostaria de beijar o talvez e flertar com aquela possibilidade.

Annabeth andou até onde Gabriel estava lendo concentrado e puxou devagar o livro das mãos dele, fazendo com que ele erguesse o rosto. Ele alteou uma sobrancelha, curioso, e Annabeth respondeu se inclinando e pousando os lábios nos dele, de leve. Gabriel manteve os olhos abertos, ainda tentando captar onde ela queria chegar e isso foi tudo que ela precisou de encorajamento para subir no colo dele com uma perna de cada lado do quadril estreito. Ela passou os braços ao redor do pescoço de Gabriel e sorriu para a expressão ainda confusa que estava estampada no rosto dele.

– Annabeth.

Ela o silenciou colocando um dedo sobre seus lábios. E depois se inclinou para mais um beijo.

Os dedos dela se afundaram nos cabelos de Gabriel, torcendo-os como cordas ao redor de si para que nunca se soltassem; enquanto ele subia as mãos grandes e nodosas pelo quadril, depois pela cintura de Annabeth, devagar a princípio, como se os dedos e as palmas estivessem pedindo permissão para seguirem seu rumo, trilharem a pele dela, os polegares parando na base do sutiã. Ele se afastou e a encarou, pedindo uma permissão silenciosa. Ela respondeu fechando os olhos e arqueando o corpo contra o dele.

Naquele momento, Gabriel soube que não estava sonhando. Que aquela era a realidade e Annabeth estava sentada com as pernas ao redor dele, toda gostos e cheiros e suspiros. Ele estava assustado e maravilhado. Ela era perfeita e Gabriel queria percorrer cada centímetro dela como se mapeasse uma nova montanha, aprendendo seus picos e depressões, seus humores e belezas.

As mãos dele provaram a pele macia da barriga, subiram, infiltraram-se sob o sutiã, tomando os seios dela nas mãos. Ele não tirou os olhos do rosto de Annabeth observando enquanto as emoções faziam a pele dela passar de um branco leitoso para um vermelho vivo e brilhante que combinava com os lábios inchados e molhados.

As mãos grandes dele engoliram os seios dela, sentindo a textura, provocando mais e mais rubor nas bochechas e no pescoço dela. Annabeth arfou e o corpo arqueou-se como uma corda na direção dele. Ele a queria como nunca quisera mulher nenhuma antes. Ela toda. Pequena e bonita, os cabelos em desalinho, os lábios entumecidos.

Annabeth tirou a camisa de Gabriel enquanto o beijava, as mãos pequenas buscando os músculos e os tendões, fazendo a pele dele queimar. Ambos estavam dançando conforme a música, rápidos, sôfregos, um pouco ansiosos, um pouco atrapalhados, conhecendo um ao outro, mas juntos, pois os

dois conheciam aquela dança, aquele anseio primitivo de provocar e testar e provar.

Quando ele a ergueu pelos quadris e desceu com Annabeth até o chão, acomodando-a embaixo do seu peso e sentindo o corpo dela se moldar ao seu, Gabriel teve mais certeza ainda de que nenhum dos dois seria o mesmo quando a neve se fosse.



Annabeth acordou antes dele.

O céu do lado de fora da janela ainda estava escuro, mas ali dentro o fogo ainda crepitava baixo na lareira lançando uma sombra dourada sobre eles. Ela respirou fundo e ergueu o rosto que estava recostado no braço de Gabriel. Suas pernas estavam entrelaçadas às dele, o braço dele lhe servindo de travesseiro, a manta do sofá jogada sobre os quadris de ambos. Ela sorriu e se ergueu devagar sobre um cotovelo, observando-o em silêncio, como fizera horas antes. Com o dedo, e muito de leve, ela traçou o nariz dele, reto e longo, o sinal entre as sobrancelhas que vinha do vinco que se formava entre elas sempre que ele olhava pensativo para alguma coisa, a boca fina que se escondia atrás da barba espessa. Desceu pela cavidade da garganta, subiu pelo peito que se expandia a cada respiração, traçando círculos sobre a pele, e descendo pelo estômago. O dedo dela parou ali, brincando com aquele terreno cheio de elevações e vales, subindo e descendo e subindo de novo.

Ela o mapeou, gravando na memória todos os detalhes possíveis e arquivando-os junto com o momento que eles tinham partilhado antes. Annabeth era uma observadora e uma coletora de coisas. Qualquer que fosse o destino dos dois, ela guardaria Gabriel em um dos seus compartimentos mais bonitos, em um dos mais amados.

Quando um brilho alaranjado entrou pelo vidro da janela, anunciando a aurora, Annabeth se afastou de Gabriel, arrumando a manta com cuidado sobre ele. Devagar, ela juntou as roupas no chão e foi em direção ao banheiro. Ela estava inundada de uma felicidade calorosa e confortável. Queria café e biscoitos. E, depois, ela gostaria de escrever um pouco. Annabeth sentia um novo combustível queimando dentro dela e movendo as engrenagens da sua criatividade.

Alguns colegas seus de profissão gostavam de dizer que a tristeza era um amigo solidário e o mais eficaz para se escrever um livro perfeito. Ela costumava concordar. Mas também sabia, por experiência própria, que a felicidade também gerava coisas bonitas. Ela mal podia esperar para sentar e começar a escrever um novo capítulo.

Gabriel acordou com o tec tec dos dedos de Annabeth correndo sobre o teclado. Mas, ao contrário das vezes anteriores, que o barulho viera acompanhado de insônia e desconforto, ele estava feliz em escutar aquele som. Isso significava que ela estava ali. Que ambos estavam ali dentro. Que o que havia acontecido entre os dois durante aquela noite era real.

Ele podia sentir o cheiro dela no próprio corpo e uma leve dor no braço, onde ela dormira durante horas.

E ele estava nu.

Claramente, não havia sido um sonho. Por mais improvável e louco que aquilo parecesse, naquele momento Gabriel estava preso na cabana número cinco com Annabeth Sullivan, a escritora. E eles tinham feito amor na noite anterior.

Ele se ergueu devagar, apoiando as costas contra a face ainda morna da lareira. Lá estava Annabeth, curvada sobre o laptop, os cabelos meio presos, meio soltos, a língua entre os dentes enquanto digitava o texto de forma feroz. Não havia café ao lado do braço dela, o que significava que Annabeth tinha começado a escrever antes de qualquer coisa e perdera a noção do tempo. Gabriel já compreendia algumas nuances da mulher à sua frente.

Ele bocejou e passou as mãos pelos cabelos e pelos olhos, buscando clarear um pouco a mente. Quando ergueu o rosto de volta para ela, Annabeth estava lhe sorrindo do outro lado da sala, parecendo muito satisfeita e feliz.

Ele se pegou pensando nas manhãs de verão na montanha, quando o sol esquentava a terra e o cheiro dela se espalhava pela cidade. Annabeth lhe lembrava uma dessas manhãs, preguiçosas e cheias de promessas.

Gabriel também estava satisfeito e feliz.

– Bom dia, White.

– Sullivan. – Ele acenou.

– Dormiu bem?

– Maravilhosamente bem, obrigado.

– Você realmente parece relaxado.

– E você? Como passou a noite?

– Maravilhosamente bem, obrigada. – Ela lhe piscou e depois voltou a atenção para o laptop, mas aquele sorriso bonito não sumiu das suas feições. – A internet voltou. Acabei de informar Rich de que eu estou viva e que ele terá seu livro no prazo, se tudo der certo.

Gabriel ignorou o pequeno incômodo no fundo do peito ao ver mais aquela barreira entre eles e a realidade ruir, mas tentou não deixar transparecer.

– Isso é bom. Fico feliz por você. – E ele ficava mesmo. E orgulhoso.

Ela lhe sorriu novamente, em agradecimento, e voltou o olhar para a tela, perdendo-se de novo naquele filho que ela embalava e fazia crescer todos os dias.

Gabriel levantou-se e enrolou a manta ao redor da cintura enquanto juntava as roupas do chão. Quando passou por Annabeth em direção ao banheiro, parou para beijar o topo da cabeça dela, demorando-se um segundo a mais ali. Quando ela se inclinou na direção dele, aceitando o carinho, Gabriel fechou os olhos e aspirou o perfume dela.

Quando fechou a porta do banheiro e encarou o reflexo do próprio rosto no espelho, Gabriel sabia que estava estampado ali o que sua mente estava repetindo desde que ele olhara para ela ao abrir os olhos naquela manhã.

Que Deus lhe ajudasse, mas ele tinha descoberto o que sentia por Annabeth.



Annabeth e Gabriel sabiam que aquele dia seria o início da despedida do que havia acontecido até então. O primeiro sinal foi o telefone que começou a tocar a cada hora, pois Zach e a equipe de limpeza da estrada estava começando a subir a montanha. Gabriel imediatamente assumiu sua faceta de homem da montanha e se inteirou dos planos dos amigos. Aquele era, afinal, o trabalho dele e era bom finalmente poder fazer algo para ajudar todos a resolver o problema.

Enquanto Gabriel se ocupava com o telefone, Annabeth se debruçava sobre o computador e as novidades que ele trazia. Fora incrível a quantidade de material, *spans* e notícias que recebeu assim que a internet voltou à vida e inundou seu laptop. Havia recados de amigos, *e-mails* de Rich e um considerável montante de mensagens sobre os livros e perguntas de fãs na sua caixa de entrada. Pelo que entendera, Rich conseguira uma divulgação sobre ela e o novo romance “redentor” em um aclamado canal de notícias e o fato de que ela estava escrevendo um novo *best-seller* tinha revivido e tornado a imprensa e os fãs ávidos por mais. Obviamente, aquilo colocava mais uma responsabilidade sobre os ombros dela. Annabeth teria que conversar com Rich sobre nunca contar com a colheita antes de plantar as sementes. Não que ela fosse fracassar, sabia que o material que tinha em mãos era promissor, talvez o melhor que escrevera em muito tempo, mas o fracasso recente ainda lhe comprimia o peito e a tornava ansiosa e prudente.

Ela e Gabriel orbitaram, cada um com suas tarefas, ao redor um do outro durante toda a manhã. Mas não era, como no início, uma convivência forçada ou

sensível. Agora ambos estavam à vontade um com o outro, cúmplices de um momento que só caberia a eles lembrar no futuro. A intimidade era libertadora e confortável.

Depois do meio-dia, Gabriel resolveu tentar sair da cabana e convenceu Annabeth a acompanhá-lo na investida. Quando abriu a porta, uma rajada de vento gelado os acertou no rosto, fazendo Annabeth apertar os dentes e abraçar o próprio corpo já com saudades do calor confortável do lado de dentro. A varanda estava coberta por uma camada leve de neve e folhas mortas, que se misturavam e formavam uma lama malcheirosa e escorregadia. Os degraus da frente ainda estavam soterrados, mas pelo menos já era possível sair pela porta.

Gabriel resolveu tentar chegar ao carro e acabou afundando quase até os joelhos na neve lamacenta, enquanto Annabeth acompanhava seu progresso e ria das tentativas deselegantes dele de caminhar daquele jeito. Quando uma bola gelada de neve acertou o pescoço dela e escorreu para dentro da gola da blusa, Annabeth se arrependeu rapidamente de provocá-lo. Não que ela não pretendesse dar o troco naquele filho da mãe presunçoso, claro. Ela tinha uma posição firme com a varanda de madeira abaixo dela, enquanto Gabriel tinha que cambalear na neve. Mas os planos foram melhores do que a execução, pois Annabeth conseguiu acertar apenas uma bola de neve em Gabriel antes de ela própria escorregar e cair de bunda no chão, fazendo com que ele voltasse assustado para junto dela para ver se nenhum osso estava quebrado.

Annabeth respondeu esfregando um punhado de neve suja na cara dele.

Eles fizeram amor de novo, no banheiro quente, enquanto ambos se lavavam do frio e da sujeira.

Quando a noite chegou, Zach ligou mais uma vez informando que, no dia seguinte, a equipe conseguiria subir pela estrada oeste e chegar até as cabanas, incluindo a número cinco. Gabriel improvisou um último jantar, que eles comeram sentados em frente à lareira, dividindo uma garrafa de vinho da adega.

– Posso fazer uma pergunta? – Ele completou o copo de Annabeth e depositou a garrafa pela metade ao lado do sofá.

– Pode fazer uma segunda. – Ela piscou sobre a borda da taça e se ajeitou ao lado de Gabriel, dobrando as pernas sob o corpo.

– Com o que você sonhou aquela noite em que acordou assustada?

Ela bebeu mais um gole de vinho, considerando a questão. Não havia motivo para não contar a ele.

– Eu sonhei que Mark estava comigo no carro no dia do acidente. Nós estávamos discutindo por alguma bobagem e, de repente, eu gritei que gostaria que ele morresse. – Ela engoliu em seco e colocou a taça vazia no chão. – E então era como se o carro tivesse me escutado e começado a girar na pista. Mas,

ao contrário da realidade, nós caímos ladeira abaixo. E então eu estava de pé na estrada olhando para baixo e o carro estava pegando fogo e Mark gritava lá de dentro que a culpa era minha. Que ele estava morrendo porque eu não me importava com ele.

– Você quer falar sobre isso?

– Você é muito bom com essa coisa de conversa, sabia disso? Minha ex-terapeuta ficaria orgulhosa com o jeito como você acabou de perguntar se eu quero falar sobre isso. – Ela sorriu e passou as costas da mão sobre os olhos. Não percebera que estivera prestes a chorar.

– Talvez eu esteja na carreira errada. – Ele pegou a taça dela do chão e a encheu novamente.

– Talvez. E eu não sei se quero falar sobre isso, se é necessário. Não acho que exista alguma razão oculta para eu sonhar com Mark morrendo ou algo do tipo. Nós nos resolvemos, afinal.

– Sem mágoas?

– Ah, no início houve mágoa. Quando aconteceu, eu estava triste com ele. Triste comigo. Triste em como nós dois simplesmente apertarmos as mãos e chamarmos um advogado. – Ela deu de ombros. – Eu não estava esperando. Para mim, tudo estava bem. Eu o amava, nós tínhamos uma vida confortável, meus livros eram um sucesso, ele estava bem trabalhando no jornal – explicou. – E, de repente, eu descobri que ele não era feliz. Comigo. Aparentemente eu era a única parte satisfeita da equação. Quando Mark foi embora, eu estava furiosa com ele e comigo. E então eu escrevi sobre isso e o resultado você já sabe. Eu não o odeio nem nada do tipo, muito pelo contrário, eu amo Mark como amei outras pessoas que passaram pela minha vida e foram importantes em algum momento. Não do jeito romântico de um casal, mas de forma nostálgica, compreende? De algo que foi bom, mas acabou. E eu espero que ele seja feliz. De verdade. Provavelmente o pesadelo daquele dia foi um resquício de algo que eu ainda estava sentindo ao ser enviada para cá, ao pensar no livro que precisava escrever. Desculpe-me se assustei você naquela noite.

– Você não me assustou. Me preocupou. E eu sinto muito que as coisas tenham sido desse jeito entre você e seu ex-marido.

– Foram difíceis, eu admito, mas acredito que eu esteja superando tudo. Às vezes, em momentos difíceis, isso ainda me magoa, mas acho que é uma consequência natural de toda a separação inesperada. Eu ainda preciso trabalhar algumas coisas, mas estar aqui escrevendo um novo livro e conhecendo você é um bom sinal. – Ela o beijou na bochecha e bebeu um gole do vinho. – Você é um bom homem, Gabriel White.

– Pensei que eu fosse um urso.

– Você é um bom homem-urso. E eu gosto de você. Gosto mesmo. Eu não esperava que isso acontecesse, mesmo sabendo que clichês são quase impossíveis de se evitar como beijos em filmes românticos. Mas aconteceu e eu não estou triste. Eu não sei para onde estamos indo, mas não me arrependo de onde chegamos.

– E como decidimos para onde estamos indo?

Ela deu de ombros.

– Eu sinceramente não sei.

– Eu gostaria de tentar, Annabeth.

Annabeth o olhou com atenção, um pouco surpresa com o que ele havia dito. Os olhos dele estavam decididos e ela sabia que, caso se entregasse, Gabriel White a aceitaria de todo o coração. Ele era assim. Difícil de conquistar, mas, quando essa barreira fosse transpassada, ele se mostraria fiel e constante. E aquilo a deixava feliz e ao mesmo tempo assustada. Annabeth não tinha um bom histórico de cuidar direito das afeições que cativava.

Ela tocou o lábio com o indicador, pensando e decidindo.

– Vamos fazer um trato, Gabriel. – Ela se empertigou e se ajoelhou na frente dele. – Quando sairmos daqui, vamos seguir com nossas vidas como elas sempre foram. Sem alterações no cronograma, sem jantares românticos à luz de velas, sem juras ou promessas. Vamos ser quem somos e deixar que a rotina nos responda se é para ser ou não. Eu não vim para Beauty Lake atrás de um relacionamento e eu não sei ainda se isso é o que está planejado para a minha vida a partir de agora. E eu sei que o mesmo vale para você. Mas não podemos ignorar a existência um do outro. Eu não gostaria que isso acontecesse. Então, vamos ver aonde isso tudo vai nos levar.

Ele respirou fundo, absorvendo o que ela dizia ao mesmo tempo em que ponderava como deixaria que o que ele sentia por ela fosse deixado nas mãos do destino.

– Eu costumo ser mais do tipo que toma as rédeas da situação em vez de deixar o destino decidir, mas, se é importante para você que seja assim, eu concordo. – Ele a puxou até que ela estivesse enroscada de forma confortável e perfeita sobre ele. – Nós seguiremos com a vida, tentando nos ajustar um ao outro sem regras ou expectativas.

– Muito bem.

– Mas.

– Eu sabia que haveria um *mas*.

– Me escute. – Ele segurou o rosto de Annabeth entre as mãos, olhando no fundo dos olhos dela. – Eu não vou me impedir de demonstrar o que sinto por você. Se eu estiver destinado a amá-la, Annabeth Sullivan, isso vai acontecer.

Quer você queira ou não. Você pode não corresponder, e isso vai ser muito difícil para mim, mas eu vou respeitar a sua escolha. Eu disse a você que não sou um homem que tem muita facilidade para expressar o que sinto, mas, se eu amá-la, eu não vou fingir que não sinto nada.

Annabeth sentiu um calor preencher seu peito e inundar suas veias ao escutá-lo dizer aquilo.

– Então vamos adicionar um adendo ao nosso trato. Nós vamos deixar as coisas fluírem para bem e para mal, mas não vamos nos impedir de ceder aos nossos sentimentos se for isso o que nosso coração quiser. Está claro?

– Claro como a neve.

– Claro como a neve. Agora devemos selar nosso acordo com um beijo, por favor.

– Eu não diria não.

Zachary chegou na metade da manhã seguinte.

Annabeth saiu para a varanda ao escutar o barulho ensurdecedor de máquinas, que mais pareciam com trovoadas. O sócio de Gabriel e mais dois homens, que correspondiam a troncos de árvores pelo tamanho, na avaliação de Annabeth, atravessaram a neve, vestindo coletes laranja de serviço. Zach andou pela neve com dificuldade, mas quando alcançou Annabeth abriu um sorriso iluminado e a abraçou, engolfando-a com o cheiro de floresta e umidade que estava impregnado nas suas roupas.

– Annabeth! É bom revê-la, escritora. Pedimos desculpas pelo humor instável de Beauty Lake. Ela é uma menina imprevisível. – Ele a avaliou dos pés à cabeça. – Você está um pouco pálida, mas parece que Gabriel a manteve sã e salva. – Ele lançou um olhar divertido para o homem que se mantinha um passo atrás dela.

– Ah, não se deixe enganar pela minha aparência delicada, Zachary. Eu acho que fiz muito mais por ele do que ele por mim.

Ele gargalhou e a risada ecoou na floresta ao redor.

– Eu imagino que sim. Gabriel pode parecer durão, mas ele não possui muita aptidão para a sobrevivência com outros serem humanos.

– Eu estou aqui, vocês sabem.

– Não, ele não tem. – Ela mordeu a bochecha por dentro quando imagens da última noite ecoaram pela sua mente. E Annabeth sabia, sem olhar para trás, que Gabriel estava pensando o mesmo. Ele podia se dar muito bem com outros seres humanos. A pele dela ainda estava impregnada com o calor dele.

– Zach. – Gabriel avançou e abraçou o amigo.

– Gabe, é bom vê-lo. Eu gostaria de ter subido ontem, mas você estava certo, o acesso oeste não foi tão fácil quanto parecia. Annabeth, estes são Don e Stephen. – Zachary se virou e apontou para os dois homenzarrões que permaneciam na ponta da varanda, meio à parte. Annabeth se perguntou se havia algo na água de Beauty Lake que proporcionava um crescimento tão impressionante aos homens dali. Provavelmente. Os dois acenaram com o boné para ela, mas se mantiveram em silêncio. – Nós estamos subindo a montanha e verificando as cabanas. Gabe, você acha que seu carro tem chances de voltar à vida? O acesso está liberado agora. Vocês podem descer.

– Se vocês me derem uma mão, vou verificar isso agora. Depois, vou seguir com vocês. Annabeth? – Ele se virou para ela, e Annabeth sabia o que ele

estava perguntando. *Começamos a nos afastar agora?*

– Vá. Eu estou bem aqui e não preciso de nada, a cabana tem tudo o que ainda preciso. Graças ao trabalho maravilhoso de vocês. – Ela sorriu para Zach, que olhava de um para o outro, o cenho franzido, captando algo. – Arrume o carro e depois siga com ele. Mas agradeço se vocês puderem me trazer mais lenha.

– É para já, escritora. – Zach trocou um olhar estranho com Gabriel e depois fez sinal para que Don e Stephen o seguissem até os fundos.

Eles ficaram ali, sozinhos na varanda, olhando para a imensidão que se dividia entre o verde, o azul e o branco. Annabeth abraçou o próprio corpo e inspirou fundo. O ar cheirava à floresta e à liberdade. Ela gostava daquele cheiro.

– Gabe.

– Sim?

– Nada. – Ela se virou e pegou a mão dele entre as suas. – Eu apenas gosto de como soa. Gabe. É simples, mas é o que você é. – Ela beijou os dedos dele de leve e depois os soltou. – Agora nós começamos nosso trato. Eu desejo a você boa sorte. – Ela sorriu abertamente para ele.

– Para você também. – Gabriel se aproximou e depositou um beijo na testa dela. – Não me esqueça tão rápido, Annabeth Sullivan.

– Eu não esquecerei.

Enquanto Gabriel descia para se juntar aos amigos, ela voltou para dentro da cabana e encostou a porta. Depois, gastou mais quinze minutos para preparar uma xícara de café e se instalar na frente do laptop, pronta para concluir mais um capítulo da história de Emma.

Mas tudo que ela conseguiu fazer, depois de dedilhar o teclado de forma incerta, foi olhar para a paisagem lá fora e pensar sobre o que acontecera nos últimos dias e o que estava sentindo naquele momento.



A noite passou de forma estranha e silenciosa para Annabeth. Ela estava tão acostumada à presença física de Gabriel em cada canto que a cabana agora era enorme e a mesa tinha lugares demais para ela. O sofá, minúsculo quando ambos estavam sentados, agora parecia quase uma cama para ela.

Annabeth precisou fazer três tentativas antes de acender com sucesso a lareira, mas se parabenizou pelo bom trabalho quando as chamas pularam vivas e brilhantes. Quando a fome bateu, ela percebeu que voltara a uma rotina que era só dela, pois um sanduíche não apareceu de forma mágica ao lado do computador. Como os seres humanos eram miseráveis criaturas de hábitos. Sem querer, ela havia se moldado à presença de Gabriel. Resmungando, Annabeth

abriu um pacote de biscoitos e comeu sentada no chão, em frente ao fogo. Ela havia sobrevivido trinta anos sem ele, não era agora que morreria de fome.

No dia seguinte, dois carros pesados pararam na entrada em frente à cabana. Don e Stephen, os amigos silenciosos de Zach, informaram-lhe que um dos carros era para uso dela, enquanto o antigo jipe que Annabeth alugara estava sendo removido da estrada.

Ela mal teve tempo de agradecer antes de eles acenarem em despedida e entrarem no carro que sobrara para voltar ao que quer que estivessem fazendo. Annabeth atravessou o resto da neve e sujeira que ainda se acumulava da varanda até a pista e abriu a porta da caminhonete, avaliando. Era um veículo pesado e duro, que provavelmente não a deixaria na mão como o primeiro. Aquele carro era de Gabriel. Ela soube assim que se sentou na frente do volante para testar a direção. O cheiro dele estava ali, impregnado nos bancos e no couro do volante.

Ela sorriu consigo mesma. Ponto para ele.

Annabeth permaneceu ali dentro por mais dez minutos, e depois decidiu experimentar o carro e voltar à civilização para espairar a cabeça. Ela correu para a cabana e vestiu o máximo de roupas que podia – Tracy não poderia reclamar dessa vez – e jogou a bolsa sobre os ombros.

O carro era mesmo sólido e parecia um caminhão nas mãos dela. Annabeth desceu a estradinha que a levaria à rodovia e, quando chegou a uma intersecção, tomou a estrada liberada e desceu para o coração de Beauty Lake; as mãos firmes no volante e os olhos atentos à estrada escorregadia e sinuosa. Dessa vez ela não aproveitou a vista, nem se distraiu com o que quer que fosse. Ela podia não ser uma nativa das montanhas, mas um susto fora suficiente para mudar sua forma de olhar para a paisagem.

Quando chegou ao centro da cidadezinha, encontrou uma imagem muito diferente da que vira da última vez. Agora havia gente andando para todos os lados, as calçadas estavam tomadas por pequenos bancos de neve e havia carros e mais carros em frente a todos os estabelecimentos. Ela não fora a única a aproveitar o fim do tempo ruim para reabastecer, concluiu ao ver as pessoas carregadas de sacolas de papel que transbordavam. Annabeth estacionou em uma vaga uma quadra distante do Tracy's e percorreu o resto do caminho a pé, desviando de pessoas e dos bancos de neve. Quando entrou, quase foi derrubada pelo vozerio que flutuava pelo ambiente. Havia gente para todo lado, entre as estantes, formando filas longas nos dois caixas disponíveis, apoiadas em carrinhos de compras abarrotados. Ela respondeu aos acenos de cabeça de todos que cruzaram seu caminho, se esquivou de ser derrubada por um garotinho que rolava pelo chão no corredor de enlatados e pegou um carrinho para si. Meia

hora depois, se postou em uma das filas para o caixa e absorveu as conversas ao redor, as histórias sobre a nevasca e os gritos das crianças. Era uma mudança fascinante estar na sua cabana e depois cair dentro daquele alvoroço. Como uma esponja, Annabeth absorveu tudo ao redor, acumulando aquelas pessoas e histórias ao seu banco de inspiração.

Ela estava feliz em estar ali.

A velha Tracy estava no caixa e abriu um sorriso enrugado e pintado de rosa quando a reconheceu.

– Minha queridinha! – A mulher se inclinou sobre o caixa e puxou o rosto de Annabeth para um beijo meio desajeitado em ambas as bochechas. – Como você está? Eu falei com Gabe esta manhã e ele me jurou que vocês não passaram por nenhum aperto enquanto estavam presos naquela cabana.

Annabeth pensou no corpo de Gabriel sobre o dela em frente à lareira e rezou para que não estivesse ficando vermelha.

– Nós ficamos bem, obrigada. Eu e Gabriel nos demos muito bem.

– Fico feliz! – Ela começou a puxar as compras de Annabeth sobre a esteira. – Você quase arrastou minha alma para fora do corpo naquele dia em que me apareceu aqui daquele jeito, sem ao menos saber o que estava prestes a acontecer. As pessoas gostam de dizer “Tracy, Beauty Lake parece uma pintura”. Mas eu respondo que essa pintura pode matar você se não estiver preparado. Pode sim. Você correu grande risco, mocinha. Muito grande. Mas Gabriel é um rapaz muito responsável. Eu o conheço desde que nasceu. Quando ele tinha oito anos...

Annabeth foi toda ouvidos.

Quinze minutos depois, ela saiu do Tracy’s com três sacolas cheias de comida e a cabeça recheada de novas informações sobre a vida de Gabriel, na infância e na adolescência – *“Pense em um menino que demorou para arranjar a primeira namorada. Se a pequena Monica não tivesse beijado ele bem aqui na frente da loja, não sei quanto tempo teria demorado.”* –, e com a certeza de que ele era muito amado pelas pessoas ali. Mais um testemunho do caráter que ela observava por todos aqueles dias.

Annabeth deixou as compras no banco de trás e gastou um pouco mais de tempo andando pelo centro, olhando as vitrines e absorvendo a atmosfera. Ela prendeu o cachecol de um jeito firme em volta do pescoço e foi em direção ao movimento.

Beauty Lake tinha uma livraria que ficava logo em frente ao único banco da cidade. Mais adiante, dois cafés que disputavam a freguesia um do lado do outro na beira do lago, e várias casas, com jardins que terminavam na beira d’água se enfileiravam de forma orgulhosa. No fim da rua principal, uma igreja

branca como a paisagem se erguia esguia contra o céu sem concorrência em altura. Um bando de crianças atirava bolas de neve pesadas, subindo e descendo os degraus de entrada da igreja, suas risadas ecoando no ar. Nas calçadas, pessoas se aglomeravam e Annabeth captava conversas similares às que escutara no Tracy's. Eles falavam da tempestade, do preço do combustível, do festival e do inverno, calculavam a quantidade de turistas no hotel mais famoso da cidade e nas cabanas do alto da montanha. Assuntos banais, mas que faziam parte de quem aquelas pessoas eram; vidas simples vividas ao pé de montanhas eternas. Pessoas que trabalhavam em outras cidades, mas que, ao final do dia, voltavam para suas casas, para o sossego de uma lareira acesa e um café sempre pronto, idosos que tinham nascido e crescido ali e erguido algumas daquelas casas com as próprias mãos, crianças que desde cedo aprendiam a amar e temer a natureza que se avolumava sobre elas.

Annabeth olhava, escutava e arquivava.

E gostava um pouco mais de tudo o que via a cada momento.

Ela parou na calçada, observando a água imóvel do lago que brilhava sob a luz tímida do sol. E se perguntou como seria estar ali no outono e no verão e na primavera também. Se perguntou como seria sair da sua cabana pela manhã para uma nova estação. Como seria acordar ao lado de Gabriel e beijá-lo para depois se sentar do lado de fora, olhando para as árvores enquanto escrevia? Não parecia loucura. Parecia real e palpável. Parecia eterno.

Ela tinha dito a verdade a Gabriel quando falara sobre criar laços com um lugar. Ela não tinha criado laços com a cidade em que nascera. Não tinha criado laços com os lugares para o qual viajara e, por último, o único laço que formara na Califórnia, a cidade de Mark, fora cortado e não mais existia. Ela ainda estava buscando o seu lugar. E se Beauty Lake fosse esse lugar?

Mas. Mas, seu cérebro gritou, e Annabeth suspirou abrindo passagem para aquele pensamento. *Aqui vamos nós.* O que Annabeth faria se o que ela e Gabriel estavam vivendo não passasse de uma paixão louca de temporada que arrefeceria assim que a primavera chegasse? Ela conseguiria viver em Beauty Lake, a calma e serena Beauty Lake, sozinha pelo resto da vida? Como seria ter que conviver com Gabriel ali para sempre se ambos não dessem certo? Ela ainda não tinha encontrado seu lugar no mundo, isso era certo, mas será que sua parada final seria ali, em um mundo branco e verde, longe de tudo que ela estava tão acostumada?

Annabeth esticou os braços sobre a cabeça, se espreguiçando e balançou a cabeça, afastando aquelas indagações. Sua imaginação, como sempre, já tinha tomado a dianteira e estava criando um sonho ao invés de deixar as coisas acontecerem. Mas Annabeth podia divagar, não? Ela era perita em imaginar.

Testar. Sonhar e tentar realizar. Quão ruim seria viver aquele clichê de romance? Se deixar levar pelo que tinha que ser ao invés de fugir e buscar o diferente? Eram perguntas demais e ela precisava de respostas.

Desde a noite em que ela e Gabriel haviam dormido juntos, Annabeth estava em um embate consigo mesma, com sua consciência, com seus desejos e aspirações. Ela tinha combinado com Gabriel que deixaria as coisas acontecerem, e ela estava determinada a seguir o acordado. Mas não era sua culpa se sua mente não parava de calcular probabilidades. Era?

O que ela ganharia se ficasse? O que ela perderia se fosse embora?

~*~

Se ambos buscavam respostas na rotina, ela se esforçou para mantê-los bem ocupados pelos dias que se seguiram. Gabriel precisava lidar com todos os problemas que a nevasca causara, problemas estes que tinham se acumulado durante aqueles dias, enquanto Annabeth, por sua vez, estava tentando coordenar a vida através da internet e do telefone. Para ele, os dias eram comuns e previsíveis. Gabriel já havia passado por aquilo muitas vezes antes para saber que, no fim das contas, tudo se resolvia, lareiras eram limpas, encanamentos eram consertados e clientes voltavam felizes para suas cidades depois do susto na montanha. Para Annabeth, a rotina ali era mais exigente. Acostumada a ter acesso rápido a tudo que precisasse através de uma ligação – comida, táxis, um remédio para a dor de cabeça de última hora –, ela se frustrava mais facilmente ao perceber que o ritmo de Beauty Lake não corria sem parar durante vinte quatro horas por dia e que, vez ou outra, não havia nada que ela, nem ninguém, pudesse fazer contra as más condições de tempo que a seguravam dentro da cabana por um dia inteiro. Então, ela batia o pé, frustrada, grunhia para a parede e voltava a caminhar pela varanda, ponderando como diabos as pessoas conseguiam viver ali. Uma hora depois, ela se pegava olhando para os raios de sol que se infiltravam de forma tímida através das árvores e não se imaginava vivendo em outro lugar.

O resultado dessa rotina era que ela e Gabriel não se viam tanto quanto gostariam e geralmente conseguiam se encontrar apenas à noite, quando o trabalho dele lhe dava uma trégua.

Em uma dessas noites, ele encontrou uma Annabeth um pouco distraída. Mesmo quando ela o puxou para dentro e o beijou, ele sentiu que a atenção dela não parecia estar no mesmo lugar que ele.

– Não consegui vir antes, as coisas têm andado corridas. – Ele se afastou e a enlaçou pela cintura. – Você está bem?

– Estou bem, mas passei o dia revisando. É um processo exaustivo. – Ela sorriu. – E não se preocupe, esse foi o nosso trato, fazer as coisas no próprio

tempo. – Ela tirou o casaco pesado dos ombros dele. – Com fome? Se sim, você terá que fazer algo, sabe que eu sobrevivo apenas com biscoitos.

– Eu estou ciente disso. Trouxe algumas coisas, estão no carro. – Ele beijou o queixo dela antes de voltar lá para fora e reaparecer em seguida com uma sacola de papel. – Trouxe hambúrgueres.

Annabeth levou as mãos ao peito e suspirou.

– Eu não posso resistir se você continuar a me tratar dessa forma. Vamos ter que marcar a data do nosso casamento, Gabriel.

– Quem está apressando as coisas agora? E eu lembrei que você disse que não queria jantares românticos à luz de velas, então estou improvisando. – Ele riu e empurrou o pacote contra os braços dela.

– Você escuta o que eu falo. Estou encantada.

– Às vezes, no meio das suas conversas intermináveis, eu capto alguma coisa, sim.

– Você é tão charmoso.

Eles comeram no lugar que já era deles, sentados em frente à lareira. Gabriel falou do trabalho que tinha feito nos últimos dias, sobre as estradas para abrir, sobre as cabanas para verificar. Dividiu com ela as reclamações de hóspedes, a quantidade de reservas sendo canceladas, outra meia dúzia delas entrando. Ele e Zach estavam se dividindo nas tarefas, mas Gabriel assumira a maioria delas para permitir que o amigo passasse o maior tempo possível com a família. Já Annabeth contou a ele sobre os últimos capítulos escritos e as notícias que chegavam através de *e-mails* empolgados de Rich.

– Ele começou a insinuar que eu escreva um romance, exatamente como eu previra, sobre minha experiência de ficar presa com um desconhecido em uma cabana por quase uma semana. Ele já está pensando na divulgação. É um filho da mãe muito esperto.

– E o que você respondeu?

– Que vou pensar nisso.

– Você vai? – Ele a encarou, surpreso.

– O quê? Não me julgue. Essa experiência realmente me fez pensar de forma diferente em relação a algumas coisas. Talvez escrever um romance não seja assim tão mau. Eu acho que posso conseguir vender alguns exemplares de uma tórrida novela de amor.

– Eu não estou julgando. – Ele a puxou para mais perto. – Não duvido da sua capacidade como profissional. Acho que pode dar muito certo, Annabeth. E fico feliz que uma das Cabanas Beauty Lake tenha sido uma das grandes responsáveis pela mudança. Esperamos receber o crédito e talvez um exemplar autografado para leilão.

– Gabriel White, eu estou chegando à conclusão de que quanto mais à vontade você fica, mais piadas você faz. Ora, se não é uma surpresa.

– Eu sou um homem quieto. Não significa que não tenha senso de humor.

– Ele ergueu o rosto dela e a beijou.

– Sei. Você é uma maldita caixinha de Pandora. Me passe as batatas.

Gabriel estendeu o pacote e analisou Annabeth com cuidado. Ela parecia cansada e um pouco distante. Ponderou sobre o que estava prestes a dizer em seguida. Era algo que ele debatera o dia inteiro se deveria ou não sugerir a ela e, no fim das contas, resolveu falar. Ele não falharia por não tentar.

– Annabeth.

– Hmm – ela respondeu com a boca cheia.

– O aluguel da cabana vence em dois dias e temos reserva para ela logo depois.

– Ah, é verdade. E vocês têm outra cabana disponível?

– Eu gostaria de conversar com você sobre isso. – Ele pigarreou sem saber bem como expor a ideia que tivera. – Estamos com reservas cheias para os próximos dois meses.

– Ah, bem. – Ela parou de comer para avaliar a questão, dando-se conta que havia uma decisão a tomar ali. Uma decisão que envolvia o futuro de ambos. Ela poderia ficar. Ou ir. – Eu posso tentar uma vaga no hotel, se for o caso. Eles estão lotados também?

– Parece que sim, Annabeth.

– Bem...

– Você poderia ficar comigo.

Gabriel disse aquilo em um tom firme e claro, que não deixava dúvidas de que ele tinha pensado naquilo e chegado à conclusão de que era a solução mais óbvia. Annabeth foi pega de surpresa e levou um tempo amassando a embalagem da comida enquanto pensava em uma resposta para aquela afirmação. *Você poderia ficar comigo.*

Ela sentiu o peito se apertar com uma ansiedade repentina. Ela não estava pronta para decidir. Ainda não.

– Gabriel. Eu pensei que fôssemos deixar as coisas fluírem de forma natural.

– Isso me parece natural – ele respondeu. – Você precisa de um lugar para ficar, eu tenho uma casa a oferecer.

– Vivemos como casados? – Annabeth perguntou devagar. – Esse não é o caminho natural para mim, Gabe. Me parece... precipitado.

– Não pensei em casamento, Annabeth. Mas quando percebi que não haveria lugar para você ficar na cidade, me pareceu natural oferecer um lugar na

minha casa. Se você não gostar, em alguns dias outra cabana estará disponível para você voltar à sua rotina de escrita. Eu gosto de você, Annabeth, acho que já deixei claro de várias formas. Seria uma novidade para mim também, mas não algo que eu não poderia me acostumar. Poderíamos tentar.

Não havia nenhum julgamento na voz dele, ela sabia. Gabriel estava fazendo uma sugestão que seguia o caminho natural para ele. Uma vez que ele ultrapassava a primeira barreira, a entrega era total. Era bonito, ela precisava admitir. Mas assustador.

Annabeth sabia que em algum momento teria que decidir se ficaria de forma permanente ou se partiria. Essa era uma decisão que sabia estar postergando, esperando que uma solução mágica caísse no seu colo para que pudesse se abster de decidir. Bem, ela não poderia reclamar que a solução não caíra de paraquedas, o problema era que talvez não fosse a solução que ela esperaria. Morar juntos? Ela sentiu a semente do pânico germinar no seu peito.

– Eu gosto de você também, Gabe. E esse tempo que estamos passando juntos me parece real e bom, mas sair daqui para viver na sua casa me parece... precipitado. A única pessoa com quem dividi uma casa foi meu ex-marido e as coisas não terminaram muito bem – disse com uma risada sem humor.

– Annabeth, eu não estou pedindo que passemos a viver em comunhão de bens ou algo do tipo, é apenas uma oferta de moradia e, como eu disse, me parece natural que nós...

– Não é natural para mim, Gabriel.

– Entendo.

– O que você entende? – ela perguntou de forma mais ríspida do que imaginava. *Droga!* Ela sabia que estava errando ali. Sabia que estava causando danos, mas não conseguia evitar. A velha Annabeth Sullivan estragando tudo outra vez. Fugindo.

Ele se endireitou e encostou as costas no sofá atrás deles. Annabeth sentiu que ele ficara tenso, os dedos das mãos se flexionando e ele respirou fundo antes de continuar e dizer o que se passava pela sua mente.

– Parece que, quando você disse que deveríamos deixar as coisas fluírem de forma natural, você estava levando em conta o seu tempo e os seus desejos, não os meus. O seu tempo e não o meu. Teria me poupado um bocado de tempo em que eu fiquei refletindo sobre como agir em relação a nós dois.

– Isso não é verdade – ela disse, mas sua voz não foi firme o suficiente e Gabriel também notou.

– Tudo bem – ele disse de forma calma. – Então o que você pretende fazer, Annabeth?

– Eu não sei. Mas conheço você a menos de um mês, Gabe. Você precisa

admitir que parece precipitado dividir uma casa e uma rotina com alguém que você acabou de conhecer.

Ele respirou fundo.

– Como eu disse, foi apenas uma ideia. Não vou forçá-la a descer a montanha e trancá-la na minha casa. Mas, me diga, o que você vai fazer quando não encontrar um local para ficar? Vai embora?

Ela não respondeu. Porque aquela era a pergunta que ela vinha se fazendo há alguns dias, quanto mais perto o seu tempo na cabana diminuía. Aquela era uma decisão que poderia selar o destino dos dois e Annabeth estava protelando buscar uma resposta exatamente por ter medo do que estava acontecendo ali. Aquela conversa. Aquele momento de decidir ficar ou partir.

– Você vai embora – ele concluiu.

Annabeth se empertigou e olhou para a lareira. Um bolo se formando em sua garganta. Porque ela não poderia dizer que ele estava enganado. Bem no fundo, ela soubera desde o início que fugiria.

Gabriel sentiu todos os músculos das costas se retesarem e não era por causa do esforço que ele fizera durante o dia. Era como se seu corpo estivesse se envergando sob o peso daquela conclusão. O que ele estava fazendo ali, afinal? O que um homem como ele queria com uma mulher como Annabeth? Ele, que nunca havia amado uma mulher, achava que, de repente, aconteceria com alguém como ela? Ele era um ninguém das montanhas, um exemplar carrancudo e grosseiro comparado a todos os homens que ela devia conhecer na cidade. Ele não deveria estar surpreso por constatar que ela não pretendia amá-lo de volta da maneira como ele estava certo amá-la.

– Você pretendia me avisar ou iria sem se despedir? – perguntou num sussurro.

– Eu não disse que iria embora. – Ela se levantou, tensa demais para continuar sentada. – Eu estava pensando em deixar as coisas....

– Se ajeitarem por sim mesmas. É, você costuma fazer muito isso – ele terminou, levantando-se também. – Desde que elas se ajeitem, claro, de acordo com os seus desejos. Você poderia ter poupado meu tempo, Annabeth, e dito, no dia em que saímos dessa cabana, que não tinha intenção nenhuma de tentar.

– Não coloque palavras na minha boca. – Ela cruzou os braços sobre o peito e se afastou. Se afastou da dor e da decepção na voz dele.

– Você não está dizendo isso, mas a sua hesitação e seus olhos me dizem o que a sua língua não consegue, Sulllivan. Seja sincera. Você quer um romance desde que ele aconteça de acordo com seu humor e esteja disposto a se moldar as suas decisões. Decisões que, pelo visto, podem acontecer em uma semana ou em cinco anos. Você nunca teve intenção de levar as coisas no meu tempo.

– O que você esperava, Gabriel? – Ela cruzou os braços sobre o peito, sentindo as palavras de Gabriel a ferirem mais do que esperava. – Que eu saísse da cabana e fosse morar com você, ter dois cachorros e um filho, abandonando tudo que já fiz e construí?

– Eu nunca pediria tal coisa a você...

– Então não pareça tão magoado com o fato de eu não aceitar.

– Eu não estou magoado com a sua negativa, Annabeth, como eu disse, você não é obrigada a nada. Estou magoado comigo mesmo por ter imaginado que... – Ele passou a mão pelo rosto. – Esqueça.

– Como você pode presumir que saiba qual o caminho natural de um relacionamento, Gabriel? Você mesmo me disse que nunca amou ninguém antes! Annabeth sabia que havia passado do limite.

– Eu não preciso amar vinte pessoas para descobrir como é um relacionamento – ele disse depois de alguns segundos, a voz baixa e intensa. – Eu disse a você uma vez, Annabeth, que eu tentaria. Que eu não me impediria de dar passos a mais se meu coração dissesse que eu deveria. Eu estou apaixonado por você e então eu tentei. Eu venho tentando desde então.

– E você também disse que, se eu não quisesse, você não insistiria – ela disse em um sussurro, a voz entrecortada.

As palavras dela ficaram no ar, flutuando entre eles, cortando seu caminho até serem absorvidas. Ela fechou os olhos e se amaldiçoou. Não havia como retirar a flecha depois que ela havia sido lançada.

– Entendo. Bem. É bom saber.

Eles eram, de repente, duas peças estranhas em um jogo que havia chegado a um impasse. Nenhum deles se moveu, não sabendo muito bem como prosseguir. Havia surpresa, havia mágoa e havia uma sensação de perda. Onde antes havia calor e afeto, agora pairava uma sensação incômoda de estranheza.

Annabeth estendeu os braços para ele, mas os retraiu logo depois. Ela deu dois passos na direção dele, levantando o rosto para encará-lo. E se arrependeu quando se deparou com a dor nos olhos dele.

– Gabriel...

– Acho que chegamos ao x da questão aqui, Annabeth. Nós prometemos tentar, mas nossa maneira de tentar é muito diferente uma da outra. Queremos coisas diferentes em tempos diferentes. Sentimos coisas diferentes.

– Não. – Ela apertou os olhos com os dedos, estancando as lágrimas que haviam se formado ali. – Eu estou apaixonada por você. Eu estou certa sobre isso. Mas... Mas eu ainda não decidi o que fazer com isso. Me desculpe, Gabriel. Você está certo. Eu sugeri que deixássemos as coisas acontecerem, mas só se elas acontecessem de acordo com as minhas vontades. Mas as minhas vontades

são caprichosas e eu estou magoando você.

– Acho que você está magoando mais a si mesma do que a mim, Annabeth.

Ele se dirigiu para a porta, mas parou antes de atravessar a soleira e se voltou para ela.

– Você sabe como se sente e sabe como eu me sinto. Eu fui sincero ao oferecer a você a minha casa. Não pensando em casamento ou filhos ou animais domésticos ou nos clichês que você tanto odeia, Annabeth. Eu estava pensando em ter você por perto. Do jeito que fosse.

– Eu não sei o que pensar, Gabe. Não sei o que fazer. Tudo isso, tudo o que aconteceu aqui, em tão pouco tempo, é demais para mim... Não sei o que fazer. Estou tão confusa.

Gabriel passou as mãos pelos cabelos e soltou um suspiro de frustração e mágoa.

– Eu entendo que é demais para você. Outro mundo, outra vida, outra rotina. Eu não estou pedindo que se case comigo ou largue a sua vida, Annabeth. Apenas... – Ele deu de ombros. – Saiba que eu amo você e que estou disposto a tentar. Quando você decidir como quer prosseguir, se quiser prosseguir, eu estarei aqui. Para escutá-la dizer que sim, ou que não, não importa. Eu estarei esperando.

Ele fez menção de voltar até ela, mas mudou de ideia e saiu sem dizer mais nada.

Annabeth havia esquecido como o amar podia ser doloroso.

Ela tinha amado Mark. De forma louca, alegre e bonita e, por fim, amara-o como uma memória. Ela ainda o amava como uma parte dela que havia ficado para trás e crescido. Mas o que os dois tinham tido nunca fora simples, ela percebia agora. Os dois eram expansivos e exigentes, sempre tomando e quase nunca doando. Mas tinha dado certo. Até determinado ponto. Até que ambos se esqueceram das regras do jogo e Mark resolvera sair em busca de mais.

Mas o amor que sentia por Gabriel era diferente. Era simples como o calor de um cobertor em uma noite fria de outono. Era lento como um beijo trocado durante uma dança. Era leve como uma brisa. E preenchia cada espaço dela a cada minuto que eles passavam juntos. O amor de Gabriel e por Gabriel se multiplicava da ponta dos dedos até o último fio de cabelo, deixando-a com uma sensação de satisfação sempre que ele estava ali, ao seu lado, enquanto conversavam em pé sobre a varanda, quando ele beijava seu pescoço; quando ela estava escrevendo, enquanto eles dormiam enroscados em frente ao fogo.

Era real, era sensível e era constante.

E por isso mesmo era mais doloroso. Porque era bom.

A noite tinha virado dia e Annabeth estava sentada na varanda, enrolada em um cobertor, pensando no que acontecera horas antes. Ela havia chorado o que precisara chorar na noite anterior, até secar, até esvaziar. Ela havia chorado por ela e por Gabriel e pelas coisas que ele havia dito. Porque eram verdade. Ela sabia de tudo aquilo. Ela sabia que esperava que aquele relacionamento se desenvolvesse como ela esperava, dentro do seu tempo, o que poderia acontecer em um dia ou em dez anos. Annabeth não tinha levado em consideração que, mesmo que Gabriel vivesse uma vida simples, recluso nas montanhas, seus sentimentos não eram menores que os dela. Ele a amava e merecia ser amado de volta, na mesma proporção. De certa forma, venenosa, ela brincara com ele.

O que ela queria? Fazê-lo esperar por anos, enquanto vivia sua vida na Califórnia, aparecendo de forma sazonal para que eles dividissem a cama e depois ela voltasse para a sua vida de escritora e tabloides? Ou queria permanecer ali, fazer de Beauty Lake seu lar, sua morada, seu ponto final?

Ela gostaria de ter explicado as coisas para Gabriel de forma mais clara em vez de deixá-lo chegar àquelas conclusões sozinho e magoado. Ela gostaria de ter dito que, para Gabriel, as coisas eram mais simples. Ele estava no lugar em que toda a sua vida se concentrava, rodeado de pessoas que o amavam e

faziam-no se sentir bem. Ele apenas teria que abrir os braços para ela e absorvê-la na sua rotina. Mas a vida de Annabeth sempre acontecera em outro lugar e em outro ritmo. Era por isso que ela não conseguia e não queria parar para pensar e decidir. Todas aquelas divagações que permearam sua cabeça dias antes continuavam ali. Annabeth sentiria falta da Califórnia se se mudasse? Ela sentiria falta da agitação e do amontoado de pessoas, dos carros barulhentos nas ruas, do sol abrasador?

– Meu Deus, você foi tão burra. – Ela esfregou os olhos, afastando o sono.

Ela deveria ter sido sincera com Gabe logo de início.

– Gabe, eu o amo, mas preciso de um tempo maior para decidir se Beauty Lake pode ser meu lar para sempre. Era o que você deveria ter dito. Meu Deus, Annabeth, você lida com palavras todos os dias!

Pensando agora, parecia tão simples. Algo que poderia ter sido dito dias antes e poupado os dois de uma expectativa frustrada. Agora ela estava ali, arrependida, e Gabriel estava lá embaixo, ressentido. E com razão.

Por que ela era uma confusão tão grande? Annabeth tinha a sensação de que sempre agiria em extremos. Ou ela se abstinha da vida ao seu redor, magoando por ausência, ou ela explodia, espalhando estilhaços para todos os lados e atingindo o máximo de pessoas possíveis.

Annabeth contemplou a paisagem por mais alguns minutos e então se levantou, decidida. Ela precisava de um tempo vazio. Ela precisava se reorganizar.

Dentro da cabana, fez uma ligação breve e, enquanto esperava pelo retorno, acessou a internet e arranhou o que precisava ser arranjado. Depois, arrumou as malas que um mês antes ela tinha carregado para dentro daquela cabana minúscula, cheia de roupas e livros e ressentimentos. Dobrou as roupas sem pressa, tomou um banho demorado e ainda fez um café, que bebeu olhando para a paisagem exuberante lá fora.

Um mês antes, ela nunca imaginaria que aquele lugar fosse mudar todo o sentido da sua vida. Agora, ela parecia ver tudo em outra perspectiva.

Horas depois, quando escutou o barulho de pneus do lado de fora, Annabeth saiu arrastando uma mala consigo e parou para olhar o interior da cabana uma última vez. Ali estavam a mesa redonda onde ela escrevera todo seu livro, o sofá onde Gabriel lera seu livro, a janela onde ele ficara em pé, olhando para fora pensativo durante aqueles primeiros dias. O tapete onde eles fizeram amor pela primeira vez e que testemunhara conversas e brigas e beijos. Todos aqueles objetos inanimados eram testemunhas do turbilhão que se agitava em seu interior e destruía suas certezas.

Ela respirou fundo e fechou a porta, deixando tudo para trás.

Havia uma mulher parada do lado de fora da porta do carona de uma velha caminhonete. Era alta e morena, com olhos grandes e reluzentes, cor de ônix. A mulher sorriu e acenou. Annabeth sorriu de volta e desceu as escadas arrastando as duas malas.

– Paula, certo? – Annabeth estendeu a mão, que a mulher tomou entre as suas e sacudiu de forma vigorosa. A mulher assentiu.

– Eu vi você na outra semana, saindo do Tracy’s com o Gabe, mas eu estava com meu bebê e não pude cumprimentá-la. – A voz dela era lenta e suave, e Annabeth percebeu o quanto ela e Zach deviam ficar bonitos juntos. Os dois emanavam uma aura de calor e acolhimento.

– Desculpe falar com você só hoje. Gostaria que tivéssemos nos conhecido antes.

– Digo o mesmo. Mas parece que Gabe estava muito ansioso para mantê-la apenas junto dele pelo máximo de tempo possível. – Ela deixou a cabeça pender para um lado, analisando Annabeth. – Ele sabe?

– Não. – Annabeth tirou uma mecha de cabelo que o vento levou para o meio do seu rosto e encarou a mulher à sua frente. – E eu não quero que ele saiba até eu estar no aeroporto. Posso confiar em você em relação a isso?

– O quanto isso vai magoar, Gabe?

– Apenas um pouco mais do que que ele já está magoado comigo.

Paula suspirou e olhou para o meio das árvores, como se ponderasse o que diria a seguir.

– Ele estava diferente. Quando desceu a montanha depois da tempestade. E eu sabia que tinha algo a ver com você pela maneira como ele divagava enquanto estava conversando comigo, pela maneira como ele olhava para a montanha como se não visse a hora de subir de volta. Zach me fez jurar que não perguntaria nada a ele sobre você e o tipo de relacionamento que tinham, e eu cumpri meu juramento. Mas eu sabia que era algo estranho, algo meio incerto, como um terreno pantanoso. Mas o que quer que vocês tenham alimentado nesse último mês, isso o deixou feliz. E se existe alguém que merece ser feliz nesse mundo, é Gabe. Por isso. – Ela voltou sua atenção para Annabeth e cruzou os braços sobre o peito. – O que quer que você esteja planejando, eu peço que, por favor, não o destrua. Ele não merece.

– Não, ele não merece. Eu o amo. Mas eu preciso ir.

Paula a encarou, buscando as respostas no rosto de Annabeth, mas, por fim, aceitou e assentiu.

– Vamos, então. Eu disse a Zach que voltaria no final do dia porque preciso buscar algumas coisas para Sarah na cidade vizinha. Nem ele nem Gabe

vão perguntar por mim por algumas horas.

Paula a ajudou a colocar as malas na traseira da caminhonete e elas partiram.

Nenhuma das duas falou sobre o que estavam fazendo, a caminho do aeroporto. Trocaram palavras rápidas sobre assuntos banais como o tempo e também sobre o bebê e como Paula se adaptara ao ter alguém dependendo dela o tempo todo. Annabeth respondeu e perguntou tudo de forma automática, forçando seu cérebro a acompanhar aquela interação social, enquanto seu coração batia loucamente e lhe perguntava se aquilo deveria acontecer realmente daquele jeito.

Sim, deveria.

Quando chegaram ao estacionamento do aeroporto, Paula não desceu. Elas ficaram alguns minutos dentro do carro, cada uma perdida nos próprios pensamentos. Voltando a si, Annabeth tirou um envelope da bolsa que levava a tiracolo e estendeu na direção da outra mulher.

– Você poderia entregar isso a ele?

– Ah, que droga. Essa não é uma maldita carta de despedida, é?

– Por favor, Paula. Apenas entregue a ele.

– Eu estou começando a me arrepender de estar ajudando você com o que quer que esteja planejando. – Ela respirou fundo e passou as mãos pelos cabelos antes de aceitar a carta e segurá-la entre os dedos como se fosse uma bomba. – Ok. Tudo bem. Me diga que eu não vou querer matar você logo depois que ele terminar de ler o que quer que esteja escrito aqui.

Annabeth sorriu, percebendo que Paula era o tipo de pessoa com quem ela gostaria de conviver: leal e correta, e muito sincera quanto ao que sentia.

– Não sei como Gabriel vai reagir quando ler. Mas posso dizer que ele vai entender. – Ela engoliu em seco e abriu a porta. – Eu pego as malas. Obrigada, Paula.

– Não me agradeça ainda, garota – ela sussurrou para si mesma enquanto acompanhava Annabeth arrastar suas malas pelo estacionamento em direção ao aeroporto.

Para longe de Beauty Lake. Para longe de Gabriel.



Gabriel estava sentado nos degraus da varanda de Zach. Quem o visse ali não perceberia nada além de um homem que parecia relaxado, apreciando a vista da rua no final da tarde.

Mas quem o conhecesse bem reconheceria que algo por trás de seus olhos estava errado. Suas mãos se retorciam uma na outra, seu olhar vagueava pela rua de forma agitada, esperando e esperando. Seus cabelos caíam em todas

as direções possíveis de tantas vezes que os dedos de Gabriel passaram entre os fios, quase os arrancando. Algo dentro dele estava errado.

Gabriel disse para si mesmo que não deveria se importar. Ele passara o dia fora de Beauty Lake resolvendo negócios de banco para a empresa e, quando chegou à cabana, descobriu que Annabeth havia desaparecido com todas as suas coisas. Ele se obrigou a respirar fundo e aquietar o coração. Ele passou em casa, com uma ínfima esperança de que ela pudesse estar ali, sentada nos degraus da frente, esperando por ele.

Ela não estava.

Annabeth havia partido.

Quando perguntou a Zach se por acaso ele ou a esposa tinham visto Annabeth passar por ali, a resposta do amigo fora negativa.

– Não. E Paula saiu ainda no início da tarde, disse que ia comprar algumas coisas que precisava para Sarah. Ela volta só à noite.

Algo pequeno e incômodo se agitou no estômago de Gabriel e ele resolveu esperar ali. Algo lhe dizia que Paula poderia ter a resposta que ele queria. Quando a noite caiu e a caminhonete dela entrou na garagem, Gabriel soube, pela maneira como a amiga o olhava através do vidro, que ela sabia exatamente o porquê de ele estar ali.

Paula caminhou lentamente na direção dele e se sentou um degrau abaixo dele, as pernas esticadas à frente, o rosto sério.

– Quando ela se foi?

– No início da tarde. Me ligou e pediu uma carona. Disse que gostaria de ir embora sem que ninguém soubesse.

– Por que você a ajudou?

– Porque ela me disse que o amava e que você entenderia.

Paula suspirou e pegou algo de dentro da bolsa que trazia consigo. Quando Gabriel voltou sua atenção para ela, Paula tinha um envelope na mão.

– Ela me pediu para te entregar. Parece que a resposta está aí dentro.

O riso ficou preso na garganta de Gabriel.

– Parece certo para uma escritora, não? Se despedir com uma carta escrita à mão. Realmente combina com o romance que Annabeth tinha na cabeça. Como se a vida fosse mesmo uma história de livro.

– Você realmente gosta dela, não é? Eu sei que você não falou muito sobre isso, mas nem precisou. É só olhar para o seu rosto agora. Você está arrasado, Gabe. Eu sinto muito.

– Sabe do que eu estou me lembrando agora?

– Do quê?

– Quando você se casou com Zach, me disse que um dia chegaria a

minha vez, desde que eu não me apaixonasse por uma turista. Porque turistas eram sempre um problema. – Ele riu sem humor nenhum enquanto analisava o envelope branco.

– Eu realmente gostaria de estar errada em relação a isso.

– Bem, foi uma lição, não é? Realmente, não se apaixone por turistas. E, pior ainda, não se apaixone por turistas que são escritoras e têm ideias muito particulares de como um relacionamento deve ser desenvolver. Obrigado. – Ele se levantou e bagunçou de leve os cabelos de Paula. – Você poderia amenizar toda a situação para Zach? Para que ele não fique achando que agora eu sou algum tipo de cão sem dono que vai vagar por aí com o rabo entre as pernas?

– Mas você parece um cão sem dono que vai vagar por aí com o rabo entre as pernas.

– Parece que sim.

– Gabe?

Ele se voltou para ela.

– Annabeth não estava feliz. Por ir embora. O mesmo olhar que eu estou vendo no seu rosto agora é um reflexo do olhar que ela exibía hoje à tarde.

– Supostamente deveria ser assim? – Ela lhe lançou um olhar confuso. – Amar alguém. É assim?

– Você quer dizer doloroso e insuportável?

Ele assentiu, brincando com o envelope entre os dedos. Escutou Paula respirar fundo e dizer:

– Eu acho que amar dói e esmaga seus ossos. Mas também cura e acalenta. O amor é um sentimento caprichoso.

– Por isso eu me sinto como se tivesse levado uma surra.

Paula levantou-se dos degraus e foi até Gabriel, depositando um beijo leve em seu rosto.

– Bom, não imagine que Annabeth estava exultante. Ela parecia ter levado algumas pancadas também.

Ela apertou seu braço em gesto de conforto e entrou em casa, deixando-o com o peso do envelope nas mãos.



Gabriel se largou no sofá com uma cerveja na mão e a carta de Annabeth na outra. Mas ele não bebeu a cerveja e nem abriu o envelope. Ele passou a garrafa pela nuca, tentando em vão acalmar o coração para o que encontraria ali. Então, não querendo protelar ainda mais o que haveria de ser, rasgou o envelope e tirou uma folha única de dentro, preenchida em uma caligrafia pequena e apertada.

Por um momento, ele só conseguiu pensar que, se imaginasse como seria

a letra de Annabeth, ele pensaria em letras compridas e escritas às pressas, como se ela estivesse muito ansiosa para terminar logo aquilo e voltar ao computador. Mas ele nunca imaginaria aquela letra contida e pequenina.

Gabe,

Eu conto verdades através do que escrevo. Às vezes, sou covarde ou insensível demais para dizê-las cara a cara – é um defeito meu –, mas sempre vou ser sincera no papel... Por isso estou escrevendo para você. Porque, às vezes, essa é a forma mais verdadeira de eu fazer algo.

Você estava certo sobre o que disse. Estava certo sobre eu querer que as coisas aconteçam com o tempo... desde que sejam no meu tempo. Eu vivi grande parte da minha vida sozinha, fazendo minhas próprias regras e criando meus momentos e, quando chegou a hora de levar em consideração as necessidades de outra pessoa, eu fui egoísta. E eu sinto muito por isso. Você é um ser humano com coração e sentimentos e eu julguei mal o tamanho do que você sentia por mim. Eu pensei que, se protelasse as decisões sobre meu futuro, você também protelaria. Que poderíamos viver em nosso refúgio como dois pássaros em um ninho, longe da vida real. Mas nós não podemos. E quando você me trouxe a realidade, eu não pude encará-la.

Eu amo você. Nunca pensei que isso poderia acontecer em tão pouco tempo, mas se existe algo que eu aprendi escrevendo por tantos anos é que, às vezes, a vida parece um romance escrito por uma adolescente apaixonada. E nem sempre é ruim. Acredite em mim. Então, eu o amo e gostaria de viver com você. Eu gostaria de acordar pela manhã e olhar para o seu rosto. Eu gostaria de escrever na sua varanda olhando para o lago. Eu gostaria de sair cedo para comprar pão na Tracy's e observar o céu mudar de cor. Mas eu também gosto do sol da primavera queimando meus ombros. Eu também gosto do som das buzinas no final do dia. Eu gosto de atravessar a rua e pedir comida japonesa para uma pessoa. Entende o que quero dizer? Eu preciso voltar para a minha vida, para essa vida que acabei de descrever, e ter certeza de que quero dar adeus a ela. Porque, Gabe, eu acho que não existe nada pior que abandonar algo por amor e depois ficar com saudades de algo que não gostaria de ter dito adeus.

Pode parecer egoísta, mas eu peço que entenda. Você vive no seu mundo, na sua casa, com seus amigos e trabalho. Se eu ficar, deixo tudo de meu para trás e começo do zero. Por mais que eu ame você, preciso desse tempo comigo para avaliar se o que deixo para trás não me fará falta. Eu sempre contei comigo mesma. É difícil se deixar cair nos braços de outro sem amarras. Eu levei um tombo há pouco tempo e tenho as cicatrizes expostas.

Eu não posso pedir que espere por mim, claro. Existe um limite para meu egoísmo. Siga a sua vida e eu vou seguir a minha. Eu amo você, mas não quero que me espere. Você não merece isso.

Eu espero, do fundo do meu coração, que meu destino me leve de volta para você.

Amor,

Anna.

Gabriel dobrou a carta e a colocou de volta no envelope. Passou a mão pelo rosto e seu olhar se voltou para a janela, de onde, ao longe, ele avistava as montanhas se avolumando salpicadas de verde e branco.

Pela primeira vez, a solidão daquela paisagem não era reconfortante.

Annabeth abriu o pacote que havia sido deixado na recepção para ela e não pôde conter o arrepio de prazer que lhe subiu pela coluna ao pegar nas mãos o esboço com capa de seu novo livro. Ele era lindo. Ou seria lindo assim que estivesse totalmente editado. A capa era azul *royal*, com o título – *Morte ao Anoitecer* – escrito em uma fonte elegante e chamativa. E lá estava seu nome novamente, com a figura de Emma Grant de fundo. Lá estava seu trabalho, seu esforço e sua paixão. Ela se sentou para folhear com cuidado e atenção as páginas. Enquanto conferia as notas de rodapé de Rich, sentiu mais um peso ser retirado do seu peito. Ali estava a sua redenção e seu recomeço. Para ela e para Emma.

– Nós estamos voltando, minha querida.

Apertou o boneco do livro contra o peito uma vez e depois o deixou em cima da mesa. Mais tarde escreveria um *e-mail* para Rich com todas as últimas considerações e alguns acréscimos às notas dele e também para acertar os detalhes do lançamento e da divulgação.

Annabeth estava feliz com o seu livro. Estava feliz de passar de novo por toda a agitação da edição, revisão, debates acalorados com Rich sobre capas e diagramação, sobre noites de autógrafos e perguntas de fãs. Os dois estavam de volta às boas depois que Annabeth lhe trouxera um produto digno de publicação. Rich, obviamente, não parava de se congratular por ter tido a ideia maravilhosa de enviá-la para as montanhas.

Ela estava mesmo feliz. Com o livro.

Mas apenas com o livro.

Parecia que se apaixonar e quebrar o próprio coração era realmente o sofrimento todo que as histórias gostavam de contar. Havia algo na vida de Annabeth que estava incompleto.

Annabeth caminhou até a varanda, onde os últimos raios de sol banhavam e esquentavam as paredes brancas do seu apartamento. Ela precisava ser sincera consigo mesma. Além das providências para o lançamento de *Morte ao Anoitecer*, nada mais parecia muito promissor nos últimos meses. E ela não podia ser acusada de não tentar. Annabeth havia se esforçado muito para que as coisas seguissem seu curso natural depois de deixar Beauty Lake. Ela havia marcado encontros com amigos, ela havia visitado novas exposições e galerias, ela havia caminhado pelas ruas, curtindo as pessoas agitadas, o sol escaldante, o barulho incessante. Ela estava fazendo tudo o que costumava fazer.

Mas nada mais parecia o mesmo. Era como se ela estivesse tentando se convencer de que precisava exatamente de tudo aquilo.

Annabeth tentara resistir à ideia de que estava sentindo a falta de Gabriel. Que besteira, ela havia dito para si mesma. Como a vida poderia parecer tão estranha sem um homem com quem passara tão pouco tempo? Annabeth lutou bravamente para reprimir os sentimentos e se negou a acreditar que Gabriel lhe fazia tanta falta. Ela tinha tido a esperança de que, quando se afastasse, tudo não passaria de paixão e ela seria beijada pela musa da razão que lhe diria para esquecer e voltar para o que realmente importava. Mas, quanto mais o tempo passava, mais as paredes brancas de seu apartamento pareciam insossas e a solidão das suas noites, sufocantes.

Mais de uma vez, sua mão escorregou para o telefone, contorcendo-se na ânsia de ligar para ele para perguntar como as coisas estavam, para saber se Gabriel ainda sentia algo por ela. Para saber apenas se ele estava bem. Mas, todas as vezes, Annabeth respirou fundo e se obrigou a seguir o curso. Ela tinha prazos para entregar, notas para responder, entrevistas para dar. Aquela era a sua vida, não?

Não. Não mais.

Annabeth amava Gabriel. E ela sentia tanta falta dele que seu peito doía. Ela sentia tanta falta dele que seu primeiro pensamento ao abrir o pacote minutos antes fora como ela gostaria que Gabriel lesse aquele livro em primeira mão, porque ele estava ali dentro das páginas; não somente como inspiração para seu personagem, mas também no ritmo da escrita, nas falas dos personagens, no humor que ela usara, nas palavras que ela escrevera na presença dele.

Annabeth olhou por sobre o ombro, para o celular sobre a mesa. Tudo o que precisava fazer era apertar uma tecla para saber se ainda existia um lugar para ela voltar. Uma tecla para confessar que ela tentara voltar à rotina, mas que aquela estrada não era mais a sua.

Annabeth pulou quando o telefone começou a vibrar. Seu coração foi para a garganta e ela cruzou o espaço em três passos enérgicos, pegando o aparelho na mão e o levando até o ouvido, afobada.

– Alô?

– O que você acha de 18 de junho?

– Oi, Rich. – O coração dela deu três piruetas antes de se acalmar e voltar ao ritmo normal.

– Então?

– Para o lançamento? – Annabeth voltou para a varanda e se largou sobre uma cadeira. – Parece bom.

– Eu falei com Carl, o dono daquela livraria charmosa que fica entre as

galerias de arte, e ele está praticamente implorando para receber o lançamento lá. E eu estou totalmente inclinado a realizar o desejo dele. O espaço é bom, com muita gente interessante circulando.

– Eu gosto de Carl. Por mim, pode ser.

A linha ficou muda e Annabeth olhou para a tela, verificando se a ligação caíra.

– Rich?

– Você está concordando comigo na minha primeira ideia?

– Estou. Eu gosto da livraria, gosto de Carl. Tudo parece perfeito.

– Isso foi fácil demais. O que você está aprontando, Annabeth Sullivan? Você é minha pupila mais engenhosa, me faça batalhar.

Annabeth riu, dando-se conta de que era verdade. Ela sempre fora enérgica, insatisfeita, exigente e não eram raras as vezes em que os dois batiam de frente por meses antes de chegar a um acordo.

– Eu não estou aprontando nada, Rich. Estou falando sério. Faça o agendamento, combine com Sabine e Carl sobre o coquetel ou o que quer que você ache melhor e depois me avise. Eu estarei lá. Prometo.

– Sim, eu vou agendar. Também vou enviar um médico até a sua casa porque com certeza absoluta você está doente. Você está assim, distante e estranha, desde que voltou daquelas montanhas. Você tem certeza de que não pegou alguma doença que sobrevive no meio de florestas densas?

Annabeth riu e encolheu os joelhos junto ao peito. Ela estava infectada sim, por algo tão perigoso quanto uma doença, algo que lhe corria por dentro e apertava seu coração. Mas não era maligno. Não iria matá-la. Só doía. Doía e corroía.

– Não gaste seu dinheiro com o médico, vai ser inútil – disse por fim.

– Quem disse que eu iria gastar? Claro que seria descontado do seu lucro de vendas.

– Você é um homenzinho horrível, Rich Temble.

– É assim que faço o dinheiro aparecer, meu bem. Se cuide, vou falar com Carl.

Annabeth desligou e olhou para o aparelho, como se ele contivesse todas as respostas das perguntas do mundo. Ela entrou na agenda e o dedo dançou sobre um nome específico. Tudo o que ela precisava fazer era tocar na tela e deixar seu coração fazer o resto.



Gabriel levantou o telefone do gancho para logo depois desistir de fazer a ligação e largá-lo de volta com um estrondo. Em vez disso, ele voltou sua atenção para o *e-mail* do banco aberto na tela do computador e clicou em

responder. Depois de escrever e apagar o texto direcionado para o gerente da conta da empresa três vezes, ele desistiu e fechou a tela, dando o expediente por encerrado naquele dia. As coisas não estavam funcionando. Não como costumavam funcionar meses antes.

Ele passou a mão pelos cabelos e olhou para o telefone outra vez. Frustrado, levantou, arrancou o casaco do encosto da cadeira e saiu para o ar frio do final do dia.

Gabriel tinha prometido respeitar as decisões de Annabeth. Ele havia dito para ela que, se ela se fosse, ele aceitaria isso. E ele estava tentando cumprir aquela promessa idiota. Ele não saía correndo atrás dela, por mais que essa fosse sua intenção quando abrisse aquela carta. Ele não ligava implorando para que ela reconsiderasse, não enviava *e-mails* perguntando sobre o livro – uma desculpa para saber se ela ainda sabia quem ele era.

Ele deixou a vida continuar como sempre, esperando que, no fim das contas, tudo se ajeitasse. Mas aquilo estava se provando mais difícil do que ele imaginava. Quem diria que todos aqueles filmes, que ele achava bobos um dia, estavam certos sobre o amor. Amar doía, deixava seu estômago destruído e sua cabeça paranoica. Fazia você trabalhar mais horas do que devia para aplacar a saudade e dormir mais rápido à noite ao invés de ficar lembrando de quem se fora.

Que Gabriel amava Annabeth não havia dúvidas. O soco no estômago e o aperto no peito que ele sentira naquele dia em que ela fora embora tinham sido prova suficiente de que ela era alguém que seu coração estranho e solitário queria para si. Se era loucura ou não amar alguém daquela forma depois de conhecê-la por apenas um mês, ele não saberia dizer e não queria saber também.

Ele a amava, ele sentia falta dela, ele ansiava por ela.

Ele estava levando a droga de uma vida miserável, sofrendo pelos cantos feito um adolescente cujo amor não fora correspondido.

– Você sabe que ficar encarando a montanha não trará Annabeth de volta, não sabe?

– O que eu sei é que gostaria que você ficasse quieto – Gabriel respondeu e olhou por sobre o ombro para Zachary, que saía do escritório e se postava ao lado dele na varanda da frente.

– Não se preocupe, eu também gostaria que ela voltasse o mais rápido possível, porque não aguento mais olhar para essa sua cara de cão abandonado. Você está de dar pena, Gabe. Paula tinha razão em dizer que quando você se apaixonasse seria triste de ver.

– Você e Paula passam tempo demais discutindo a relação dos outros. Tem certeza de que o casamento de vocês está bem?

– Além de melancólico, também está nervoso. O que a Srta. Sullivan fez com você, meu velho amigo?

– Você não tem um encanamento para desentupir em alguma cabana, por acaso?

Zachary riu e em seguida soltou um longo assobio.

– Eu até tenho, mas prefiro mandar você fazer o trabalho para ocupar essa sua cabeça com algo mais do que sofrer por amor. – Ele riu novamente e colocou as mãos nos bolsos, olhando para o movimento da rua. – Quanto tempo faz? Quatro meses? Só por ela ter deixado você nesse estado deplorável eu sei que é uma mulher a se respeitar.

– Tem certeza de que você gosta mais de mim do que dela?

– Eu nunca disse que gostava mais de você.

Eles trocaram um olhar cúmplice, e Gabriel deu de ombros, sentindo-se um pouco menos tenso. Sim, Zachary estava certo. Olhar para o céu e as montanhas não traria Annabeth de volta. Ela voltaria se quisesse. Algum dia. Passado tanto tempo sem nenhum contato, ele estava começando a aceitar que talvez aquilo nunca acontecesse. Gabriel precisaria sentar e descobrir como se sentia em relação àquilo. E decidir o que faria com aquele amor que ardia dentro dele e que talvez nunca se concretizasse.

– Tudo bem, me dê algo para fazer. – Deu as costas para rua e voltou para dentro do escritório, seguido por Zach.

– Aqui. – O amigo o seguiu e lhe estendeu uma folha de papel. – Teremos hóspedes novos nas cabanas cinco e seis a partir de amanhã. Precisam da verificação costumeira. Eu estava prestes a fazer isso, mas me parece que você tem mais disposição. Vou fechar o escritório antes e me encontrar com Paula para um café. Olhando para essa sua cara agora, lembrei que devemos aproveitar a mulher da nossa vida o máximo possível.

– Você é um idiota, Zach.

– E você vai me escolher para ser seu padrinho de casamento mesmo assim. Um dia.

– Tracy não me pediu em casamento ainda, meu velho. Você vai ficar esperando.

– Eu não sei o que ela está esperando. – Ele riu e observou Gabriel ler o papel. O ar cansado no rosto do melhor amigo fez Zach mudar o tom de voz. – Gabe. Eu sei que você não é muito de expressar o que sente, nem para mim, mas você sabe que eu estou aqui para o que der e vier, não sabe?

Gabriel não deu sinal de que tivesse escutado o amigo enquanto se ocupava em pegar a maleta de ferramentas em um canto. Zach remexeu nos papéis da própria mesa, incerto se deveria repetir o que dissera quando escutou

Gabriel respirar fundo.

– Eu estou ficando louco. – Foi tudo o que disse.

– Louco? O que quer dizer com louco?

– Eu penso nela vinte quatro horas por dia, Zach. Eu acordo pensando na Annabeth, passo o dia imaginando o que ela está fazendo, vou deitar com saudades dela. Eu sonho com o rosto dela. Eu achei que, no dia em que ela se foi, isso tinha acabado. Eu achei que o que quer que tivesse acontecido entre nós era algum tipo de insanidade temporária causada pelo estresse da nevasca. – Ele olhou para as próprias mãos e depois para o amigo. – Mas agora não tenho mais certeza. Isso é loucura. Eu não quero mais sentir isso, Zach. Caramba. – Ele passou uma mão pelo rosto e se recostou contra a escrivaninha, parecendo derrotado.

Zach precisou de alguns segundos para se recompor depois de ouvir uma fala tão sincera de Gabe sobre os próprios sentimentos, algo de que ele nunca fora testemunha. Só então ele olhou com cuidado para o amigo, para o ar cansado no seu rosto, para seus ombros curvados e percebeu o tamanho do que acontecera entre ele e Annabeth. Ele não sabia muito, até então. Gabe fora muito sucinto. Eles tinham se envolvido naquela semana em que ficaram juntos, eles haviam tentado construir algo a partir dali, mas, no fim das contas, cada um parecia estar seguindo na mão contrária do outro. Gabriel não se aprofundara muito mais no que ele sentira, nem no que Annabeth havia significado verdadeiramente para ele. Mas agora Zach tinha uma ideia. E sentia muito pelo coração generoso de Gabe ter levado um golpe tão profundo.

– Eu não tinha ideia, meu amigo, de que as coisas tinham chegado a esse ponto. E eu sinto muito. Eu não sei o que faria se Paula não tivesse retribuído meus sentimentos. Na verdade, não imagino viver sem ela. Seria doloroso.

– Você teve sorte.

– E eu não sei? – Zach se aproximou dele e se recostou contra a escrivaninha também, cruzando os braços. – Quais foram exatamente as condições em que vocês se separaram?

– Descobrimos que tínhamos ideias diferentes sobre como um relacionamento deveria continuar, discutimos e, logo depois, Annabeth foi embora.

– E deixou uma carta para você – Zach disse, lembrando-se do que Paula lhe contara depois de voltar para casa naquela noite.

– Dizendo que tinha outra vida construída e que precisava ter certeza de que estar aqui era realmente o que ela queria. Ela me amava, mas precisava ter certeza de que aqui era realmente o lugar para ela. Algo assim.

– Me parece racional e justo.

– E é. E isso me deixa ainda mais enfurecido. E agora eu sei que ela descobriu que estava certa e que a vida que Annabeth tem lá fora é a vida que ela sempre quis para si. E que não vai voltar.

– Você não sabe, Gabe. Ela pode voltar amanhã.

– Zach, se passaram meses sem nenhum contato.

– Você ligou?

– Claro que não!

– Por que não?

– Porque eu prometi que, qualquer que fosse a decisão dela, eu respeitaria.

– Mas você não prometeu que não ligaria.

– E o que eu diria para ela? “Olá, Annabeth, quero saber se você tem interesse em voltar para mim?”

– Parece um bom começo, sim. – Zach sorriu. – O ponto é que, na verdade, e me corrija se eu estiver entendendo errado, meu amigo, vocês dois não parecem ter definido muito bem a linha de chegada aqui ou os termos da corrida. O que é totalmente compreensível, se eu captei bem a personalidade de ambos. Você é inseguro por natureza, Gabe, e Annabeth parece ser levada adiante pela fantasia do que poderia ser em vez de realmente decidir o que quer. Eu acho que os dois podem passar o resto da vida apaixonados e esperando que o outro decida dar o primeiro passo.

– Desde quando você é perito em relacionamentos, Zach?

– Eu tenho um casamento feliz e uma filha para comprovar isso, Gabe, me dê algum crédito.

– Paula lhe deu essas ideias.

Zachary deu de ombros.

– Nós podemos ter discutido esse assunto uma vez ou duas nos últimos meses depois de olharmos para a sua cara de defunto. O ponto é que me parece que alguém tem que tomar uma iniciativa para ter a resposta final: sim ou não. Vocês dois não podem passar o resto da vida esperando.

– Você está tentando dizer...

– Caramba, Gabe, ligue para ela! Pegue um avião, bata na porta dela, pelo amor de Deus. Corra atrás da mulher que você ama. E, se não for para ser, pelo menos tenha certeza de que ela diga isso na sua cara e não em uma carta de *talvez*. Não adianta olhar para as montanhas se perguntando se algum dia ela vai voltar. Pergunte a Annabeth. Ela fala, as montanhas, não.

Gabriel ficou encarando o amigo sem saber muito bem como responder, matutando sobre como as coisas poderiam parecer mais claras quando elas eram colocadas em voz alta.

Zach sorriu, parecendo se lembrar de algo, e olhou para Gabriel.

– Você se lembra do que a Paula me disse quando a chamei para sair pela primeira vez? Eu e você estávamos sentados nos degraus da igreja e ela passou por nós em companhia de outras duas amigas.

Gabriel franziu o cenho diante da estranheza da lembrança e logo depois sorriu quando lembrou da cena que agora parecia tão distante.

– Ela perguntou se você não tinha mais nada de interessante para fazer além de encher o saco dela.

– Exatamente. Mas sabe o que ela não disse, meu bom e fiel amigo?

– O quê?

– Não. Paula não me disse não. Então eu tentei de novo e ela aceitou sair para tomar um sorvete.

– Com o meu dinheiro.

– Bem, isso não vem ao caso. O que eu quero dizer é que se você não tem o não, você ainda pode obter um sim. Ainda há uma esperança, Gabe.

Gabriel pareceu considerar aquilo enquanto olhava para os próprios pés cruzados na altura dos tornozelos. O fato era que Zachary estava certo. Tanto ele quanto Annabeth estavam vivendo na base do talvez e do quase. Talvez ela já tivesse se decidido. Talvez não. Mas Gabriel precisava de uma resposta final. Nem que fosse para recolher seu coração pisoteado e seguir em frente.

– Você já desligou seu computador? – perguntou para Zach.

– Ainda não.

Gabriel deu a volta na mesa e mexeu o *mouse* de um lado para o outro. Quando a tela se iluminou, ele digitou algo no campo de busca.

– Talvez enviar um *e-mail* seja um pouco impessoal, Gabe. Eu estava pensando em algo mais direto. Como uma ligação.

– Não vou enviar um *e-mail* para Annabeth. Preciso de uma informação.

Zach riu e se afastou, pegando a maleta que Gabriel deixara sobre a mesa.

– Já que você está em missão, Romeu, deixe que eu termino o serviço.

– Zach?

O amigo parou na porta e se virou para Gabriel.

– Obrigado.

Zachary respirou fundo e analisou aquele que era para ele um irmão que a vida havia lhe dado ao longo do caminho. Gabriel merecia ser feliz e ele estava rezando para que o destino dele e o de Annabeth convergissem para um mesmo ponto.

– Eu estou ajudando você porque precisamos ter um casamento no próximo verão. Do contrário, Tracy vai tentar juntar o jovem McNiall com a

filha dos Johnson e você sabe que isso vai causar uma confusão danada. Ela precisa casar uma pessoa da comunidade por ano.

– Tenho certeza de que, se tudo falhar, eu mesmo posso me casar com a Tracy.

A gargalhada de Zach o acompanhou até ele desaparecer de vista. Gabriel voltou a atenção para a tela e leu com atenção a informação que precisava. Ele bateu os dedos sobre a mesa, fazendo cálculos mentais sobre seus próximos passos.

Decidido, ele puxou o fone do gancho e fez uma ligação.

Annabeth tirou os cabelos que caíam teimosamente sobre a testa, fugindo do penteado, e conferiu se o batom estava no lugar. Resistiu ao impulso de jogar um pouco de água sobre o rosto, lembrando que estragaria a maquiagem que tinha aplicado cuidadosamente horas antes.

Ali estava ela, pronta para autografar o seu mais novo romance de Emma Grant, em um evento cuidadosamente planejado e executado por Rich durante os últimos meses. Eles teriam um pequeno e charmoso coquetel para convidados, depois ela diria algumas palavras bonitas e apropriadas para os críticos que estariam na primeira fila, para logo depois ler o primeiro capítulo da história para todos os presentes. Então, depois de aplausos acalorados, começariam os autógrafos para o público que já estaria aguardando ansioso. Tudo cronometrado e testado. Uma noite perfeita para marcar a volta de Annabeth Sullivan dos quase mortos, como Rich gostava de dizer. Ela queria muito lhe socar o nariz sempre que ele ria com essa piada particular horrorosa, mas resistia porque, na verdade, ele estava certo. Aquele era seu momento de ressurgir.

Annabeth não podia negar o fato de que estava nervosa com o evento daquela noite. Sabia que o lugar já estava lotado; o burburinho incessante das conversas atravessava as portas do toalete, chegando até ela. As pessoas pareciam animadas. Ótimo. Havia centenas de livros para autografar e perguntas a responder. Annabeth sabia que nem todos seriam gentis: duas ou três pessoas com certeza levantariam o assunto do seu fracasso anterior e ela precisaria driblar tudo com muitos sorrisos e respostas otimistas. Apesar de ter repassado possíveis respostas a possíveis perguntas mordazes com Rich, seu estômago ainda estava um pouco embrulhado de nervosismo. E expectativa. Fazia mais de um ano que ela não se encontrava naquela posição de estar oferecendo um novo trabalho ao julgamento do público. Meses de preparação tinham lhe levado àquela noite e ela sabia que tudo seria um teste. Um teste para saber se ela ainda dava conta.

E eles podiam ter certeza de que Annabeth Sullivan tinha feito o diabo de um livro que explodiria – de forma positiva – a cabeça deles.

Annabeth respirou fundo, sorriu para si mesma e alisou um amassado invisível na saia azul que usava. Hoje ela lançaria um livro incrível e amanhã daria o primeiro passo em busca de algo que seu coração não podia mais negar.

– Ah, aí está você. – Rich ignorou completamente a placa que estava afixada do lado de fora e que limitava a sua entrada e foi até Annabeth. – Seu

tempo acabou. Todas as duzentas fichas de autógrafos foram distribuídas e parece que há mais gente esperando do lado de fora. – Ele a puxou e deu um beijo estalado em seus lábios. – Um sucesso absoluto. O que acha de improvisarmos mais algumas fichas? Acha que dá conta?

– Rich! Duzentas? Achei que tínhamos combinado cem fichas – disse, exasperada.

– Meu coração, você tem ideia de quanta procura tivemos para esse lançamento? Duzentas fichas são poucas perto do que as pessoas queriam. Tenho certeza de que a sua mão pode aguentar algumas assinaturas a mais. Ela descansou por quase um ano, não?

– Não seja cretino. Eu deveria despedi-lo e contratar MacAllister no seu lugar. Sabia que ele me fez uma proposta no mês passado? – Ela olhou para o espelho uma última vez e foi em direção à porta, com Rich em seus calcanhares.

– O velho MacAllister não consegue mais ler uma linha na frente do nariz e você sabe disso, Sullivan. Com sorte, você iria vender um exemplar para o porteiro do seu prédio com ele como agente. – Ele passou o próprio braço pelo dela e a guiou para uma sala privada onde Annabeth esperaria até ser anunciada.

Ela resmungou, mas sabia que ele estava certo. Apesar de ser uma dor de cabeça na maioria das vezes, ela nunca poderia reclamar que Rich Temble não era bom no que fazia ou que a havia deixado na mão alguma vez.

E, se não fosse por Rich, ela também nunca teria ido a Beauty Lake.

Ela nunca teria conhecido Gabriel White.

Annabeth afastou os sentimentos conflitantes que a afligiram com aquele pensamento e voltou a se concentrar no que Rich parecia estar dizendo. Ele estava repassando mais uma vez a ordem do evento, lembrando alguns nomes que ela deveria citar, agradecendo a presença. Ela anuiu e logo depois se dirigiu para a porta que a levaria à sala principal da livraria.

Trinta minutos, cronometrados por Rich, depois, Annabeth se sentou atrás de uma larga mesa de mogno polido e começou a autografar os exemplares de seu novo livro para os fãs que faziam fila esperando por ela. Annabeth sorriu para a primeira pessoa, o crítico de algum jornal importante que Rich fizera questão de selecionar para abrir a fila, e assinou.

Aquele primeiro autógrafo mexeu com seus sentimentos e ela piscou duas vezes para se impedir de chorar. A emoção de ter se superado e conseguido dar a volta por cima inundou seu coração.

– Estava com saudades de um livro seu, Annabeth.

Ela sorriu para um amigo escritor que sempre a prestigiava e estendeu a mão para apertar a dele.

– E eu fico feliz de estar de volta. Obrigada pela presença, Dan.

Rich permanecia ao seu lado, sempre polido e agradável, lançando comentários para cada pessoa que conhecia, agradecendo a presença de todos, garantindo que aquele livro valeria qualquer espera em uma fila. Ela teve que dar o braço a torcer e aplaudi-lo mentalmente pela recepção positiva que aquilo causava.

A fila era composta de todo tipo de pessoas. Fãs novos que sorriam de forma ansiosa para ela, fãs antigos que a acompanhavam há anos e lhe diziam palavras gentis sobre seu trabalho, alguns rostos familiares, amigos de longa data e até alguns poucos amigos de Mark que não tinham deixado de prestigiá-la com o fim do casamento dos dois. Aos poucos, o nervosismo dela abrandou e Annabeth passou a aproveitar aquele momento que era a culminância de tantos meses de suor e preparação. Depois de cinquenta assinaturas, as coisas ficavam quase automáticas: levantar a cabeça quando a sombra de alguém caía sobre ela, perguntar o nome, assinar, sorrir e agradecer. Annabeth caiu no ritmo constante da sessão de autógrafos, o pensamento perdido entre nomes e palavras de agradecimento.

Annabeth o sentiu antes que ele falasse.

Sua respiração parou na garganta quando uma mão que ela conhecia tão bem empurrou devagar um livro na sua direção.

– Para Gabriel – a voz disse, tão perto quanto uma respiração.

Ela ergueu o rosto devagar, o pulso batendo acelerado, e encarou o homem que estava em pé na sua frente.

Annabeth sabia que Gabriel era um homem bonito, mas nada a tinha preparado para vê-lo depois de tantos meses. Ele parecia igual, mas ao mesmo tempo diferente. Os olhos ainda eram escuros e profundos, a barba cerrada e espessa, os ombros largos e imponentes. Mas ele também estava diferente, as roupas mais formais do que ela já vira, os cabelos cuidadosamente penteados para trás, sinal de que ele não passara a mão entre eles. Ainda.

Annabeth quase ofegou com a vontade que teve de levantar, passar as mãos entre os fios e trazê-lo para ela. Provar que ele não era uma miragem, um produto da sua saudade.

Meu Deus, ela sentira falta dele demais.

Gabriel manteve o olhar dela, e ela percebeu que ele queria dizer muito mais do que poderia naquele momento. Ele parecia nervoso com o ambiente e tímido como um animal saído de uma jaula e que não sabe exatamente como se portar em um novo espaço.

Ele estava ali.

Annabeth saiu do transe quando sentiu o toque delicado, porém expressivo, de Rich nas suas costas. Então ela olhou ao redor e se deu conta de

que o mundo não havia parado como ela imaginara enquanto olhava para Gabriel. As pessoas ao redor encaravam os dois, curiosas com aquela súbita mudança de protocolo, e Rich olhava dela para Gabriel como se tentasse decifrar um enigma.

Ela gostaria de estalar os dedos e fazê-los sumir.

Annabeth balançou a cabeça e voltou a atenção para o livro que Gabriel empurrara para ela. Com mãos suadas, puxou o exemplar para si e abriu na folha de rosto. Seus dedos trêmulos escreveram o nome de Gabriel e ela estendeu o livro de volta para ele, sem saber como agir. Sabia que devia estar parecendo uma colegial que recebia atenção pela primeira vez do seu amor de verão.

– Obrigada por comparecer, Gabriel – disse encarando os olhos dele.

– Eu não poderia deixar de vir – foi resposta firme dele. – Eu me sinto estranhamente ligado a esta nova história que, por sinal, é muito boa.

Um leve sorriso brincou no canto dos lábios dele e Annabeth resistiu por pouco ao impulso de levantar, ignorar a fila parada atrás dele e beijá-lo ali mesmo. Será que ele podia ler no rosto dela o quanto ela queria que ele ficasse? O quanto queria que ele a abraçasse?

– Você já leu? – perguntou, surpresa e emocionada.

– Um amigo meu me ensinou a comprar na pré-venda. É uma ótima história. Diria que a melhor de todas.

Ela sorriu para ele, o coração transbordando de tanta coisa. Tanta.

– Annabeth. – Rich se postou ao lado dela, a voz um pouco nervosa. – Podemos passar para o próximo?

– Eu espero que possa ficar durante todo o evento, Gabriel – disse para ele, ignorando a urgência na voz de Rich.

– Eu pretendo ficar – foi a resposta dele seguida de um aceno de cabeça e um sorriso que, ela sabia, era totalmente dela e para ela.

Ele sumiu na multidão que aguardava e recebeu olhares curiosos por onde passava. Ela sabia que ele era uma figura curiosa, mais alto que todos, forte e imponente. Ela o seguiu com os olhos até ele sumir entre as estantes.

Annabeth não guardou mais nada depois daquele breve encontro. Mais de cem pessoas passaram pela sua frente sem que ela registrasse sequer uma delas em sua memória. Ela assinou nomes que nunca mais se lembraria e disse palavras que eram esperadas dela para todos, mas seu coração estava em outro lugar. Sua cabeça estava em outro lugar. Estava em um homem que havia percorrido quilômetros para vê-la. Um homem que havia lido seu livro assim que saiu porque se importava com o que ela fazia. Porque tinha uma ligação com ela.

Por que Annabeth havia duvidado do que era certo fazer por tanto

tempo?

Ali estava a resposta para os últimos meses de agonia que ela havia passado. Quando escutou a voz dele, foi como se tudo voltasse para o lugar, como se o mundo ao seu redor finalmente entrasse em foco e fizesse sentido. Annabeth não tinha mais dúvidas do amor que sentia por Gabriel e que ela faria de tudo para estar com ele. Ela havia tentado escapar só para descobrir que seu lugar era o lugar do qual ela havia fugido.

Quando o último livro foi assinado, Annabeth ignorou as perguntas ansiosas de Rich (Quem era aquele cara? Por que vocês estavam olhando de um para o outro como se estivessem em um maldito filme de comédia romântica?) e se levantou apressada, à procura de Gabriel.

O seu clichê. O seu romance de livro açucarado.

Ela percorreu cada canto da livraria, acenando distraída para quem tentava tirar dela mais do que meia palavra, se esquivou de uma entrevista, pediu desculpas a uma senhora que segurou seu braço para contar o quanto havia gostado das cenas de ação da nova história. Quase tropeçou em uma mesa no meio do caminho. Onde ele estava?

Quando o desespero começou a tomar forma na sua garganta e ela achou que tudo não passara de uma visão ou, pior ainda, que ele já tinha ido embora e desistido dela, Annabeth o avistou, encostado em um pilar na entrada da livraria, sozinho e iluminado pela luz da rua.

Ele segurava o livro dela em uma mão e a outra estava dentro do bolso.

Ele havia esperado por ela.

– Você fez uma longa viagem para assinar o livro. – Ela atravessou as portas duplas e se postou ao lado dele, olhando para as luzes da rua e as pessoas que passavam apressadas, aproveitando o calor da noite. Sua voz parecia incerta, testando o tom que deveria usar com ele.

– É um livro muito bom. Achei que valia o esforço.

– Eu fico feliz que tenha gostado. E apreciei ainda mais o fato de você ter vindo autografá-lo.

– Eu não menti quando disse que essa é a melhor de todas as suas histórias. E eu li todas elas, sei do que estou falando. – Ele sorriu.

– Eu estava feliz quando o escrevi. Talvez isso o torne especial.

Eu estava apaixonada.

Gabriel finalmente olhou para ela e os dedos de Annabeth formigaram com a vontade de tocá-lo.

– Gabe, eu...

Ele se aproximou e o calor do seu corpo a atingiu.

– Annabeth... Eu vim porque queria prestigiar o lançamento do livro sim,

mas também estou aqui por outro motivo. Eu não sou muito bom com as palavras e você sabe disso, mas vou tentar hoje. – Ele passou as mãos pelos cabelos, como ela sabia que ele fazia quando estava frustrado ou nervoso. Annabeth podia citar mais uma dezena de manias de Gabriel. – Eu entendi o que você quis dizer com a carta, que precisava de um tempo para entender melhor o que sentia e para decidir se voltaria ou não. E eu esperei, Annabeth. E disse a mim mesmo que não importava se se passassem anos, eu estaria ainda esperando. Mas sabe de uma coisa? – Ele olhou para um ponto além dela e depois de volta para Annabeth capturando o olhar dela com o seu. – Eu descobri que não quero mais esperar. Eu não consigo. Eu vim aqui hoje para prestigiar esse momento porque sei o quanto ele é importante para você, mas eu também estou aqui porque preciso saber se nós temos alguma chance. – As palavras de Zachary lhe voltaram à mente. – Eu acho que nós merecemos um sim ou um não, Annabeth.

– Gabe...

Ele pigarreou, tentando encontrar todas as palavras que seu coração desajeitado queria dizer.

– Eu amo você, Annabeth. Eu amo você como nunca amei ninguém e sei que nunca vou amar. Então eu estou aqui para olhar para você e saber se você ainda sente o mesmo. Porque eu prefiro que você me mande embora, caso não sinta nada, do que imaginar como poderia ser. E, se a resposta for sim, eu estou disposto a fazer o necessário para que a gente tente, Annabeth. Se eu precisar me mudar para cá ou se você quiser que eu construa uma casa de vinte cômodos na beira do lago para que a gente nunca mais precise passar mais de meia hora na mesma sala, eu farei. Apenas me diga.

Annabeth levou a mão à boca para abafar a risada súbita e a felicidade borbulhante que lhe subiu pela garganta. Ela não podia acreditar. Annabeth olhou para Gabriel; olhou para aquele homem que, no início, lhe parecera um ogro arrogante, para o homem que havia salvado a sua vida, para o homem que a havia abraçado e beijado e compreendido como ninguém antes compreendera. Para o homem que havia secado suas lágrimas em frente a uma lareira com a ponta dos dedos. Para o homem que havia ficado para trás por um capricho seu e, mesmo assim, esperado por ela.

Ela deu um passo na direção dele, erguendo o rosto para encará-lo.

Ali estava seu Gabriel. O seu coração.

– Quando eu vi você na minha frente hoje, Gabriel, achei que um milagre havia acontecido. Sabe por quê? Porque eu havia decidido pela manhã, quando acordei, que a primeira coisa que eu faria após o lançamento do meu livro seria pegar o próximo avião até Beauty Lake e bater na sua porta. E eu imploraria para

que você me aceitasse de volta. Porque eu fui tola e os últimos meses foram difíceis e estranhos.

Annabeth pegou as mãos dele entre as suas e as levou até os lábios, depositando um beijo em cada palma.

– Eu fugi de muitas coisas na vida, pelo simples medo de encará-las ou de enfrentar o cotidiano. Eu sempre busquei o diferente, fugindo do clichê do dia a dia porque achei que isso me traria mais felicidade do que as coisas que todo mundo costuma fazer. E então eu encontrei você. E você me mostrou que não há nada de errado em amar as coisas simples e os momentos comuns. Existe felicidade em qualquer situação trivial se estivermos dispostos a vê-la. Mesmo assim, eu fugi do que sentia por você. E você sabe o que aconteceu? – Annabeth não tentou segurar as lágrimas que escorreram pela sua face naquele momento. Porque elas eram sinceras e para ele. – Eu voltei para cá apenas para ter todo o sentimento que tenho por você ser jogado de volta na minha cara dia após dia. Cada vez que eu acordava e olhava para as paredes e para a paisagem que não eram aquelas que nós dividimos, meu coração sangrava de saudade. Eu voltei para descobrir que esse não é mais o meu lugar, Gabe. E que você estava certo. Eu quero voltar. Eu preciso voltar. Então sim. A resposta é sim.

Gabriel a puxou para um beijo, urgente e quente como a noite que os rodeava. Ele não conseguia acreditar no que ela estava lhe dizendo. Que ela voltaria. Que ele acordaria todas as manhãs com Annabeth ao seu lado, como seus sonhos haviam mostrado em todas as noites mal dormidas que ele enfrentara nos últimos meses.

– Há um lugar para você em Beauty Lake – disse ao separar a boca da dela. – Comigo. Há um lugar para você desde o dia em que partiu.

Ela riu contra a boca dele, sem se importar com o fato de que estava chorando e molhando os dois.

– Você me aceita? Uma escritora de livros policiais estranha e louca, cheia de manias? Pode ser bastante difícil, você sabe.

– Acho que posso abrir uma gaveta ou duas para você.

– Querido, você vai precisar abrir mão de muito mais do que duas gavetas. – Ela riu entre as lágrimas. – Estava pensando mais em uma variação daquela casa de vinte cômodos que você acabou de citar. Mas acho que posso viver em um lugar que tenha pelo menos uma divisória entre a sala e o quarto.

– Não acredito que você não vai sugerir que a gente viva na cabana número cinco para sempre.

– A gente pode viver na cabana se a colocarmos abaixo e construirmos outra casa muito maior em cima, meu amor.

Os olhos dele ficaram sérios de repente.

– Annabeth... Você tem certeza sobre isso? Sobre largar tudo e viver em Beauty Lake? Eu não tinha intenção de fazê-la viver lá contra a sua vontade, na verdade, eu estava disposto a...

– Sssh. – Ela colocou um dedo sobre os lábios dele, impedindo-o de continuar. – Gabriel. Eu quero voltar porque amo você, sim. Mas também porque eu me apaixonei por Beauty Lake. Eu caminhei por aquelas ruas, eu conversei com as pessoas, eu sentei na beira do lago e imaginei como seria ter isso todos os dias. A paz e o sossego. A imensidão ao olhar para fora da janela. Há felicidade em Beauty Lake e sua simplicidade. Eu quero voltar por você, mas também quero voltar por mim. Eu pensei muito nisso nos meses que fiquei aqui. A vida que eu vivi antes foi maravilhosa, mas, como todo ciclo, eu já o completei. E agora eu sinto que é hora de reiniciar, de nascer outra vez e dar início a mais uma etapa. E você está nela, Beauty Lake está nela. Eu vou viver e escrever lá e eu vou acordar pela manhã e amá-lo cada dia mais por estarmos juntos. Nos livros, sempre existe um momento em que o personagem se reconhece em casa. Bem, eu percebi nos últimos meses que achei a minha casa e ela não é aqui. Eu achei o lugar ao qual pertenço. E, para a minha sorte, o meu amor e meu coração estão no mesmo lugar.

Ele a puxou de encontro a si e abraçou.

– Você sabe que eu nunca conseguirei dizer coisas bonitas como essa para você, não sabe?

– Talvez não em palavras. Mas você me diz todas elas do jeito que me abraça e me beija, Gabriel. Você tem a sua própria poesia. Me perdoe por demorar tanto tempo para chegar a essa conclusão.

– Acho que nós dois temos um problema com tomar as rédeas da situação. Se não fosse por Zach, eu ainda estaria sentado na minha cadeira esperando que algum dia você decidisse aparecer.

– Zach?

– Ele me disse algumas coisas que eu precisava ouvir sobre ir atrás da mulher que eu amo.

– Então acho que ambos temos uma dívida com ele.

– Pode apostar que ele vai cobrar.

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou, concentrando toda a saudade que sentira naquele toque e a alegria de finalmente estar com Gabriel.

Ele riu e olhou por cima de Annabeth como se se lembrasse de algo.

– O que foi?

– Você lembra da primeira vez que nos encontramos?

– Sim. Você foi terrivelmente grosseiro e me deu uma caixa de primeiros socorros. Além de insinuar que eu não era inteligente o suficiente para acender a

lareira.

– Eu fiz tudo isso? – Ele franziu o cenho para ela.

– Uhum. Eu não sei como pude perdoá-lo. Do que você estava lembrando?

– Que eu nunca poderia imaginar que minha vida mudaria por causa daquela mulher pequena e de cabelos desgrenhados que abriu a porta para mim segurando um atizador de fogo atrás das costas.

Annabeth sentiu o rosto esquentar.

– Eu não estava segurando um atizador de fogo.

– Sim, você estava.

Ela balançou os ombros, dando-se por vencida.

– Você não pode culpar uma garota por buscar meios de se defender de um homem do tamanho de um urso.

– Eu fico feliz que você não tenha usado o atizador em mim. Viu só onde chegamos?

– Muito longe.

– Sim. Muito longe.

– Talvez as coisas não sejam perfeitas no começo, Gabe. Talvez eu infurnize sua vida com as minhas conversas constantes, meus livros e manias, talvez a gente se irrite com opiniões contrárias, mas sei que daremos um jeito.

– Não existe nada mais que eu deseje nesse mundo do que ser infurnizado pela sua conversa constante e seus livros policiais, Sullivan. No entanto... – Ele arqueou uma sobrancelha de forma irônica. – Talvez nós possamos encontrar um computador com um teclado menos barulhento.

– Não. Aquele é o meu computador da sorte. Você vai ter que conviver com ele até a bateria explodir.

– Não me dê ideias.

Annabeth jogou a cabeça para trás com uma gargalhada e o puxou para mais um beijo.

– Eu amo você, Gabriel White. De forma romântica, doce e piegas.

– Fico feliz em saber disso. Porque eu estava tão esperançoso de que você voltaria para mim que existe um anel esperando você sobre a mesa da minha cozinha e pretendo fazer um pedido ajoelhado no chão como mandam os romances que você abomina.

Existiam momentos nas histórias que ela escrevia em que todas as coisas pareciam se encaixar, o enredo caminhava para uma conclusão e o mundo parecia finalmente estar alinhado. Aquele foi o momento, para Annabeth, em que todas as suas dúvidas e medos finalmente saíram do caminho e deram lugar ao desfecho perfeito para a sua própria história.

– E eu direi sim, como toda boa e previsível história de amor. Eu direi sim!

– Você acha que esse é o final satisfatório para a nossa história de amor?

– Eu acho que esse é o final mais bonito, perfeito e clichê que poderia existir. E que nós seremos felizes para sempre, como deve ser.

Gabriel a puxou para um último beijo antes de eles voltarem para dentro da livraria, de mãos dadas. Juntos.

Como estava escrito nas entrelinhas.

Desde o início.

SUMÁRIO

<u>1</u>
<u>2</u>
<u>3</u>
<u>4</u>
<u>5</u>
<u>6</u>
<u>7</u>
<u>8</u>
<u>9</u>
<u>10</u>
<u>11</u>
<u>12</u>
<u>13</u>
<u>14</u>
<u>15</u>
<u>16</u>
<u>17</u>
<u>18</u>